

BENILDE MARIA LENZI MOTIM

**FAMÍLIAS MIGRANTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE
CURITIBA: SOCIABILIDADE E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA**

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do grau de Doutor em História.
Curso de Pós-Graduação em História, Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto A. dos
Santos

CURITIBA

1999

BENILDE MARIA LENZI MOTIM

FAMÍLIAS MIGRANTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA:
SOCIABILIDADE E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pela Banca formada pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Antunes dos Santos

Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Rabah Benakouche

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Nelson Tomasi

Universidade Estadual de Londrina

Profª Dra. Marília Gomes de Carvalho

Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

Profª Dra. Paula Inês da Cunha Gomide

Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 29 de junho de 1999

[...]
A vida é assim!
Um pouco do tudo:

do sofrer e amar,
do perder e achar,
do sorrir e chorar!

Dos caminhos incertos,
de um sorriso incerto,
de um amor incerto,
de uma paz incerta...

Sandra Mara. Tempo Incerto.
Expressões, 1990

Às famílias migrantes,
pela esperança e persistência
com que enfrentam o cotidiano.

A Cezer, Viviane, Eduardo, Iolanda e demais
familiares, pelo apoio e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Carlos Roberto Antunes dos Santos, pela orientação e incentivo sempre renovado.

Aos Professores Doutores Paula Gomide e Dimas Floriani, pelas sugestões recebidas.

Aos colegas dos Departamentos de Ciências Sociais e História, que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta tese, em especial à Silvia M^a Pereira de Araújo e à Maria Tarcisa S. Béga.

À Tatiana Falleiros, pelo trabalho de transcrição das histórias de vida.

À Maria de Fátima N. Lins Paul, pelas revisões prévias.

Ao Carlos Alberto C. P. Marinho e Alphonse M. Dib, pela assessoria técnica.

À Antônia Schwinden pelo trabalho de revisão final do texto.

À Universidade Federal do Paraná, pela oportunidade desta pesquisa e, ao Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, pelo apoio.

De modo especial, aos professores doutores que fizeram parte da Banca Examinadora, por sua contribuição e crítica.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS.....	vii
RESUMO.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
1. O CONTEXTO HISTÓRICO DAS MIGRAÇÕES E TRAJETÓRIAS DE	
FAMÍLIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA.....	26
1.1 REFLEXÕES E DADOS SOBRE O CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES.....	26
1.2 TRAJETÓRIA DAS FAMÍLIAS MIGRANTES POBRES QUE VIVEM NA REGIÃO	
METROPOLITANA DE CURITIBA.....	43
2. CARACTERIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS DAS FAMÍLIAS MIGRANTES....	58
2.1 COMPOSIÇÃO FAMILIAR E CONTROLE DA NATALIDADE.....	65
2.2 ESTADO CIVIL.....	73
2.3 RELIGIÃO.....	75
2.4 GRAU DE INSTRUÇÃO.....	77
3. TRABALHO, DESEMPREGO E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA	
ENTRE OS MIGRANTES POBRES.....	81
3.1 OCUPAÇÃO ANTES DE MIGRAR PARA A RMC.....	81
3.2 MIGRAÇÃO E ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA.....	87
3.3 INSERÇÃO OCUPACIONAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE	
CURITIBA.....	89
3.4 CUIDADO E EDUCAÇÃO DE FILHOS E NETOS.....	105

3.5 HABITAÇÃO E ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA.....	108
3.6 PROCURANDO GARANTIR A SAÚDE.....	111
4. FORMAS DE SOCIABILIDADE.....	115
CONCLUSÕES.....	134
ANEXOS.....	140
LISTA DE ANEXOS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR CONSULTADA.....	195
FONTES.....	202

LISTAS DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

TABELA 1 - Distribuição dos migrantes conforme a procedência segundo tempo de residência na RMC	45
TABELA 2 - Distribuição dos migrantes por faixa etária, segundo local de nascimento	45
TABELA 3 - Trajetórias dos migrantes, segundo faixa etária	46
TABELA 4 - Principais razões para migração, segundo a faixa etária	52
TABELA 5 - Migrantes da RMC, por tipo de habitação, segundo faixa etária	56
TABELA 6 - Migrantes por tipo de habitação e tempo de residência na RMC	57
TABELA 7 - Migrantes por faixa etária e tempo de residência	64
TABELA 8 - Número médio de filhos por família, segundo faixa etária	65
TABELA 9 - Média de idade ao casar segundo faixa etária	72
TABELA 10 - Distribuição dos migrantes por grau de instrução segundo faixa etária	78
TABELA 11 - Migrantes conforme grau de instrução, segundo a cor	79
TABELA 12 - Trabalho/ocupação dos pais dos migrantes	82
TABELA 13 - Trabalho de crianças e adolescentes no interior e outros estados, segundo o sexo	86
TABELA 14 - Trabalho/ocupação atual dos entrevistados e cônjuges na RMC	91
TABELA 15 - Trabalho/ocupação atual de filhos, noras, genros e netos dos entrevistados na RMC	92
TABELA 16 - Trabalho/ocupação de crianças e adolescentes ao chegarem à RMC, segundo sexo	100
TABELA 17 - Tipo de lazer dos migrantes, segundo tempo de residência na RMC	121

TABELA 18 - Brincadeiras e lazer de crianças e adolescentes.....	128
GRÁFICO 1 - Trajetórias do migrantes até a RMC segundo faixa etária	46
GRÁFICO 2 - Distribuição percentual dos migrantes segundo trajetória	48
GRÁFICO 3 - Principais razões para a migração, segundo faixa etária	53
GRÁFICO 4 - Número de migrantes por faixa etária e tempo de residência na RMC ...	64
GRÁFICO 5 - Distribuição percentual da população economicamente ativa, ocupados, desempregados e inativos, segundo faixa etária em Curitiba-1995	103
GRÁFICO 6 - Distribuição percentual dos ocupados, segundo setor de atividade, em Curitiba - 1995.....	104
FIGURA 1 - Fluxograma: Trajetórias dos migrantes.....	49
QUADRO 1 - Fecundidade, planejamento familiar e adoção, no interior	66
QUADRO 2 - Fecundidade, planejamento familiar e adoção, na RMC	66
QUADRO 3 - Migrantes da RMC, segundo faixa etária, registro em carteira e trabalho/função atual	83
QUADRO 4 - Trabalho na lavoura e organização familiar I (ANEXO I).....	143
QUADRO 5 - Trabalho na lavoura e organização familiar II (ANEXO I) *	144
QUADRO 6 - Estratégias quanto à saúde, no interior	112
QUADRO 7 - Estratégias quanto à saúde na RMC	113

* Como estes, outros quadros temáticos e planilhas constam dos anexos e estão relacionados na Lista de Anexos, em seção específica.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo compreender o processo histórico das migrações no Paraná, a partir do ponto de vista das famílias migrantes pobres. Analisamos a dinâmica das relações que se estabeleceram a partir do trabalho e do cotidiano delas, visando perceber as diferentes formas de inserção e de sociabilidade desenvolvidas por essa população, em sua trajetória. O objeto desta pesquisa está constituído pelas famílias migrantes pobres e suas trajetórias, enquanto agentes de um processo histórico relativamente recente de transformações, seja na agricultura, na família, no trabalho, seja no ambiente urbano. Procuramos perceber os mais diversos e amplos aspectos que influíram nas decisões desses migrantes em favor de determinadas opções para a sobrevivência, entre elas a própria migração. Acompanhando histórias de vida de famílias migrantes que vieram entre 1965 e 1995, aproximadamente, elaboramos uma análise das estratégias de sobrevivência utilizadas por uma parcela da população de Piraquara e Pinhais. No decorrer desse período, eclodiram as grandes transformações na dinâmica migratória do Estado do Paraná: reversão das tendências migratórias do Estado e intensificação da migração em direção à Região Metropolitana de Curitiba. Foi nesse período que as famílias pesquisadas nela se instalaram. Analisamos questões como: o significado e o valor do trabalho para o segmento considerado; o peso ou o apoio que a família e as redes de parentesco e vizinhança representam na vida destes grupos; quais as características destas famílias em momentos distintos; quais são suas estratégias de sobrevivência; quais as formas de sociabilidade que se elaboraram. Partimos do pressuposto que: as famílias pobres que migraram para a RMC, vindas do interior do Paraná ou de outros Estados, criaram durante o processo migratório e, mesmo depois de nela estabelecidos, algumas estratégias de sobrevivência específicas; as formas de sociabilidade deste grupo de migrantes parecem explicar-se por sua inserção socioeconômica e familiar, sua origem rural e por fatores culturais como a religião e a educação. Assim, as mudanças pelas quais passaram e a experiência da instabilidade e da insegurança fizeram com que eles criassem ou recriassem algumas formas de sociabilidade. Analisamos, ainda, até que ponto as formas de sociabilidade características do ambiente urbano foram incorporados no cotidiano destas famílias. A abordagem é histórico-sociológica, insere-se na problemática dos “*modos de vida*” e constitui-se como parte do que se convencionou chamar de *história do presente*. Trabalhamos com histórias de vida e questionários, dados estatísticos secundários, e procedimentos da análise de discurso. Elaboramos: um quadro do contexto histórico das migrações e das trajetórias destas famílias migrantes até sua inserção na RMC; uma revisão bibliográfica parcial, direcionada à construção do pano de fundo para a análise do tema. Ainda, uma caracterização das famílias pesquisadas e suas experiências, considerando variáveis importantes para mapear estratégias de sobrevivência e sociabilidade. Construímos uma análise temática que leva em consideração, as diferentes gerações e espaços – interior e RMC. Analisamos o lazer e a participação dos membros das famílias em diferentes círculos sociais.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa desenvolveu-se por duas razões básicas. A primeira está ligada à nossa atuação como professora e pesquisadora, que guiou, até certo ponto, a escolha da temática. Por um lado, entre nossas reflexões e interesses, estiveram sempre presentes questões ligadas ao trabalho e aos trabalhadores de uma maneira geral. Por outro, durante o Mestrado, procuramos aprofundar os estudos sobre a estrutura agrária brasileira.

Esse contato com a bibliografia e com os dados referentes aos temas citados levou-nos observar que havia muitas informações e estudos sobre as migrações internas no Brasil, mas não havia muitas pesquisas que buscassem perceber, do ponto de vista das famílias migrantes, como o processo migratório influenciou em sua organização para a sobrevivência material e social. Em geral, os estudos procuram elaborar uma análise das estatísticas sobre população ou da política econômica e suas repercussões na agricultura e/ou no êxodo rural; outros estão centrados nas novas formas de produção e/ou as consequências da modernização agrícola sobre o pequeno produtor; outros, ainda, tratavam da inserção dos migrantes no ambiente urbano ou do aumento da população nos centros urbanos.

Reconhecendo a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para a compreensão do processo histórico das migrações no Paraná, com toda sua riqueza, e percebendo que atualmente existe uma tendência de aproximação e conseqüente integração entre as diversas ciências humanas, procuramos estudar este processo do ponto de vista das famílias. Buscamos, portanto, a dinâmica das relações que se estabeleceram a partir do trabalho e do cotidiano

delas, visando perceber as diferentes formas de inserção e de sociabilidade desenvolvidas por essa população, em sua trajetória.

A segunda razão que motivou esta pesquisa está relacionada às condições de instabilidade dos migrantes pobres, ou dos pobres em geral, que vivem na Região Metropolitana de Curitiba – durante a pesquisa denominada apenas de RMC. Tal realidade impõe diversos questionamentos como: quem seriam essas famílias que passaram a habitar as áreas limítrofes entre Curitiba e outros municípios da Região Metropolitana, e que se mantêm naquelas áreas há muitos anos, mesmo enfrentando problemas freqüentes com as enchentes, falta de infra-estrutura urbana, entre outros? Ainda, como uma parte dessas famílias pobres conseguiu sobreviver, apesar dos baixos salários e das demais dificuldades, sem transformar-se em favelados e sem tornar-se parte das ocupações de terrenos, da Região Metropolitana de Curitiba?

Assim, o objeto desta pesquisa está constituído pelas famílias migrantes pobres e suas trajetórias enquanto agentes de um processo histórico relativamente recente de transformações, seja na agricultura, na família, no mercado de trabalho, seja no ambiente urbano. Procuramos perceber os mais diversos e amplos aspectos que influíram nas decisões desses migrantes em favor de determinadas opções para a sobrevivência, entre elas a própria migração.

Acompanhando histórias de vida de famílias migrantes que vieram entre 1965 e 1995, aproximadamente, elaboramos uma análise das estratégias de sobrevivência utilizadas pela população migrante pobre da Região Metropolitana de Curitiba – RMC, em especial um segmento da população de Piraquara e Pinhais. A ênfase recaiu principalmente sobre esse período de trinta anos, porque foi no decorrer dele que eclodiram as grandes transformações na dinâmica migratória do Estado do Paraná: reversão das tendências migratórias do Estado e

intensificação da migração em direção à Região Metropolitana de Curitiba. Foi, portanto, nesse período que as famílias pesquisadas nela se instalaram.

Para que se compreendam este período e a trajetória percorrida pelas famílias migrantes, pesquisamos a história das migrações internas no Brasil, a partir das décadas de 1940 e 50, datas apontadas pela bibliografia como marcos deste processo.

Procuramos examinar questões como: o significado e o valor do trabalho para o segmento considerado; o peso ou o apoio que a família e as redes de parentesco e vizinhança representam na vida destes grupos; quais as características destas famílias em momentos distintos; quais são as estratégias de sobrevivência dessas famílias; quais as formas de sociabilidade que se elaboraram. Partindo destes questionamentos, elaboramos duas hipóteses abrangentes com suas respectivas peculiaridades:

- 1) As famílias pobres que migraram para a Região Metropolitana de Curitiba, vindas do interior do Paraná ou de outros Estados, criaram, durante o processo migratório e mesmo depois de nela estabelecidas, algumas estratégias de sobrevivência específicas, entre as quais destacam-se:
 - a) a migração mediatizada e apoiada pelas redes de parentesco e vizinhança, que representam o socorro em momentos críticos, ou mesmo no cotidiano;
 - b) a aceitação de ocupações caracterizadas pelo trabalho não qualificado e pela ausência do registro formal;
 - c) a participação da mulher no mercado de trabalho, em ocupações relacionadas aos afazeres domésticos – diaristas, domésticas, lavadeiras, babás, faxineiras e cozinheiras – que permitem auferir vantagens não exclusivamente monetárias, facilitam o contato com pessoas que as auxiliem na colocação de outros membros

da família no mercado de trabalho, além de possibilitarem a conciliação entre casa e trabalho;

- d) nos períodos de desemprego, os homens recorrem ao trabalho temporário e a mulher procura ocupar-se com atividades que aumentem os recursos da família;
- e) os idosos participam de atividades remuneradas, mesmo que já sejam pensionistas ou aposentados, ou cuidam das crianças para que os demais membros adultos da família possam trabalhar, mas também visando transmitir e preservar valores que consideram importantes;
- f) o terreno é utilizado de forma comunitária pelos parentes – em geral pais e filhos casados – que embora residam em casas separadas, têm algumas despesas compartilhadas e refeições feitas em comum;
- g) as famílias que migraram para a RMC nas décadas de 1960 e 70 recorreram ao trabalho dos filhos – crianças ou adolescentes – como forma de garantir a sobrevivência também na cidade, o que dificultou ou impediu a permanência deles na escola.

2 – As formas de sociabilidade deste grupo de migrantes pobres parecem explicar-se por sua inserção socioeconômica e familiar, sua origem rural e por fatores culturais como a religião e a educação:

- a) as mudanças pelas quais passaram e a experiência da instabilidade e da insegurança fizeram com que eles criassem ou recriassem algumas formas de sociabilidade;
- b) até que ponto as formas de sociabilidade características do ambiente urbano foram incorporadas no cotidiano destas famílias.

Esta pesquisa tem o intuito de explicar as estratégias de sobrevivência de famílias migrantes pobres e as formas de sociabilidade desenvolvidas por estas em sua trajetória histórica. A expressão “*estratégias de sobrevivência*” possui uma conotação relacionada às questões socioeconômicas, ou seja, indica basicamente as formas como as pessoas mobilizam meios ou recursos socioeconômicos visando atender suas necessidades de sobrevivência.¹ Nesta pesquisa, consideramos os aspectos materiais e culturais implicados na escolha de tais estratégias. Analisamos a forma como as famílias migrantes procuraram garantir sua sobrevivência biológica e cultural. A luta pela sobrevivência, para elas, é permanente e significa empreender um esforço cotidiano pela vida. Implica buscar, de várias maneiras, colocar-se e manter-se no mercado de trabalho, garantir uma moradia para sua família, possibilitar a assistência médica e a educação formal dos filhos, recorrer a diversas formas de complementação do orçamento doméstico para não faltar o alimento, além de buscar a ajuda de outras pessoas que possam auxiliar na tarefa de educar os filhos, com vistas a transmitir e preservar determinados valores que consideram fundamentais.

Abordamos o tema a partir das histórias de vida das famílias pesquisadas e da análise dos “*modos de vida*”, uma vez que estes supõem a análise dos aspectos econômicos e socioculturais. Entende-se que, na busca da sobrevivência, essas famílias optam por determinadas estratégias. Estas escolhas seriam estabelecidas de acordo com a dinâmica cultural do grupo e suas experiências concretas, características de uma trajetória histórica específica. A análise efetiva-se a partir de dois pontos de vista complementares e inter-relacionados: as condições de vida e trabalho por um lado e, por outro, as práticas e

¹ **Sobrevivência** é entendida aqui principalmente como “o que permanece de uma situação antiga ou de um antigo sentimento” cfe. Dicionário Aurélio escolar da língua portuguesa, p.606. E sobreviver teria então o

representações. Procuramos, na medida do possível, romper com a dicotomia entre “condições e práticas subjetivas”, pois entendemos que há uma constante interação entre estes elementos.

Esta problemática referente às condições de vida e de trabalho e às práticas dos trabalhadores nos remete às proposições de Thompson, no sentido de ressaltar a importância do estudo dos trabalhadores e de suas experiências. Le Goff, apesar de defender uma abordagem distinta, é lembrado aqui, pela análise marcante que realiza sobre a história do cotidiano, que requer um olhar multidisciplinar. Do ponto de vista teórico, esta pesquisa fundamenta-se principalmente na sugestão de Bourdieu no sentido de uma superação das dicotomias entre objetivismo e subjetivismo e do uso das noções de “*habitus*” e “*estilos de vida*”.² Assim, a pesquisa insere-se na problemática dos “*modos de vida*” e pode ser também classificada enquanto parte do que se convencionou chamar de *história do presente*.

Para a análise do objeto em questão, optamos pela *história oral* – concretizada por meio das histórias de vida – enquanto uma metodologia adequada ao estudo da *história do presente*. A *história do presente* é uma categoria dinâmica. Trata-se de estudar a sociedade no tempo, procurando explicar determinados processos que aí se desenvolvem e sua relação com o passado. O estudo do presente requer uma postura epistemológica aberta, com a utilização de fontes tradicionais e novas, escritas e orais.

A ênfase recai no tripé família, estratégias de sobrevivência e sociabilidade. A análise das estratégias de sobrevivência implicou o estudo do trabalho, da migração e das redes de parentesco, além de outras atividades que contribuem para a manutenção daquelas famílias e

sentido de escapar ou resistir apesar das situações novas que se apresentam, enfrentá-las e reagir no sentido de manter-se vivo, mas também preservar o que se considera fundamental.

² Entre outras obras, as que se seguem, influenciaram na formulação de conceitos e na metodologia de análise: THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; LE GOFF, Jacques. *A história nova*.

sua inserção na sociedade. A abordagem é histórico-sociológica, recorrendo às histórias de vida para resgatar a trajetória e o cotidiano das famílias estudadas, captando suas especificidades. O estudo compreende, portanto, diferentes gerações. Além das histórias de vida, foram aplicados alguns questionários que, juntamente com os dados estatísticos disponíveis, contribuíram para a análise.

A utilização das histórias de vida nas pesquisas antropológicas, sociológicas ou históricas é bastante adequada, principalmente, quando estas envolvem o estudo de questões culturais e estruturais e sua influência nas atitudes familiares e individuais. Ainda, quando há necessidade de se conhecer o significado de algumas instituições ou costumes para uma pessoa ou grupo.³

Quando se trabalha com histórias de vida e se busca explicar as razões de determinados comportamentos ou das mudanças que se processam num determinado grupo, é preciso também utilizarmos os procedimentos da análise do discurso.⁴ Este recurso nos permite dosar e identificar a fala dos entrevistados, percebendo até que ponto seu discurso visa a uma justificação da realidade, um encobrimento da verdade, ou se é um discurso livre e sincero. Permite identificar, ainda, até que ponto a prática dessas famílias é legitimada por explicações de caráter religioso, moral ou por argumentos que revelam a existência de determinados padrões de relações de gênero.

São Paulo: Martins Fontes, 1990; BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. (Org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1994; ——. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

³ Alguns cuidados essenciais foram tomados, entre eles: a) a elaboração de uma ficha do informante de cada uma das histórias de vida, constando dados pessoais, ocupação e informações sobre os filhos, visando registrar a situação atual do informante; b) registro dos depoimentos em gravação usando a “*técnica da liberdade*”, cuja intervenção somente ocorria quando necessário para aprofundar aspectos mencionados e que não ficaram claros; c) registro das condições em que a pesquisa ocorreu, o que possibilita refletir sobre a técnica utilizada e decidir sobre a necessidade ou não de retorno; d) anotações dos depoimentos considerados importantes e que não foram obtidos por meio de gravação.

⁴ Para uma discussão sobre tais procedimentos, ver: MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2.ed. Campinas: Pontes/Ed. UNICAMP, 1993. 198p.

A história de vida constitui uma biografia registrada pelo pesquisador, considerando desde as lembranças mais antigas do informante até as mais atuais. Ela permite abranger um período razoável, sendo esta uma das razões de sua escolha. Optou-se por associar às histórias de vida o uso de questionários, quando necessário, pois nem todas as pessoas das quais se precisa de informações, necessitam revelar toda sua trajetória de vida para que forneçam elementos essenciais à análise. As histórias de vida foram aplicadas primeiramente às pessoas mais idosas, ou que migraram há mais tempo; os questionários buscaram elementos que pudessem complementar informações obtidas nas histórias de vida e foram aplicados a outros familiares ou a pessoas de outras famílias, visando ampliar o leque de entrevistados.

Esta metodologia permite a análise de determinado período histórico, também a partir do significado que esta história adquire para o grupo pesquisado. Procuramos observar, entre outras questões, as possíveis mudanças que ocorreram na vida destas famílias quando passaram a viver sob novas condições socioeconômicas e culturais. A partir dos dados coletados, reconstruímos parcialmente a história destas famílias, possibilitando o conhecimento: das migrações, do ponto de vista dos migrantes; do trabalho e do emprego, do ponto de vista de trabalhadores que convivem com o desemprego, o subemprego e outras formas de obter sua subsistência; e das formas de sociabilidade que fazem parte de sua experiência.

A seguir, apresentaremos uma discussão acerca da *história do presente* e da estreita relação que esta mantém com a *história oral* e a memória, mostrando o estado da arte da bibliografia que aponta os alcances e limites desta metodologia. Para a elaboração da *história do presente*, vemos que a *história oral* e, portanto, o estudo de diferentes memórias é necessário e, em alguns casos, fundamental do ponto de vista metodológico. Assim, para a análise das estratégias de sobrevivência e dos modos de vida de famílias migrantes pobres,

optamos pela *história oral* enquanto uma metodologia possível, que permite, entre outras coisas, captar as experiências destes migrantes em diferentes momentos de sua vida.

Quando falamos em *história oral*, estamos nos referindo basicamente às histórias de vida, entrevistas e depoimentos pessoais. A *história oral* vem sendo bastante utilizada pela Antropologia e pela Sociologia há muito tempo, seja como única fonte de coleta de dados, ou associada a outras técnicas. Entre os historiadores, a opção pela *história oral* tem suscitado inúmeras críticas, principalmente devido à tradição do documento escrito, mas também em função de se estar lidando com a testemunha viva e acontecimentos relativamente recentes, ou seja, com um passado ainda presente, como se verá a seguir.

História do presente e memória.

A *história do presente*, como explica Marc Augé, tem como objeto as relações entre a história e a atualidade, ou seja, deve decifrar o que somos a partir do que já fomos.⁵ As mudanças que ocorreram no trabalho historiográfico, com a quebra do fetichismo do documento escrito e a utilização de novas fontes e novos métodos, permitiram a ampliação da análise histórica a segmentos da sociedade e a povos antes não estudados.

Esse tipo de história, com as novas perspectivas abertas, sugere o estudo das relações entre história e memória. Isto contribui para reafirmar que “...a história pertence, em primeiro lugar, a quem a viveu...”. Fazer a história do presente implica analisar também as relações entre historiador e testemunha, e entre passado e presente.⁶ Trata-se de interrogar seu próprio tempo, como define Josefina Cuesta:

⁵ MONSACRÉ, Hélène. Une histoire du présent. *Magazine Littéraire*, n. 307, Février, 1993, p.34

⁶ CUESTA, Josefina. *Historia del presente*. Madrid: Eudema, 1993. p.7.

Por historia del presente _ reciente, del tiempo presente o próxima, conceptos todos ellos válidos _ entendemos la posibilidad de análisis histórico de la realidad social vigente, que comporta una relación de coetaneidad entre la historia vivida y la escritura de esa misma historia, entre los actores y testigos de la historia y los propios historiadores ⁷

Sendo uma categoria dinâmica, a *história do presente* permite um enriquecimento da história com uma concepção interdependente e complementar entre passado, presente e futuro, mas a partir do presente, como diz René Remond,

A reintegração do tempo presente faz varrer da visão da história os últimos vestígios do positivismo: o historiador do tempo presente sabe o quanto sua objetividade é frágil, que seu papel não é o da chapa fotográfica que se contenta em observar os fatos, ele contribui para construí-los ⁸

Assim, a história do tempo presente é um “*remédio contra a racionalização a posteriori, contra as ilusões de ótica que a distância e o afastamento podem gerar*”. ⁹ Em razão deste envolvimento do historiador com seu objeto de estudo, reforçam-se as recomendações no sentido de evitar julgamentos, agir com rigor e discernimento, procurando manter um distanciamento crítico em relação ao objeto, já que há maiores dificuldades quando se estudam processos inacabados. No entanto, entendemos que se há uma parcela de subjetividade na elaboração deste tipo de história, ela está presente também em outras análises historiográficas, bem como em outras ciências sociais.

⁷ CUESTA, p. 11: “Por história do presente _ recente, do tempo presente ou próxima, conceitos todos eles válidos _ entendemos a possibilidade de análise histórica da realidade social vigente, que comporta uma relação de simultaneidade entre a história vivida e a escrita dessa mesma história, entre os atores e testemunhos da história e os próprios historiadores”.

⁸ RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta de M; AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996 p.208

⁹ RÉMOND, op. cit. p. 209

Neste ponto ressaltamos a necessidade de diálogo com as outras ciências sociais, o que leva à multidisciplinaridade. Alain Touraine atribui ao historiador das sociedades contemporâneas não só a busca do passado no presente, mas também o papel de situar-se na confluência entre a objetividade dos sistemas e a subjetividade dos atores. Seria o estudioso das intersecções entre sistemas e atores.¹⁰ Sob esta perspectiva, a complementaridade entre sociologia e história é fundamental ao historiador do presente, em razão de questões metodológicas e devido à experiência dos sociólogos com os tipos de fontes que somente nas últimas décadas passaram a ser aceitas mais amplamente entre os historiadores.

As dificuldades da *história do presente* são muitas, entre elas os obstáculos na consulta a arquivos, a falta de acesso a muitos documentos e a necessidade de construção das próprias fontes. Apesar disso, a *história do presente* é necessária e deve ser feita com os mesmos cuidados aplicados a outros campos. Para esta proposta de elaboração histórica, o estudo da memória é fundamental.

A memória individual constitui fundamento básico da memória coletiva ou social. Quando se propõe um estudo a partir de histórias de vida e entrevistas, é necessário entender as questões ligadas à memória individual e coletiva e suas implicações para a produção do conhecimento. Ao estudar a relação entre memória familiar, trajetórias individuais e processos históricos, Carneiro destaca alguns fatores que demonstram a eficácia das histórias de vida na explicação de processos históricos:

¹⁰ CUESTA, *op. cit.* p. 72

Ao reconstruir suas histórias de vida, os indivíduos recorrem normalmente a fatos ou pessoas que tenham sido relevantes seja na continuidade seja na mudança de um projeto individual que, na maioria das vezes, só é possível de ser formulado ou exteriorizado quando já faz parte do passado. É através deste distanciamento temporal que fatos pessoais se tornam sociais [...]. Ao se referir ao passado na reconstrução de sua própria história, o indivíduo busca o sentido das ações e fatos que marcaram o seu caminho específico, na relação com as trajetórias de outros indivíduos e com acontecimentos externos, oriundos dos processos históricos do qual foi sujeito e que, por fatores diversos permaneceram registrados em sua memória.¹¹

A memória histórica seria a apropriação seletiva dos fatos históricos que o grupo recorda. Assim, cada grupo pode reconstituir um mesmo acontecimento, segundo critérios diversos que implicam deformações e esquecimentos, mas também imagens do passado, que permitem servir de exemplo ou ensinamento para o próprio grupo.

Segundo Carneiro, são as mulheres as guardiãs da memória familiar, pois as histórias de vida dos homens são marcadas pelos *“momentos de ruptura ou de transformação na relação com o trabalho”*, enquanto *“a memória das mulheres é centrada na história da constituição familiar”*.¹² Esta característica está presente também nas histórias de vida coletadas em nossa pesquisa, uma vez que, em geral, as mulheres são capazes de dar mais detalhes dos acontecimentos da família e relacioná-los ao trabalho ou a outros fatos importantes que implicaram as decisões de mudança ou permanência do grupo. Exatamente devido a esta maior facilidade de a mulher guardar toda a história e a trajetória da família, podendo estabelecer relações com fatos marcantes da sociedade – a partir de determinado momento – comparando os depoimentos de homens e mulheres em relação aos objetivos da pesquisa, percebemos que não havia necessidade de igualar o número de histórias de vida de

¹¹ CARNEIRO, M^a J. Memória familiar, trajetórias individuais e processos históricos. **XVIII ENCONTRO DA ANPOCS**, Caxambú, 1994 p.1

homens e de mulheres. Isto porque as mulheres não só constituem maioria entre os mais idosos e os que estavam há mais tempo na RMC, mas também, reiteramos, porque forneciam um depoimento relativamente mais rico em relação à trajetória familiar.

Quando nos referimos à memória individual ou coletiva, é necessário mencionar a obra de Halbwachs que serviu de inspiração a historiadores, antropólogos e sociólogos preocupados em bem utilizar-se da *história oral*. Segundo Halbwachs, a “*rememoração pessoal*” situa-se no cruzamento de “*solidariedades múltiplas*” nas quais estamos inseridos. Isto significa que se destacam na memória de um grupo lembranças de acontecimentos e experiências vividos pela maior parte dos componentes, e as que resultam de sua própria vida ou das relações com grupos próximos.¹³ Um exemplo de como isto acontece é quando encontramos alguém de nossa convivência no passado, e este alguém nos ajuda a lembrar situações das quais já não tínhamos qualquer lembrança.

Segundo Halbwachs, é na história vivida que se apóia nossa memória. Assim, história não seria uma sucessão cronológica de acontecimentos, mas “*tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto*”.¹⁴ A memória coletiva seria, segundo Halbwachs, distinta da história em dois aspectos: por ser uma corrente de pensamento contínuo, retendo do passado apenas o que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém e porque não ultrapassa os limites de determinado grupo. O autor critica o trabalho do historiador, que se especializa em demasia, desviando do conjunto e tomando a parte pelo todo.¹⁵ Um acontecimento afeta ao mesmo tempo várias “*consciências coletivas distintas*”. A

¹² CARNEIRO, M^a J., *op. cit.* p. 6

¹³ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 45

¹⁴ HALBWACHS, *op. cit.* p. 60

¹⁵ HALBWACHS, *op. cit.* p. 85

história necessita ir além desta memória específica de um grupo e analisar também outras fontes que permitam uma visão mais geral.

Halbwachs alerta ainda que “*enquanto o grupo não muda sensivelmente, o tempo que sua memória abrange pode se alongar*”, mas, quando se transforma, começa uma nova etapa e sua atenção se afasta progressivamente do que foi.¹⁶ Na família, por exemplo, a chegada dos filhos, além de representar uma mudança, já que a amplia, modifica geralmente o pensamento e a direção dos interesses do grupo familiar. Assim, o nascimento dos filhos pode servir de marco para lembrar outros fatos que ocorreram na história local.

A obra de Ecléa Bosí, que mostra concretamente o que é a memória e, em especial, a importância das lembranças que os velhos preservam, é significativa para a *história oral*. Na apresentação do estudo de Bosí, Chauí afirma que “*a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa*”.¹⁷ Esta mesma dificuldade de preservação da memória ocorre, segundo Chauí, com as famílias mais pobres: “*A mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante*”.¹⁸ Haveria, assim, o que ela chama de “*espoliação das lembranças*”.

Pudemos constatar que nas famílias de migrantes pobres, as mulheres mais velhas buscam preservar lembranças do tempo que passaram no interior, valorizando suas experiências, enquanto os adultos que vieram do interior ainda crianças, têm maiores dificuldades de lembrar de determinados fatos. Quanto ao período em que viveram no meio urbano, embora mais recente, as lembranças aparecem com poucos detalhes. Diríamos que tanto Chauí quanto Bosí têm razão, pois não somente as lembranças são espoliadas, mas os

¹⁶ HALBWACHS, *op. cit.* p.124

¹⁷ CHAUI, M. *Apresentação*. In: BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz, 1979 p.XVIII

próprios idosos parecem perder o pouco que conquistaram no decorrer de suas vidas. Ficam relegados a segundo plano na família e, de certa forma, confinados, muitas vezes em sua própria casa, dependendo do nível de ajuda que possam prestar à família e/ou à comunidade.

Bosi explica, já no início de sua obra, que não se preocupou com a “*veracidade do narrador*”, já que os lapsos deste seriam menos graves que as omissões da *história oficial*. Assim, o que interessa é o que foi lembrado. Deixa claro também que não pretendeu escrever uma obra sobre memória, nem sobre velhice, mas sobre “*memórias de velhos*”.¹⁹ Ela menciona que a memória permite que o sujeito reproduza formas de comportamento que já deram certo. A memória seria, portanto, “*essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida*”.²⁰ Ela dependeria do relacionamento do indivíduo no ambiente familiar, na Igreja, na escola, na classe social e no ambiente de trabalho. Portanto, “*com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo*”.²¹ Este é um dos motivos para procurarmos pontos de referência em que o entrevistado possa se apoiar para melhor lembrar.

Lembrar, como Halbwachs já mencionou, é repensar, sob a ótica atual, as experiências do passado. Assim, o passado e a idéia que temos acerca dele hoje são diferentes. Ao historiador cabe a reconstrução possível dos acontecimentos, tendo que enfrentar o risco representado pelo processo de “*desfiguração*” do passado. Na pesquisa que desenvolvemos, reconhecemos esses riscos apontados por Halbwachs, mas percebemos que por meio das fontes mencionadas, conseguiríamos obter um testemunho razoável da visão que as pessoas têm de sua própria história e da sociedade de forma geral. A *história oral* explicita alguns

¹⁸ CHAUÍ, op. cit. p. XVIII

¹⁹ BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979 p.3

²⁰ BOSI, op. cit. p.10

²¹ BOSI, E. *Op. Cit.* p. 17

aspectos do nosso passado, facilitando a “*rememoração dinâmica*” e o relacionamento entre historiadores e comunidades, entre o discurso histórico e a memória coletiva.²²

Heric J. Hobsbawn chama atenção para as dificuldades com que se defronta o historiador, ao escrever a “*história de seu próprio tempo*”. Ele menciona três problemas: “*o da época de nascimento do historiador ou (...) o problema das gerações; o problema de como a perspectiva de alguém sobre o passado pode mudar à medida que a história progride; e o problema de como escapar dos pressupostos que a maioria de nós compartilha*”.²³ Procura mostrar que à medida que o historiador tem uma certa idade, pode avaliar mais facilmente as transformações ocorridas. A segunda dificuldade para ele refere-se ao fato de que com o passar do tempo, é possível que tenhamos mais elementos para estudar um determinado fenômeno histórico, o que nos fornecerá uma outra percepção a respeito dele. Da mesma forma, “*o padrão geral de nossas idéias sobre o nosso tempo, que se impõe à nossa observação*”, como menciona Hobsbawn, pode nos levar a cometer enganos que levarão bastante tempo para serem corrigidos. De qualquer maneira, a história só pode mesmo ser construída a partir dos dados disponíveis no momento de sua elaboração. Por esta e por outras razões, um fenômeno poderá ter no decorrer do tempo diferentes explicações e diferentes enfoques, dependendo da análise que se faz e de quem a faz. Este é mais um motivo para que se procure buscar os vários aspectos de um mesmo fenômeno e se tome todo cuidado ao analisá-lo, além de lavar em consideração outras fontes que não somente as da *história oral*.

A família é uma boa fonte de preservação da memória, pois mesmo “*a família desenraizada nos centros urbanos ainda possui uma força de coesão capaz de integrar pessoas de diferentes classes econômicas, credos políticos e religiosos opostos*” e “*das*

²² THOMSON, A; FRISCH, M; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M. de M; AMADO, Janáina. *Usos e abusos da história oral. ... p.91*

*oposições exteriores pode a família tirar força para o estreitamento de seus vínculos”.*²⁴

Geralmente, a memória revela uma valorização do trabalho e uma crítica a alguns costumes atuais. Isto seria, segundo Bosi, uma peculiaridade da memória do velho, que, na transmissão aos mais jovens, procura sempre fornecer um conselho, um ensinamento.

Percebemos que é possível reconstruir parcialmente a história das famílias migrantes, permitindo o conhecimento das migrações, do trabalho e do emprego – do ponto de vista destas mesmas famílias – e ainda das formas de sociabilidade que desenvolveram. Para a análise das estratégias de sobrevivência e dos modos de vida das famílias migrantes pobres, a história de vida é a opção mais viável, pois permite recuperar, através de lembranças e experiências, uma parte da história recente.

Embora recomendem cautela na utilização da *história oral*, grande parte dos autores concorda que, em alguns casos, especialmente naqueles em que há escassez de outros documentos, este tipo de fonte torna-se fundamental, principalmente quando se procura conhecer a *história do presente*.

História Oral: vantagens e desvantagens.

Existem basicamente duas tendências na história oral: a “*história oral política*”, que complementa outros documentos com testemunhos, e a “*história oral antropológica*”, que transita por diversas temáticas e vai além do estudo das elites, dando voz às demais categorias sociais. Estes dois tipos de história influenciaram-se reciprocamente e hoje a história oral antropológica predomina e influencia também os historiadores.

²³ HOBBSAWN, E. J. O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n.43, Nov/95, p.103

²⁴ BOSI, *op. cit.* p.345

Dentre as inúmeras vantagens da utilização deste método, os pesquisadores citam a riqueza das informações obtidas. Quanto às suas limitações, eles foram quase unânimes em sugerir que há necessidade de complementar as informações obtidas através da *história oral* – histórias de vida, entrevistas e depoimentos pessoais – com aquelas obtidas de outras fontes.

Entendemos a *história oral* como metodologia, porque por meio dela se estabelece a ligação entre teoria e prática, ou seja, a história oral determina e ordena procedimentos de trabalho, suscitando questões a serem resolvidas pela teoria.²⁵ Uma crítica das mais correntes quanto à utilização da *história oral* refere-se aos recortes. Mas os recortes, como afirma Queiroz, fazem parte da própria metodologia, visando a síntese que se busca.²⁶

A história de vida pode ser definida como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”.²⁷ Comparado com as histórias de vida, os depoimentos são bem mais curtos e dirigidos pelo pesquisador, diz Queiroz. Outro pesquisador amplia um pouco a definição, dizendo que a história de vida designa “os dados ao longo da vida de uma pessoa, tanto os relatados pela própria pessoa, como os relatados por outras ou ainda por ambas”, e quanto à forma de registro, diz que tanto pode ser mediante registro escrito ou entrevistas.²⁸ Neste caso, o que caracterizaria a história de vida como *história oral* seria a maneira como ela é narrada e não a forma como se dá o seu registro.

Queiroz explica que a técnica de história de vida e depoimentos pessoais não permite um recuo muito grande no tempo, restringindo a abordagem apenas ao presente e ao passado imediato, quer dizer, “*período que possa ser armazenado na memória dos indivíduos*”.

²⁵ Sobre a história oral enquanto metodologia, ver: FERREIRA, M. de M; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

²⁶ QUEIROZ, Maria I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMON, Olga de M. von (Org) **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Ed. R. Trib., 1988 p.19

²⁷ QUEIROZ, M^a I. P, **Relatos orais...** p.20

Ressalta, porém, que este tipo de técnica permite uma “*abertura às investigações de todos os grupos e camadas sociais pouco atingidos pelos registros escritos*”, bem como das lembranças que não costumam ser registradas e que poderiam enriquecer o acervo de documentos.²⁹ Deve-se reafirmar mais uma vez a riqueza de dados que a história de vida permite, pois “*além de colher aquilo que se encontra explícito no discurso do informante, ela abre portas para o implícito, seja este o subjetivo, ou o inconsciente coletivo, ou o arquetipal*”.³⁰ É justamente para preservar esta riqueza dos dados e a qualidade do material que Queiroz recomenda alguns cuidados, entre eles a diminuição da interferência da parte do pesquisador e a escolha criteriosa do informante, bem como a necessidade de observar o tipo de relação que há entre informante e pesquisador, pois estes fatores tornam-se, algumas vezes, fundamentais para uma análise consistente.

As limitações desta técnica são compensadas pelas vantagens ao desvendar “*questões inesperadas*”, que possibilitam “*conhecer do interior toda uma realidade social, a partir da experiência vivida de indivíduos cuja maneira de ver e de sentir pode estar muito longe da do pesquisador*”.³¹ Portanto, podemos dizer que as histórias de vida e os depoimentos pessoais auxiliam o informante a expressar-se à sua maneira e a abordar seus próprios problemas, o que permite ao pesquisador desvencilhar-se das amarras inerentes à documentação escrita. Contribui também, para aprofundar a crítica aos dados obtidos em outras fontes e a autocritica do pesquisador. Ainda assim, e nisso concordamos com Queiroz e com outros autores, é indispensável a associação desta com outras formas de coleta de dados e ou com dados obtidos em outras pesquisas, para checar algumas tendências verificadas. A análise e

²⁸ LANGNESS, L. L. *A História de vida na ciência antropológica*. São Paulo: EPU, 1973 p.17

²⁹ QUEIROZ, M^a I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983 p.67

³⁰ QUEIROZ, M^a I. P. *Variações sobre a técnica...*, 1983 p.67

³¹ QUEIROZ, M^a I. P. *Variações sobre a técnica...*, p.70

interpretação das histórias de vida dependem do objetivo pretendido e do assunto da pesquisa. A crítica que se faz da utilização das histórias de vida é que muitas vezes são elaborados apenas relatos e descrições ou até mesmo citações das entrevistas, deixando-se de aprofundar a interpretação dos dados contidos nas mesmas, o que num trabalho científico seria inaceitável.

Além da análise, que deve ser criteriosa, as condições ou circunstâncias no momento da entrevista também são importantes. É necessário que estejamos atentos aos significados e nuances do comportamento do entrevistado, pois *“um informante se trai por um sinal ou gesto, ou por uma expressão, naquilo que realmente não pensa, mas diz, ou que, se ele pensa, existe por trás alguma coisa implícita”*.³² Langness ressalta ainda a necessidade de o pesquisador ser responsável em relação às exigências profissionais e às exigências de seus informantes. Aqui é oportuno mencionar o caso de uma entrevistada que, ao perceber que seu neto passava pela sala, silencia, mas responde com o olhar, de uma forma tão expressiva que não deixou margem à dúvida. Neste caso, a anotação na ficha da informante ou no diário de campo permite enriquecer o relato com estas observações que poderão explicar os silêncios revelados na gravação.

Os desafios da pesquisa de campo exigem uma combinação dos papéis de cientista, detetive, amigo, entre outros. Concordamos que é difícil coordenar estes papéis, mas é fundamental que haja um comportamento criterioso em relação às exigências mencionadas, pois o resultado de nossas pesquisas deverá ser divulgado e as transcrições deverão servir a outros pesquisadores. Se a análise atenderá às necessidades de um trabalho científico ou terá um caráter literário, dependerá dos cuidados que tivermos com a seleção das fontes e durante o processo de pesquisa como um todo. Num artigo sobre os diversos tipos de entrevistas, Edgar Morin estabelece as diferenciações entre elas e faz algumas recomendações sobre os

cuidados que se deve ter ao realizá-las. Morin explica que o tipo de entrevista é definido de acordo com os objetivos da pesquisa e que a entrevista tanto pode servir de base para a formulação de questionários como pode ser definida pela necessidade de aprofundamento a partir da aplicação de questionários ou de levantamentos estatísticos.³³ As dificuldades em relação às entrevistas referem-se principalmente à sua validade, ou seja, à “*adequação de acordo com a realidade que se tentou conhecer*”.³⁴ A forma como a entrevista será conduzida, se com perguntas fechadas ou abertas, e quem irá analisá-la, também influi no resultado, assim como a relação entrevistador - entrevistado, que poderá determinar se haverá confrontação ou colaboração. As reações do entrevistado, segundo Morin, podem ser de inibição, prudência, atenção ou desatenção, exibicionismo, defesa pessoal, entre outras.

As entrevistas abertas e as histórias de vida permitem mapear diferenças e construir especificidades, mas também ver a igualdade onde só se percebe a diferença, conforme observam Alvin e Pessanha. Trata-se de lançar um “*olhar*” para o entendimento do outro.³⁵ Percebe-se entre as vantagens das entrevistas, a possibilidade de conhecer a dimensão humana, captando-a em toda sua riqueza e diversidade.

Na obra “*A máquina e a revolta*” – tendo utilizado *história oral* – Alba Zaluar diz que a atividade de pesquisa deve ser interpretativa, crítica e explicativa. Assim, “*exige o distanciamento do pesquisador e a atenção às condições sociais que limitam os discursos e, no seu interior, impelem os agentes a que justifiquem, racionalizem, defendam suas posições neste mundo de sentido nada consensual, feito de significados em confronto, de redes*

³² LANGNESS, A *história de vida...* p.68

³³ MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão. **Cadernos de Jornalismo e Comunicação**, n. 11, jun/1968 p.66

³⁴ MORIN, A *entrevista...* p. 67

³⁵ ALVIM, R; PESSANHA, E. Usos “legítimos” e “ilegítimos” de fontes orais: as ligações perigosas entre a Antropologia e a História (Versão Preliminar). **XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. Caxambú, Nov/1994 p. 2

simbólicas plurificadas".³⁶ Esta atitude defensiva apareceu algumas vezes, nesta pesquisa, por ocasião da busca de informantes que se recusaram a fornecer seus relatos, perguntando, por exemplo, "*o que vou ganhar com isto?*" ou simplesmente adiando a cada passo sua entrevista. E essa diversidade de atitudes vai depender, entre outros fatores, do nível de compreensão que têm sobre a importância de seus relatos, da disponibilidade de tempo e do julgamento que fazem de sua situação.

Como mencionamos anteriormente, os informantes mais velhos fornecem com mais detalhes a história mais afastada, "*rareando os informes sobre a atualidade*". Portanto, são mais indicados para contribuir para a história de períodos mais recuados.³⁷ Em nossa pesquisa, buscamos o testemunho dos mais velhos, em primeiro lugar, visando à recuperação dos períodos mais afastados da trajetória familiar e também porque, em geral, eles foram os primeiros a migrar, além de poderem estabelecer comparações entre a situação anterior e a atual. Entrevistamos também adultos mais jovens ou adolescentes que nos pudessem fornecer outros pontos de vista em relação à trajetória familiar e outros fatos.

Para a seleção dos informantes, partimos de indicações dadas por pessoas da comunidade investigada, alargando cada vez mais o leque de entrevistados, como procedem os antropólogos. Seguimos esta seleção por indicação, porque foi a forma encontrada para obter a confiança dos informantes. Buscamos ampliar o número de informantes mediante a aplicação de questionários a outras pessoas da família dos entrevistados e a outros moradores dos municípios pesquisados.

Na coleta das histórias de vida, usamos a "*técnica da liberdade*", por permitir ao entrevistado a exposição, a seu critério, dos fatos de sua vida, com menor interferência por

³⁶ ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985 p.59

parte do pesquisador. Esse procedimento é recomendado para que não haja direcionamento ou cortes na fala dos entrevistados, o que poderia empobrecer o conteúdo das entrevistas.³⁸

Retornando à questão sobre *história oral* e memória, temos a contribuição de Lang, que faz alguns alertas sobre o uso da *história oral* nas ciências sociais. Ela explica que por um depoimento se chega ao conhecimento de uma versão e não necessariamente ao estabelecimento da verdade em torno de um fato. Também ressalta a necessidade de interpretar e analisar o documento, já que este não fala por si. Somente a análise, no decorrer do processo de pesquisa, permitirá identificar o ponto de saturação, ou seja, o momento em que se pode considerar suficientes as informações obtidas.³⁹ Esta questão pode ser resolvida com uma confrontação das histórias de vida entre si e com outros documentos ou pesquisas realizadas, além da análise continuada, essencial numa pesquisa que se pretenda científica.

Observadas as limitações da *história oral*, concluímos que a riqueza das histórias de vida e entrevistas compensa de fato as dificuldades a serem enfrentadas, principalmente no caso que estamos estudando, pois, como afirma Queiroz, por intermédio das histórias de vida, chega-se “aos valores inerentes aos sistemas sociais em que vivem os informantes, que dados como os estatísticos certamente não fornecem”⁴⁰

³⁷ KOSMINSKY, Ethel. Pesquisas qualitativas _ a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. *Ciência e Cultura*, v. 38, n. 1, SBPC, Jan/1986 p.31

³⁸ Na ficha do informante, fizemos constar, além do nome, dia, horário e local da entrevista, dados pessoais como: idade, sexo, estado civil, cor, naturalidade, religião, ocupação atual e já exercidas. Inserimos também itens como: número, sexo, idade dos filhos, nome do cônjuge e sua ocupação, grau de instrução dos membros da família, nome e procedência dos pais. Esta ficha permite conhecer a situação atual da família, facilitando o trabalho do pesquisador, não somente quanto à seleção dos entrevistados, como também no momento da transcrição, pois, às vezes, alguns dados podem não ficar claros. Outros detalhes quanto às condições em que foram feitas as entrevistas são importantes para a análise e constam da mesma ficha ou do diário de campo, conforme já mencionamos.

³⁹ LANG, Alice-B. da S. G. A palavra do outro: uso e ética. **XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. Caxambú, out/1996 p. 3

⁴⁰ QUEIROZ, M^a I. P. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”** p.28

Em nossa pesquisa, associamos o uso das histórias de vida aos depoimentos e questionários. O conteúdo das histórias de vida revelou a trajetória histórica das diversas famílias e o significado das migrações e do trabalho na constituição do segmento analisado, além da implicação de acontecimentos antigos e recentes para esta trajetória, permitindo também o entendimento de seu modo de vida. Os questionários permitiram complementar as informações das histórias de vida e depoimentos, bem como ampliar o número de informantes.

Tendo em vista o objetivo traçado, as hipóteses lançadas e o referencial teórico, estruturamos a tese em quatro capítulos. O capítulo 1 atém-se ao contexto histórico das migrações e das trajetórias das famílias migrantes até sua inserção na RMC. Traz uma revisão bibliográfica parcial, direcionada à construção do pano de fundo para a análise do tema, além de dados estatísticos secundários e da pesquisa de campo. O capítulo 2 destina-se à caracterização das famílias pesquisadas descrevendo suas experiências em relação às variáveis composição familiar, grau de instrução, estado civil e religião, importantes para mapear as estratégias de sobrevivência e as formas de sociabilidade.

As estratégias de sobrevivência, centradas nas questões – trabalho, migração, educação dos filhos, habitação e saúde, constituem o foco do capítulo 3. Aqui, os diferentes aspectos das histórias de vida foram trabalhados por temática e classificados por geração, sempre considerando os espaços diferenciados entre o interior e a RMC.

O capítulo 4 trata das formas de sociabilidade construídas nos diferentes espaços, interior e RMC, enfatizando o lazer e a participação dos membros das famílias em diferentes círculos sociais. É neste capítulo que se revela a demarcação dos diferentes hábitos e comportamentos entre uma geração e outra, bem como se evidenciam a diversidade de papéis

e as identidades. Em todo o processo, essas famílias demonstram a capacidade de permanente reconstrução, seja na adaptação ao ambiente urbano, seja na reconstituição do grupo familiar. É dessa forma que esses atores recriam cotidianamente a sua história.

CAPÍTULO 1

O CONTEXTO HISTÓRICO DAS MIGRAÇÕES E TRAJETÓRIAS DE FAMÍLIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

Iniciamos com a análise das migrações internas no período mais recente da história brasileira, passando a seguir à análise das trajetórias das famílias pobres até sua inserção na Região Metropolitana de Curitiba, a partir dos dados da pesquisa de campo e dos dados estatísticos.

1.1 REFLEXÕES E DADOS SOBRE O CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES

Os dados censitários nos permitem analisar as tendências das correntes migratórias dentro de uma mesma região ou mesmo as grandes tendências inter-regionais. As pesquisas realizadas na Região Metropolitana de São Paulo e de Belo Horizonte mostraram-se bastante ricas neste tipo de análise.

No caso de Belo Horizonte, foi possível detectar, para a década de 1970, um *“esgotamento da capacidade de absorção de migrantes por parte da Capital, espelhando os problemas sociais presentes num grande centro urbano”* e que resulta na periferização.⁴¹

Em São Paulo, considerando as últimas décadas, houve *“um processo de interiorização do desenvolvimento econômico, que determinou uma sensível recuperação nas regiões onde*

⁴¹ RODRIGUES, R. N; RIGOTTI, I. R. Distribuição espacial da população na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: **ANAIS DO IX ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, Belo Horizonte, ABEP, 1994, v. 1, p.437; 450.

*tradicionalmente havia perda populacional e desacelerou o crescimento migratório nas áreas típicas de maior atração de migrantes”*⁴²

Quando utilizamos dados censitários, devemos ter cuidados especiais no sentido de que somente o uso de mais de um Censo e sua associação com outras fontes, demográficas ou não, permitirão detectar a dinâmica migratória. Estabelecendo uma série de críticas ao uso que os geógrafos fazem dos Censos demográficos brasileiros, Odeibler Guidugli ressalta que emprego de dois censos *“indica a possibilidade do estabelecimento de comparações e, o uso de três ou mais, a possibilidade de identificação de tendências e de vários aspectos do comportamento da dinâmica demográfica”*⁴³

Para a Região Metropolitana de Curitiba foram feitos alguns estudos semelhantes, que serão abordados adiante. Foram utilizados também os estudos sobre o processo migratório no Brasil e no Paraná, como apoio para, tendo como “pano de fundo”, as migrações e como objeto de estudo as famílias migrantes pobres na Região Metropolitana de Curitiba, analisar – com base nas histórias de vida destes migrantes – as estratégias de sobrevivência e as formas de sociabilidade aí presentes.

Por meio das histórias de vida, foi possível recuperar a “trajetória histórica” desses migrantes, ou seja, analisar outros aspectos do processo migratório pelo qual passaram e que não seria possível reconstituir a partir de outras fontes. Entendemos por “trajetória histórica” a análise da articulação entre o contexto social e histórico das migrações e a biografia dos migrantes e suas famílias.

⁴² PERILLO, S. R. Tendências migratórias no estado de São Paulo: uma análise regional. In: **ANAIS DO IX ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, Belo Horizonte, ABEP, 1994, v.1, p.283.

⁴³ GUIDUGLI, O S. Censos demográficos brasileiros: o nível crítico de seus usos pelos geógrafos. In: **ANAIS DO IX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS** _ ABEP, Belo Horizonte, 1994, v.1, p.144

Foi justamente a conjugação de fontes diferentes que possibilitou aos historiadores, antropólogos, sociólogos e economistas estudar o processo migratório brasileiro, associado ao desenvolvimento socioeconômico do país. Entre outros estudos, foi importante a contribuição de MERRICK e GRAHAM, que embora não estivessem preocupados exclusivamente com as migrações, contribuíram para esclarecer a interação entre fatores demográficos e mudanças na estrutura social e econômica do país. Ao tratar da “*tendência de crescimento a longo prazo da população brasileira*”, destacam cinco fases:

(...) (1) 1800-50: crescimento moderado, possivelmente aumentado associado à importação de escravos, limitada imigração européia, e possivelmente um crescente aumento natural; (2) 1850-90: crescimento em moderado processo de intensificação associado com a continuação do aumento do crescimento natural e um aumento gradual na contribuição da imigração para o crescimento; (3) 1890-1930: crescimento substancial, associado à imigração, seguido de um declínio, com a diminuição da imigração; (4) 1930-60: novos aumentos no crescimento associados com o declínio da mortalidade e manutenção de uma alta fecundidade; (5) 1960 em diante: declínio do crescimento associado a menores taxas de fecundidade.⁴⁴

A partir da análise dos referidos autores e da história dos séculos XIX e XX no Brasil, percebe-se a importância das mudanças iniciadas em meados do século XIX e que prosseguiram até meados do século XX. As mudanças político-administrativas, no sistema de propriedade, no tráfico de escravos e principalmente a vinda de imigrantes europeus e asiáticos, tiveram influência decisiva no desenvolvimento socioeconômico da sociedade brasileira, bem como nas migrações internas com repercussões na distribuição da mão-de-obra e na forma como esses trabalhadores integraram-se ao mercado nas diversas regiões do país.

Alguns pesquisadores estabeleceram periodizações interessantes, que destacam os diversos momentos de nossa história e as especificidades dos movimentos migratórios nestas

⁴⁴ MERRICK, T. W.; GRAHAM, D. H. **População e desenvolvimento econômico no Brasil: de 1800 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981 p.72

diversas conjunturas. Martine ressalta, como os demais, a questão da escravidão e da imigração internacional como fatores decisivos para a análise das migrações internas no Brasil. Isto fica evidente quando analisamos as trocas migratórias ocorridas entre os estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul onde, em determinados momentos, os descendentes dos imigrantes e os descendentes de escravos precisaram migrar para garantir sua sobrevivência.

Para os objetivos deste capítulo, destacaremos algumas características dos períodos posteriores a 1950. No período de 1950-65, *“a tecnificação incipiente da agricultura na década de 50, conjugada a transformações de ordem social e demográfica, combinou para elevar a migração de origem rural a níveis anteriormente desconhecidos”*.⁴⁵ Segundo esse autor, os pesquisadores teriam dado ênfase exagerada à tecnificação da produção agrícola, pois esta teria ocorrido de forma localizada e preliminar até então, e assim, seria necessário distinguir entre São Paulo e o resto do Brasil, pois naquele estado a modernização teria ocorrido dez anos antes do restante. De acordo com o que se apurou nas histórias de vida, este argumento de que houve uma diferença entre a tecnificação em São Paulo e em outros estados, parece confirmar-se. Deve-se considerar as dificuldades em dimensionar o êxodo rural, mas mesmo assim, o autor apresenta algumas estimativas que indicam que *“a emigração do campo durante a década de 50 representaria cerca de 21% do total da população residente no campo no início do período _ o dobro do êxodo relativo da década anterior”*.⁴⁶ Sem dúvida, este dado é bastante significativo e pode ser atribuído a fatores de atração e de expulsão já bastante conhecidos por intermédio da bibliografia especializada.

⁴⁵ MARTINE, G. As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica. In: **ANAIS DO CONGRESSO SOBRE A HISTÓRIA DA POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA**. Ouro Preto/São Paulo, ABEP, 1989/90, p.21

⁴⁶ MARTINE, G. 1989, p.22

No período de 1965-1985, com a chamada “*modernização conservadora*”, “*fortes estímulos à industrialização do campo alteraram o papel tradicional da agricultura, que passou a ser incorporada mais estreitamente ao processo de acumulação capitalista*”.⁴⁷

Destacaram-se as culturas para a exportação e as agroindústrias que possibilitavam o uso de maquinaria e insumos agrícolas. Martine retrata como esta intervenção governamental visando à tecnificação repercutiu na estrutura fundiária:

Por um lado, a lógica e, conseqüentemente, a escala de produção, têm sido alteradas, resultando no favorecimento de médios e grandes produtores. Por outro, a especulação fundiária, desencadeada tanto pela escala nova como pelos mecanismos creditícios e fiscais e pelos investimentos do governo, também contribuiu para a expulsão de todo tipo de pequeno produtor.⁴⁸

Considerando que a pequena produção era a principal fonte de emprego e renda para a população rural, houve uma maior dificuldade na absorção dessa população em trabalho estável na agricultura, o que contribuiu decisivamente para sua emigração. Portanto, a emigração do campo foi bem mais intensa nas regiões de maior desenvolvimento do que no Nordeste, por exemplo. Em 1970, o êxodo rural no Paraná e em Goiás supera, em termos relativos, aquele da região Sudeste. Ao final da década de 1980, Martine afirmava não existir “*alternativa viável que possa absorver grande proporção dos excedentes rurais gerados em áreas tradicionais de exploração*.”(...) Já no censo de 80, percebia-se a diminuição significativa da população rural e um crescimento importante das grandes metrópoles.⁴⁹

O início da década de 1980, segundo Martine, mostra um comportamento migratório marcado pelas “*implicações sociais da crise econômica de 1981 a 1984*”. O censo

⁴⁷ MARTINE, G. 1989, p.22

⁴⁸ _____. 1989, p.23

⁴⁹ MARTINE, G. 1989, p. 23

agropecuário de 85 sugere que *“houve uma reversão abrupta das tendências verificadas nas duas décadas anteriores”*. A política de créditos e subsídios para a agricultura foi abandonada, o que alterou significativamente a trajetória da *“estrutura e das relações de produção em comparação com a fase anterior de modernização”*. Assim, voltou a crescer o número de pequenos estabelecimentos agrícolas, embora a área ocupada pelos mesmos tenha sofrido um aumento muito pequeno. Portanto, a crise permitiu ao pequeno produtor e à produção de subsistência, um espaço suficiente para garantir a sobrevivência de trabalhadores rurais neste período, evitando-se com isso o incremento da migração rural-urbana.⁵⁰ O autor, mesmo não avançando para além do Plano Cruzado, previa que *“a euforia de incentivos, garantias e produção intensificada deve ter voltado a esquentar o mercado de terras, fazendo com que os minifundistas intersticiais, os parceiros, os arrendatários e os posseiros tenham sido novamente obrigados a migrar em maior número”*⁵¹ Além desta questão estariam presentes nessa tendência fatores como o aumento dos conflitos no campo e a derrota da proposta de reforma agrária na Constituinte. Entre os migrantes pesquisados, houve uma parcela significativa que migrou nessa fase.

Outro pesquisador que determina uma certa periodização das migrações internas é Itamar de Souza. Ele estabelece, no entanto, uma relação mais direta entre os diversos momentos econômicos do desenvolvimento capitalista no Brasil e as migrações. Faz também uma análise ampla da bibliografia que trata das migrações internas no Brasil, apontando que as migrações internas se dão historicamente como decorrência de mudanças sociais que ocorrem em determinado país. Quanto a esta afirmativa, pode-se dizer que as migrações internas são processos sociais e históricos cujas causas principais são econômicas, embora várias

⁵⁰ MARTINE, G. 1989, p. 24

⁵¹ MARTINE, G. 1989, p.24

circunstâncias contribuam para a decisão de migrar. Itamar preocupa-se em mostrar que as migrações envolvem “*grupos de todas as classes sociais, que deixam os seus lugares de nascimento com objetivos bem diferenciados*”.⁵² Neste momento interessa, especialmente, a referência que o autor faz à fronteira agrícola do Paraná e às migrações internas, à medida que o mesmo recua ao século XIX para explicar os processos migratórios brasileiros.

O autor ressalta que as migrações internas para o Paraná se deram em dois momentos distintos, um em direção ao norte do Estado e outro ao sudoeste. Com o ciclo do café, a partir de 1860, o movimento migratório para o norte do Paraná se intensifica. Atraídos pela fertilidade da terra, chegam alguns fazendeiros de Minas Gerais e mais tarde de São Paulo, com seus agregados e escravos. Do povoado inicial denominado “Colônia Mineira” surgem, mais tarde, cidades como Tomasina, Sto. Antonio da Platina, Venceslau Braz e São José da Boa Vista. Já neste século, Jacarezinho (1900), Cambará (1904), Bandeirantes (1921), Cornélio Procópio (1924) e Andirá (1926).⁵³

O outro movimento migratório para o norte do Paraná foi mais significativo e teve por motivação os preços do algodão no mercado nacional e internacional, o que atraiu duas companhias japonesas em 1931, que passaram a dedicar-se à cotonicultura. A Companhia de Terras Norte do Paraná “*comprou grandes quantidades de terras e revendeu-as a pequenos proprietários*”. O crescimento demográfico da região foi de 79% de 1950 a 1960. Surgiram, nesse período, conflitos pela posse das terras na região.⁵⁴

A outra corrente migratória que se dirigiu ao Paraná procedia do Rio Grande do Sul e teria passado inicialmente por Santa Catarina, dirigindo-se ao sudoeste. Um primeiro fluxo migratório para a região foi incentivado pelos governos estaduais e federais, durou até 1940

⁵² SOUZA, I. **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980. p.32

⁵³ SOUZA, I. Op. Cit. p. 59

⁵⁴ SOUZA, I. Op. Cit. p. 60

aproximadamente e foi responsável pelo desenvolvimento de uma economia madeireira e por uma pecuária extensiva.⁵⁵ O segundo fluxo migratório para a região teve seu auge em 1952/56, vindo do Rio Grande do Sul, e caracterizou-se “*pelas atividades de subsistência em pequenas propriedades de tamanho familiar*”, determinando o surgimento de quase quarenta cidades no sudoeste. Os principais fatores que motivaram esta emigração, segundo o autor, foram: “*a fragmentação das pequenas propriedades resultante da herança familiar e da pressão demográfica sobre a estrutura fundiária. E, segundo, a crise da indústria gaúcha incapaz de absorver a mão-de-obra oriunda da zona rural*”.⁵⁶ Com argumentos semelhantes sobre essas correntes migratórias que vieram do Rio Grande do Sul, tem-se uma análise mais detalhada, feita por Jean Roche, sobre a colonização alemã.

Roche menciona a emigração em direção ao Paraná, entre 1940 e 1950, dizendo que os migrantes eram pequenos proprietários. Deixa claro que uma das causas da emigração em direção à Santa Catarina e ao Paraná foi o desgaste das terras e sua subdivisão devido às heranças, o que levava os filhos e netos dos colonos a procurarem terras mais baratas em outros estados.

Desde 1940, a onda da emigração rio-grandense dirigiu-se para o Paraná, que qualificam de “Nova Canaã” por causa de suas terras de café (...) Alguns municípios, como Clevelândia, são, na maioria, povoados de rio-grandenses que partiram do centro do Planalto: cultivam eles, ali, o café, mas também o milho, ou o feijão-prêto, e criam porcos como o faziam no Rio Grande do Sul.⁵⁷

Os dois autores procuram mostrar a influência da divisão constante das propriedades na opção pela migração dessas pessoas. O Paraná continuou a receber contingentes migratórios

⁵⁵ _____ p. 61

⁵⁶ SOUZA, I. Op. Cit. p.61

⁵⁷ ROCHE, J. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969. V.1 p.355

de procedência gaúcha, catarinense, paulista, mineira e nordestina durante a década de 1960, o que se evidencia também em outras pesquisas sobre o Estado. Isto se deu, entre outras razões, porque o Centro-Sul oferecia maiores oportunidades de emprego na indústria e na agricultura.

Apesar de bastante conhecida, importa lembrar, também, a crítica elaborada por Francisco de Oliveira aos teóricos que entendiam o rural e o urbano como esferas separadas ou viam no crescimento do setor terciário da economia um processo de “*inchação*”. Ele lembra que a “*expansão do capitalismo no Brasil*” se dá, introduzindo “*relações novas no arcaico e reproduzindo relações arcaicas no novo*”, e cita como exemplos a mecanização da agricultura e o comércio ambulante.⁵⁸ Este ensaio de Francisco de Oliveira constituiu um marco no debate sobre o desenvolvimento econômico brasileiro, à medida que colocou em cheque o trabalho de muitos teóricos que apregoavam a existência de uma dualidade entre campo e cidade ou entre o tradicional e o moderno.

A grande transformação ocorrida na agricultura brasileira é retratada com detalhes por Graziano da Silva que, por sua vez, também estabelece uma periodização ao estudar a estrutura fundiária e as relações de produção no campo brasileiro. Partindo do pressuposto que o capital cria a forma de propriedade adequada a si mesmo, esse autor critica a vertente Cepalina que apontava para uma “*estrutura agrária extremamente concentrada e limitante*” ao processo de industrialização do país. Argumenta que nas décadas de 1950 e 60 a estrutura agrária continuou concentrada, ou até ficou ainda mais concentrada, mas “*houve uma transformação interna _ ao nível das relações de produção _ que permitiu que a agricultura respondesse às necessidades da industrialização*”.⁵⁹ Cita o aumento da oferta de matérias-primas e alimentos para o mercado interno, sem prejuízo do mercado exportador e a ligação da

⁵⁸ OLIVEIRA, F. A economia brasileira: crítica à razão dualista. **Seleções CEBRAP**, n. 1, São Paulo, Brasiliense/Cebrap, 1977. P.7-78

agricultura no circuito global da economia, mediante a compra de bens de consumo industriais e da própria industrialização da agricultura. Assim sendo, foi a “*expansão da fronteira agrícola*” que permitiu ampliar a produção agrícola sem alterar a estrutura agrária, ao mesmo tempo em que a “*expropriação do trabalhador do campo*” e sua transformação em “*bóia-fria*” teria contribuído para a ampliação do mercado consumidor.

Destacamos esses elementos apenas para mostrar que há uma certa convergência de diferentes estudos, no sentido de apontar para uma transformação que não se dá de forma isolada, ou seja, a transformação não ocorre na agricultura ou no campo, por um lado, e na indústria ou na cidade, por outro. A transformação se dá amplamente, seja no sentido de sua abrangência, seja no sentido de que ela ocorre simultaneamente no campo e na cidade, uma vez que estes são apenas as duas faces de um mesmo processo socioeconômico e político de desenvolvimento.⁶⁰

Ainda sobre as migrações rurais-urbanas, é imprescindível trazer a análise de Eunice Durhan sobre o processo migratório de um ponto de vista antropológico. Sua preocupação, utilizando entrevistas e histórias de vida, foi investigar a “*integração de trabalhadores rurais em sistemas urbano-industriais, na medida em que esse movimento representa o abandono de estruturas tradicionais e a incorporação em um sistema complexo e diferenciado, onde se realizam mais plenamente as formas de produção, relações de trabalho e modos de vida característicos da nova ordem social em emergência*”⁶¹ Apesar de Durhan utilizar-se de termos como “*estruturas tradicionais*”, ela também refuta a idéia de que haveria uma ruptura

⁵⁹ GRAZIANO DA SILVA, J. Estrutura fundiária e relações de produção no campo brasileiro. In: ANAIS DO IIº ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS _ São Paulo: ABEP, 1981 p.86

⁶⁰ O processo de estagnação e incorporação regional, e de tecnificação no campo foi objeto de diversas análises nas décadas de 1980 e 90, entre elas, citamos: MÜLLER, G. Estado, estrutura agrária e população. *Cadernos Cebrap*, n. 32, Petrópolis: Vozes/Cebrap, 1980. 141p.; ROCHA DOS SANTOS, Roseli. Modernização da agricultura, um projeto industrial. *Revista de Sociologia e Política*, n. 2, Curitiba, 1994. P.79-98

⁶¹ DURHAN, E. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1973 p.9

radical na vida do migrante quando este sai do campo em direção à cidade. Na verdade, como demonstraremos, o migrante e sua família estabelecem uma rede de apoio que lhe permite migrar com alguma segurança, preservando o que é essencial, de seu ponto de vista.

Quanto às transformações ocorridas na dinâmica populacional paranaense e especificamente no que se refere às migrações, duas pesquisas podem ser consideradas fundamentais. A primeira – o estudo de Magalhães – que procurou analisar a evolução populacional do Estado desde a ocupação da fronteira agrícola (década de 1940) até as décadas de 1970 e 1980, quando o Paraná reverteu sua característica de receptor para expulsor de população.⁶² A segunda – divulgada em estudos do IPARDES (déc. 70) – trata mais diretamente da questão da mão-de-obra no Paraná.⁶³

Magalhães enfatiza processos migratórios que “*marcaram a dinâmica demográfica do Estado*” em diversas etapas de seu desenvolvimento. A autora revela processos e tendências já indicados em outras pesquisas sobre as migrações internas, ressaltando que

Uma parcela considerável dos pequenos agricultores e da população ocupada nas atividades agrícolas expulsa com a modernização tecnológica, tornou-se população migrante nos centros urbanos, mas permaneceu atrelada ao mercado de trabalho rural, particularmente na condição de trabalhadores temporários. Nestes casos, o mesmo processo que expulsou determinadas categorias de produtores rurais, atraiu mão-de-obra, agora sob novas relações contratuais de trabalho.⁶⁴

⁶² MAGALHÃES, M. V. **O Paraná e as migrações _ 1940 a 1991**. CEDEPLAR/UFMG, Belo Horizonte, 1996. Dissertação de Mestrado _ Pós-Graduação em Economia; Demografia Econômica, p.7

⁶³ IPARDES _ Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná. Elementos para uma discussão**. Curitiba, IPARDES, 1978; IPARDES _ Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná**. Curitiba: IPARDES, 1979.

⁶⁴ MAGALHÃES, M. V. **O Paraná.....** p.5

Essa transformação pôde ser observada entre os entrevistados, na etapa da trajetória em que eles deixam seus sítios ou terras arrendadas para morar na cidade, apesar de quase todos continuarem trabalhando na roça, tendo, então, que se deslocar até lá.

A mesma autora destaca três momentos históricos e os respectivos processos migratórios: primeiro, o que ela denomina de colonização dirigida, que compreenderia a expansão da economia cafeeira no norte do Paraná e os fatores que levaram à ocupação do oeste e sudoeste do Paraná – de 1940 a 70 – quando houve o maior crescimento populacional; segundo, o processo de modernização da agricultura, no final de 60 e década de 70, com fortes alterações na estrutura econômica e social do Paraná, que resulta em grandes deslocamentos de população no território. Terceiro, os anos 80 e a continuidade do movimento de expulsão da população rural do Estado, além da consolidação do padrão de urbanização esboçado nos anos 70.⁶⁵

Ressaltamos, sobre a inversão da dinâmica populacional do Paraná, os argumentos do IPARDES:

No período de 70/75, inverte-se o processo de crescimento que vinha ocorrendo. O número de estabelecimentos agrícolas diminui em todas as regiões do Paraná – os estabelecimentos menores e o Norte do Estado são responsáveis pelas maiores reduções. Uma das razões fundamentais no processo de decomposição da estrutura agrícola ficou por conta da incorporação do progresso técnico, através de subsídios estatais. Até 1970, grande parte da população rural combinava a produção voltada para o mercado com a produção para o consumo em pequenos estabelecimentos onde prevalecia a unidade do trabalhador com os meios de produção. O movimento migratório teve sua origem na separação entre o trabalhador e os meios de produção e até mesmo do seu local de trabalho quando a produção começa a ser caracterizada pelo emprego de máquinas e insumos modernos e voltada apenas para o mercado⁶⁶

⁶⁵ MAGALHÃES, M. V. **O Paraná.....** p.7

⁶⁶ IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná.** Elementos para uma discussão. Curitiba, IPARDES, 1978 p.6-8.

O mesmo estudo menciona que uma parte dos migrantes visava vender suas terras para adquirir uma área maior em regiões menos valorizadas. Após 1970, os paranaenses “*começam a deixar o Estado em direção a assentamentos do INCRA em Mato Grosso e Rondônia. Neste movimento existem aqueles que já têm uma tradição migratória, tendo passado por vários estados, e aqueles que pela primeira vez realizam migração inter-estadual*”.⁶⁷ Dentro do próprio Estado há um movimento migratório decorrente da “*integração das terras de qualidade inferior à produção agrícola moderna*”. Portanto, a migração rural-rural persiste. Este processo de reorganização econômica trouxe consequências para os centros urbanos, como: “*o enfraquecimento de numerosos pequenos núcleos que proliferaram em função do tipo de ocupação do Estado; _ a polarização e concentração urbana*”⁶⁸ O novo contexto agrícola “*tende a reproduzir de modo crescente um pequeno produtor modificado, subordinado diretamente às cooperativas e às indústrias*”⁶⁹ Apesar disto, predominavam ao final da década de 1970, os pequenos produtores tradicionais.

Quanto à migração para Curitiba e Região Metropolitana e à situação econômico-social da população da região, os estudos do IPARDES permitem demonstrar que algumas tendências percebidas em outros estados também estão presentes aqui. O crescimento populacional de alguns municípios da RMC na década de 1970 revelou que se tratava de uma expansão das fronteiras de Curitiba sobre eles e não de um desenvolvimento econômico destes municípios.⁷⁰ Constatou-se, ainda, que a grande maioria dos migrantes presentes na RMC em 1970 provinha do próprio Estado do Paraná, o que confirma o êxodo rural já apontado, com o Estado deixando de ser uma fronteira agrícola.

⁶⁷ IPARDES. Op. Cit. p. 10-11

⁶⁸ IPARDES. Dinâmica espacial... 1978 p.12

⁶⁹ IPARDES _ Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná.** Curitiba, IPARDES, 1979 p.110

Também o fenômeno da periferização aparece na RMC, uma vez que os migrantes mais pobres não podem arcar com as despesas de habitação, dirigindo-se cada vez mais para os demais municípios da RMC. Toda esta transformação mencionada reflete-se no mercado de trabalho. Na década de 1980, com a crise, a indústria passa a desempregar e a construção civil, sempre responsável pela absorção da mão-de-obra não qualificada, também sente dificuldades em absorver mais trabalhadores. A quantidade de subempregados com renda menor que um salário mínimo e sem carteira assinada, cresceu ainda mais no início da década de 1980.⁷¹

Percebe-se, assim, a importância da migração urbana-urbana, pois se num primeiro momento, o processo migratório se dá no sentido rural-rural, na sequência ocorre um processo migratório rural-urbano, que poderá ser seguido de uma migração urbana-urbana. Esta tendência no processo migratório ocorre com frequência, pois o trabalhador na agricultura deixa uma região onde não há mais trabalho e segue em direção a novas áreas de agricultura. À medida que não encontra mais colocação vantajosa para sua família nas atividades agrícolas, vai para a área urbana mais próxima, buscando exercer outras atividades. Dependendo de uma série de condições, entre elas a disponibilidade de emprego, escola, assistência à saúde entre outros fatores, migra em direção a um núcleo urbano maior, de onde, em função das condições de habitação, somente para citar uma delas, se vê obrigado muitas vezes a mudar-se novamente para outro município de uma região metropolitana, por exemplo. Esta pesquisa, enfatiza o processo migratório que teve início nas áreas rurais.

O processo de urbanização que ocorreu no Brasil é simultaneamente explicado e explica as migrações internas. Por isso, não se pode deixar de expor alguns pontos básicos sobre como este processo se deu no Brasil e especificamente na Região Metropolitana de

⁷⁰ IPARDES - Instituto paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Os migrantes na área metropolitana de Curitiba.** Curitiba, IPARDES, 1979 p.35

Curitiba. Conforme dados do IBGE, entre 1950 e 1980, a taxa de urbanização passa de 36% a 68%. Como explica Vilmar Faria, o processo de urbanização que ocorreu no Brasil durante aquelas três décadas, teria duas características fundamentais:

Por um lado, concentra grandes contingentes populacionais _ em termos de tamanho absoluto _ em um número reduzido de áreas metropolitanas e grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, outras áreas metropolitanas e capitais regionais e sub-regionais; por outro, alimenta o crescimento da população urbana de um número grande _ e crescente _ de cidades de diferentes tamanhos que se integram num complexo padrão de divisão territorial do trabalho social tanto entre o campo e a cidade como entre as cidades⁷²

Além dessa questão da distribuição e concentração da população em determinadas áreas, Vilmar refere-se à constituição do mercado de consumo, como uma das faces do urbano. Assim, os segmentos mais pobres da população passaram a consumir produtos que antes não faziam parte de sua vida, e isto implicou o “*endividamento das famílias*” e a pressão cada vez maior “*pelo ingresso de jovens e mulheres no mercado de trabalho*”.⁷³

Conforme o mesmo autor, os programas habitacionais voltados às populações de renda relativamente elevada fizeram aumentar o custo das terras urbanas, incentivando a especulação imobiliária e provocando o deslocamento dos mais pobres, para longe, onde as condições urbanas eram mais precárias. Ainda, houve um crescimento desse contingente de trabalhadores pobres urbanos. Estes fatores, entre tantos outros citados pelo referido autor, são também percebidos e destacados nas pesquisas sobre a Região Metropolitana de Curitiba.

⁷¹ IPARDES _ Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Análise do emprego no Paraná**. Curitiba, IPARDES, 1983; 1984 e 1992.

⁷² FARIA, Vilmar E. Cinquenta anos de urbanização no Brasil. Tendências e Perspectivas. **Novos Estudos**, n.29, março/1991, Cebrap, São Paulo, p.103

⁷³ FARIA, V. E. Cinquenta anos... p.107

A atração que a metrópole exerce pela oferta de empregos e serviços e as deficiências dos outros municípios determinam os fluxos e as polarizações, conforme argumentaram os pesquisadores do IPARDES:

[...]as relações do pólo metropolitano com as demais cidades podem ser caracterizadas em dois níveis, conforme a intensidade dos fluxos. O primeiro nível, o do *continuum*, é de caráter imediato, com extrema intensidade e dependência, estabelecidas entre o centro da metrópole e suas áreas periféricas. O segundo nível caracteriza-se através de cidades que funcionam como patamares intermediários em direção à Curitiba.⁷⁴

Observa-se que existem semelhanças entre as explicações dadas por Vilmar e por Ultramari, respectivamente para o processo de urbanização brasileiro e da Região Metropolitana de Curitiba, o que nos leva à conclusão de que a RMC seguiu praticamente as mesmas tendências das demais Regiões Metropolitanas do País.

A partir do exposto neste capítulo, percebe-se que no Paraná, a década de 1970 e a primeira metade da de 80, caracterizaram-se pela intensificação da migração rural-urbana, tendo a Região Metropolitana de Curitiba recebido grande número desses migrantes. É a chamada migração por expulsão: famílias inteiras, migram devido às mudanças nas relações de produção e à pressão populacional sobre áreas cultiváveis limitadas, bem como à falta de oportunidades de trabalho, educação e assistência à saúde em municípios do interior do Estado.

No final da década de 1980 e início da de 90, a migração persiste, mas deve-se a pessoas em idade ativa que vêm em busca de emprego, embora a migração de origem rural em que as pessoas vêm com suas famílias, ainda ocorra.

⁷⁴ ULTRAMARI, Clóvis; MOURA, Rosa (Org). **Metrópole _ Grande Curitiba: teoria e prática**. Curitiba: IPARDES, 1994. P.75

O que diferencia esses dois momentos é o fato de que neste segundo período mencionado, boa parte daqueles que migraram nas décadas anteriores para Curitiba e Região Metropolitana, sofreu um remanejamento dentro da própria Região, principalmente, saindo de Curitiba em direção às áreas periféricas dos demais municípios. Outros vieram do interior do Paraná ou de outros estados diretamente para os municípios limítrofes da Capital, e um contingente de famílias pobres da Capital mudou-se para áreas menos valorizadas da cidade, o que não chega a constituir uma migração, mas influi na urbanização e nas questões ambientais, entre outras.

Os maiores problemas da urbanização são justamente essas áreas periféricas. Elas constituem “*espaços urbanos em estruturação*”, caracterizados pela instabilidade de sua ocupação e pelos deslocamentos constantes da força de trabalho.

São áreas onde as instituições apresentam-se mais anacrônicas; inexistem limites administrativos; a densidade e a velocidade das ocupações dão-se caoticamente e qualquer legislação de uso do solo chega sempre após o “fato consumado”⁷⁵

Os estudos sobre a Região Metropolitana de Curitiba confirmam que foi a partir da década de 1980, que se deu a intensificação do crescimento dos municípios limítrofes, pelo extravasamento da ocupação de Curitiba, ou seja, o processo conhecido como periferização.

Nesse processo, as áreas de mananciais, menos valorizadas pela ausência de infraestrutura, passam a ser adquiridas pela população pobre, que ao lá se instalar, criam problemas ambientais. Conforme indica a pesquisa feita pelo IPARDES – sobre os moradores em áreas de

⁷⁵ ULTRAMARI, C; MOURA, R. (Org). **Metrópole...** p.77

risco – ⁷⁶ um agravante para esses problemas é o fato de que, tratando-se de famílias jovens, é possível que haja um crescimento populacional ainda maior, além da incorporação de agregados, o que se dá, geralmente, pela subdivisão da moradia ou do lote.

1.2 TRAJETÓRIA DAS FAMÍLIAS MIGRANTES POBRES QUE VIVEM NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

Neste item, focalizamos a trajetória das famílias pesquisadas, a partir dos dados estatísticos disponíveis sobre a população da RMC – em especial os que se referem aos migrantes e aos moradores em áreas periféricas – nos diferentes momentos dos processos migratórios, suas características, razões e implicações. As pessoas pesquisadas relataram sua experiência enquanto migrantes, os motivos da migração e a vida nas regiões por onde passaram, bem como as dificuldades que enfrentaram na Região Metropolitana de Curitiba.

As histórias de vida, aliadas aos questionários, contêm muito mais do que a história de um indivíduo ou de uma família. Elas nos apresentam, com riqueza de detalhes, a vida de diversas famílias de trabalhadores que, percorreram diferentes estados brasileiros, mas principalmente, inúmeras localidades dentro do Estado do Paraná.

Segundo dados do IPARDES, a partir de um levantamento efetuado entre dezembro/94 e julho/95, 58,8% dos migrantes que estavam na RMC há até 5 anos eram procedentes do

⁷⁶ IPARDES _ Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Cadastramento de moradores em áreas de risco da Região Metropolitana de Curitiba/PMA-03 do PROSAN _ Programa de Saneamento Ambiental.** V. 1, (Termo de Cooperação Técnica IPARDES/COMEC) Curitiba: IPARDES, 1994. P.37

Paraná, assim como 65,1% dos que residiam entre 6 a 15 anos na RMC. Em segundo lugar, estavam os que procediam da Região Sudeste, com 18,6% e 14,4%, respectivamente.⁷⁷

Na presente pesquisa, conforme **Tabela 1**, o predomínio de migrantes procedentes do Paraná ocorre não somente entre os que estão na RMC até há 15 anos, mas também entre os que estão até 25 anos. Vieram principalmente do norte e noroeste do Estado. Estes dados confirmam o impacto da modernização da agricultura, na década de 1970, sobre os pequenos proprietários, parceiros e arrendatários, que representam parte significativa dos migrantes entrevistados.

Quanto ao local de nascimento em relação à faixa etária da população migrante pesquisada, conforme **Tabela 2**, os dados indicam que entre os que têm mais de 50 anos, mais da metade nasceu na Região Sudeste, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Isto significa dizer que efetuaram mais de uma migração, antes de chegarem à RMC, tendo vindo ao Paraná na fase em que este oferecia boas oportunidades de trabalho na agricultura, objetivo dessas famílias naquele momento.

Embora nas faixas etárias de 14-29 e de 30-49 anos predominem os nascidos no Paraná, há ainda alguns originários da Região Sudeste. As **Tabelas 1 e 2** sugerem e o conteúdo das histórias de vida e questionários reafirmaram que, conforme o momento histórico e a conjuntura socioeconômica e política, as famílias sentiram necessidade de optar pela migração e que para boa parte delas, a migração foi uma constante, desde seus pais até seus filhos.

⁷⁷ **BOLETIM ESPECIAL PED**, n. 1, Ago/95, p.5 (PED/RMC _ Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Curitiba)

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS MIGRANTES CONFORME A PROCEDÊNCIA, SEGUNDO TEMPO DE RESIDÊNCIA NA RMC

PROCEDÊNCIA	TEMPO NA RMC				TOTAL
	Até 5 anos	De 6-15	De 16-25	De 26-35	
Paraná	04	07	12	02	25
Outras Regiões do Brasil	02	05	02	01	10
Outros Países	—	—	02	—	02
TOTAL	06	12	16	03	37

FONTE: Pesquisa de Campo – Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: estrat. de sobrev.

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS MIGRANTES DA RMC POR FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO LOCAL DE NASCIMENTO

FAIXA ETÁRIA	Paraná	Outros Est. do Sul	Região Sudeste	Região Nordeste	Total
1-50 anos e mais	04	01	08	02	15
2- De 30-49 anos	10	—	03	01	14
3- De 14-29 anos	07	—	01	—	08
TOTAL	21	01	12	03	37

FONTE: Pesquisa de Campo – Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: Estrat. de Sobrev.

Todos os migrantes pesquisados acima dos 30 anos foram lavradores; a maioria durante a infância, adolescência e boa parte da idade adulta, geralmente, até a migração para a Região Metropolitana de Curitiba. Trabalharam como sitiantes, arrendatários ou bóias-frias, muitas vezes nesta mesma ordem.

Percebe-se portanto, toda a dinâmica migratória, com os avanços e recuos que ela representou na vida destas famílias. Como não é possível relatar uma a uma as diversas trajetórias, resumimos na **Tabela 3** e **Gráfico 1** os principais trajetos percorridos,

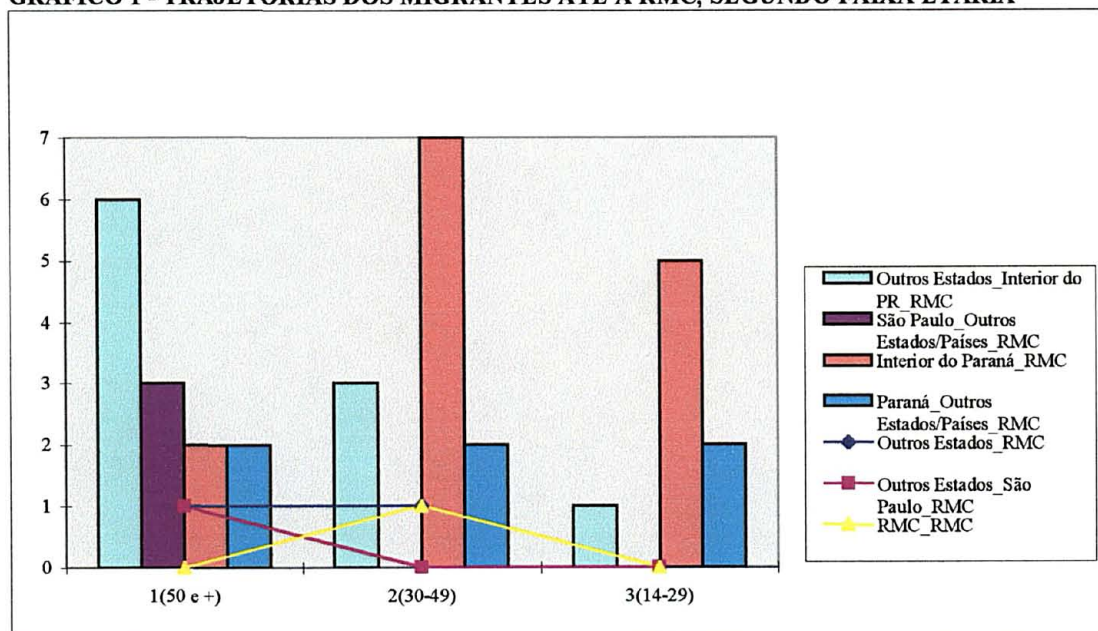
considerando o local de nascimento e o último lugar antes de mudarem-se definitivamente para a Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

TABELA 3 – TRAJETÓRIAS DOS MIGRANTES, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

TRAJETÓRIAS	1(50 e +)	2(30-49)	3(14-29)	Total
Interior do Paraná_RMC	2	7	5	14
Outros Estados_Interior do PR_RMC	6	3	1	10
Paraná_Outros Estados/Países_RMC	2	2	2	6
São Paulo_Outros Estados/Países_RMC	3	0	0	3
Outros Estados_RMC	1	1	0	2
Outros Estados_São Paulo_RMC	1	0	0	1
RMC_RMC	0	1	0	1
Total	15	14	8	37

Fonte: Pesquisa de Campo – Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: estrat. de sobreviv.

GRÁFICO 1 - TRAJETÓRIAS DOS MIGRANTES ATÉ A RMC, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA



Fonte: Pesquisa de Campo _ Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: estrat. de sobreviv.

Nas faixas etárias mais jovens, predominou a saída do interior do Paraná diretamente para a RMC. Isto significa que as famílias migraram em uma conjuntura político-econômica distinta e em outra fase do desenvolvimento da agricultura do Estado, quando este não se constituía mais em fronteira agrícola.

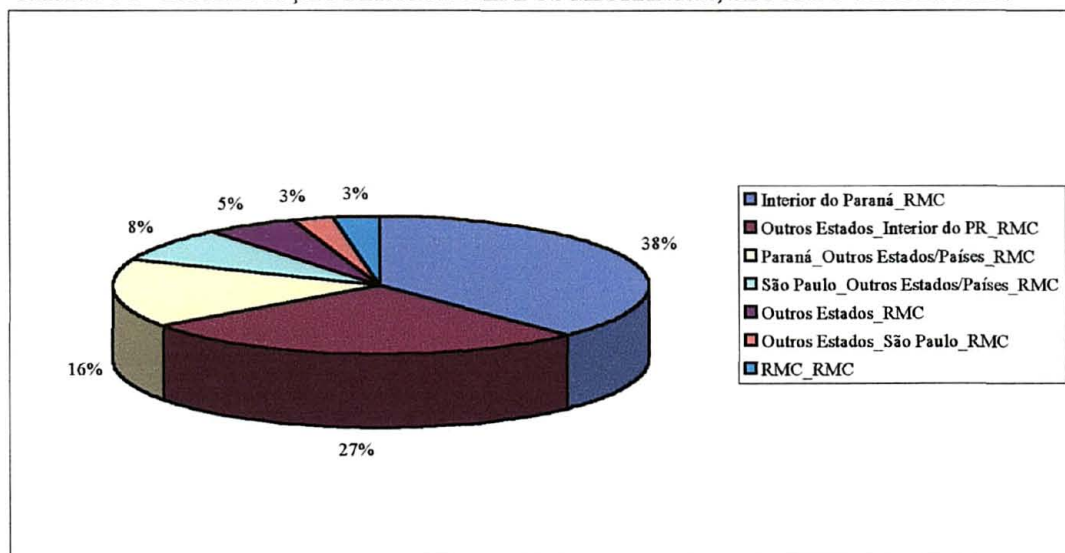
Mesmo entre esses migrantes, houve deslocamentos anteriores pelos diversos municípios do interior, em busca de trabalho, ou acompanhando seus pais nessa busca. Portanto, o fato de o migrante ter saído do mesmo município onde nasceu para a RMC não significa que ele permaneceu ali até aquele momento, mas que retornou à sua cidade antes de decidir-se a migrar. Há alguns casos em que a família saiu diretamente da cidade em que nasceu a maioria de seus membros para a RMC depois de vender seu pequeno sítio de subsistência devido ao fracasso da lavoura e às dificuldades, principalmente financeiras, para manter-se na agricultura. Porém, esta última trajetória não é regra, tendo em vista as características da inserção dos trabalhadores na agricultura. Boa parte desses migrantes trabalhou nas fazendas de café, no plantio de algodão, de arroz, na criação de gado, no cultivo do hortelã, entre outras atividades, além da agricultura de subsistência. Alguns migrantes entrevistados moraram em Curitiba, em outros períodos, na casa de parentes ou com os pais e retornaram ao interior ou dirigiram-se a outros Estados, antes de voltarem definitivamente para a RMC.

Conforme os dados das **Tabelas 1, 2 e 3**, entre os migrantes de 50 anos e mais, predomina a migração interestadual, que mostra uma tendência a diminuir, se considerarmos as demais faixas etárias. Destacamos também entre os mais idosos aqueles que, partindo do interior de São Paulo, passaram por outros estados ou países para finalmente chegarem à RMC. Nos três grupos há a mesma proporção de pessoas que saíram do Paraná, geralmente do interior, e vieram para a RMC depois de passarem por outras estados/países – algumas famílias

pesquisadas passaram certo tempo trabalhando em plantações no Paraguai. Os estados de Mato Grosso e Rondônia também fizeram parte da trajetória desses migrantes por melhores condições de vida e de trabalho, mas, ao que se pôde perceber, esta busca foi frustrada e por isso migraram mais uma vez.

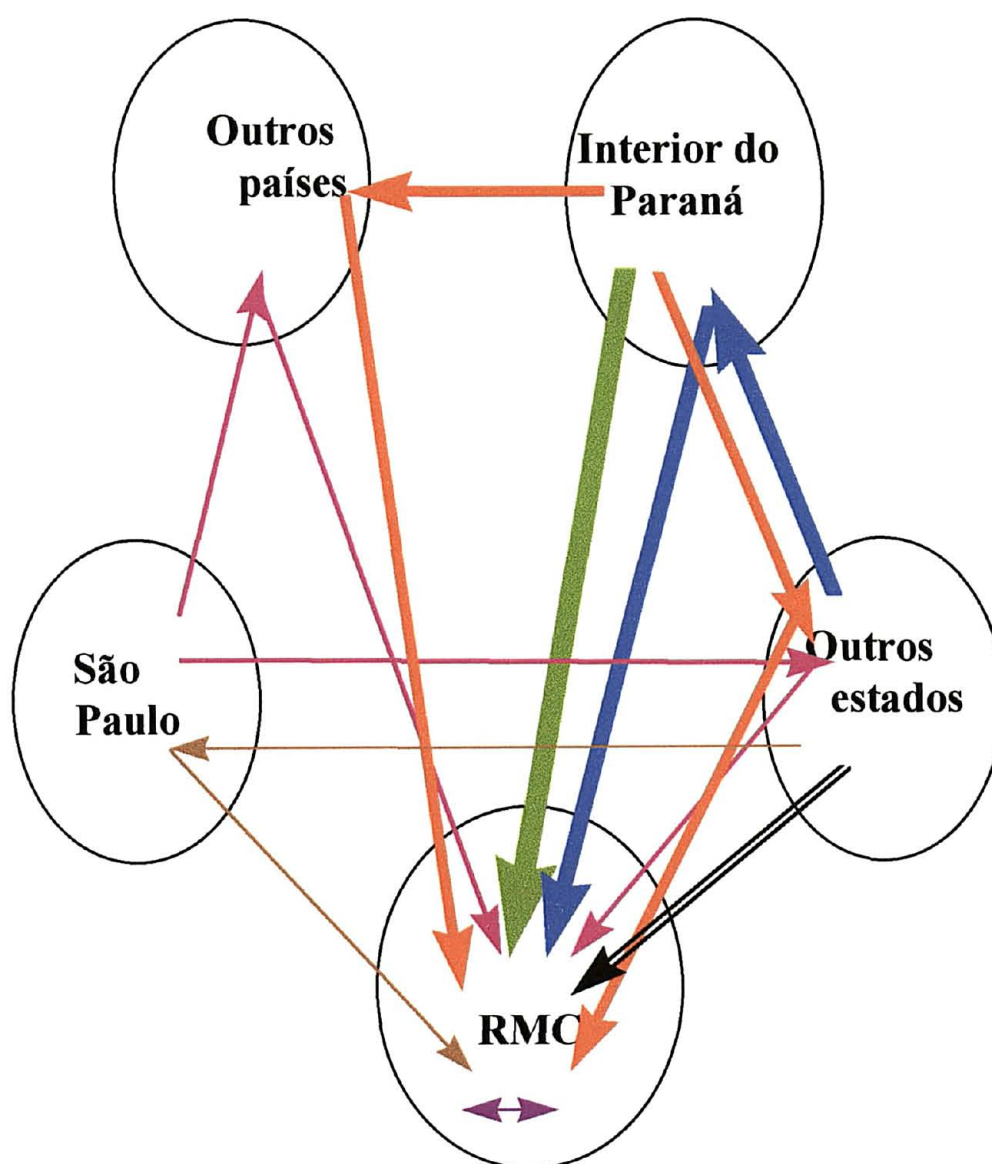
Os percentuais dos migrantes segundo a trajetória podem ser observados no **Gráfico 2**, considerando-se os totais. Para uma melhor visualização das diversas trajetórias percorridas pelas famílias pesquisadas, elaboramos o **Fluxograma** apresentado na **Figura 1** em que as cores correspondem às trajetórias e a espessura das flechas à intensidade dos fluxos.

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS MIGRANTES, SEGUNDO TRAJETÓRIA



Fonte: Pesquisa de Campo _ Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: estrat. de sobrev.

FIGURA 1: FLUXOGRAMA
Trajetórias dos migrantes para a RMC



Para a identificação dos principais motivos que levaram essas famílias a migrarem para a Região Metropolitana de Curitiba, procuramos agrupar os fatores semelhantes construindo a **Tabela 4** e o **Gráfico 3** referente às razões para a migração, segundo as diferentes faixas etárias. Dentre os motivos predominam as questões ligadas às dificuldades financeiras ou pouco ganho na lavoura, o desemprego ou busca de emprego melhor e a baixa remuneração pelo trabalho. No item um, estão incluídos também os que alegam baixa produtividade, dificuldades de comercialização e o endividamento junto aos bancos ou aos proprietários de terras. Alguns precisaram vender as terras, outros tiveram desentendimentos com o proprietário das terras.

Esses motivos predominam nas três faixas etárias analisadas. Alguns associam estas razões à de que vieram para ficar próximo de seus familiares. É certo que não migrariam se estivessem bem no local onde residiam e trabalhavam; assim, constatamos que as principais razões da migração estão nos locais de partida e que a direção dos fluxos é determinada, entre outras razões, também pela existência de redes de parentesco e vizinhança que possam oferecer suporte aos migrantes.

Em segundo lugar, aparecem as doenças e a falta de assistência médica. Geralmente, doenças de pessoas da família, que requeriam acompanhamento médico ou tratamento que só existia na Capital, mas também reincidências de malária, entre aqueles que estiveram em Rondônia. Parte dos migrantes associa a questão da saúde às dificuldades em trabalhar na lavoura, principalmente entre os que têm 50 anos e mais. Neste caso, não se trata somente do pouco ganho, mas da dificuldade daqueles que não contam mais com a ajuda dos filhos para o trabalho agrícola, não têm a mesma saúde de quando eram jovens e não contam com a assistência médica adequada. São pessoas que gostariam de permanecer como agricultores, mas não tiveram escolha, a não ser a de migrar.

Conforme o **Gráfico 3**, entre os mais idosos, a dificuldade de trabalhar na lavoura sem ajuda ocupa o terceiro lugar e não é mencionada entre os dois outros segmentos. No total, o argumento da necessidade de acompanhar a família ou estabelecer-se próxima dos familiares aparece em terceiro lugar e é inversamente proporcional à idade, como era de esperar. Nem sempre os mais idosos vieram com toda a família. Algumas vezes, foram os filhos que vieram primeiro para a RMC e depois trouxeram seus pais. Muitos vieram ainda crianças ou adolescentes, acompanhados dos pais, irmãos e/ou avós.

Entre os dois segmentos de faixa etária mais avançada, a alegação de acompanhar os familiares é tão freqüente quanto a da falta de condições para estudar ou para que os filhos freqüentem a escola, que só não aparece entre os mais novos, porque estes vieram muito crianças. Em relação à educação, mencionavam a distância da escola, a falta de luz, os perigos do caminho e a necessidade de trabalhar por longos períodos na roça, como razões para não estudar.

A migração devido a casamento ou separação conjugal foi destacada apenas para maior clareza, mas não deixa de constituir razão familiar, pois mesmo a que se separou do marido migrou para junto dos parentes, que haviam migrado anteriormente. Outras razões para a migração foram: porque gostou de Curitiba; para fugir do aluguel e por desilusão devido a acidentes e doenças na família.

Podemos assim afirmar que as principais razões para a migração foram de ordem mais geral, falta de condições adequadas de trabalho e saúde no local de onde partiram; condições referentes à própria sobrevivência ou de sua família. Quando esgotaram as possibilidades de manter-se pelo trabalho na lavoura ou em outros empregos no interior, ou, ainda, quando estas pessoas perceberam que se permanecessem seus filhos seguiriam sem estudos, sem assistência à saúde e sem perspectivas de melhoria, resolveram migrar.

TABELA 4 – PRINCIPAIS RAZÕES PARA A MIGRAÇÃO, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

RAZÕES PARA MIGRAÇÃO	50 anos e +	30-49 anos	14-29 anos	Total	%
1.Financeiras/desemprego/remuneração	9	10	9	28	50%
2.Doença e falta de assistência médica	6	4	0	10	18%
3.Acompanhar/ficar próxima familiares	1	2	4	7	13%
4.Falta de escola/condições p/estudar	1	2	0	3	5%
5.Dific.em trabalhar na lavoura s/ajuda	3	0	0	3	5%
6.Devido a casamento ou separação	1	1	0	2	4%
7.Outras razões	2	1	0	3	5%
Total	23	20	13	56	100%

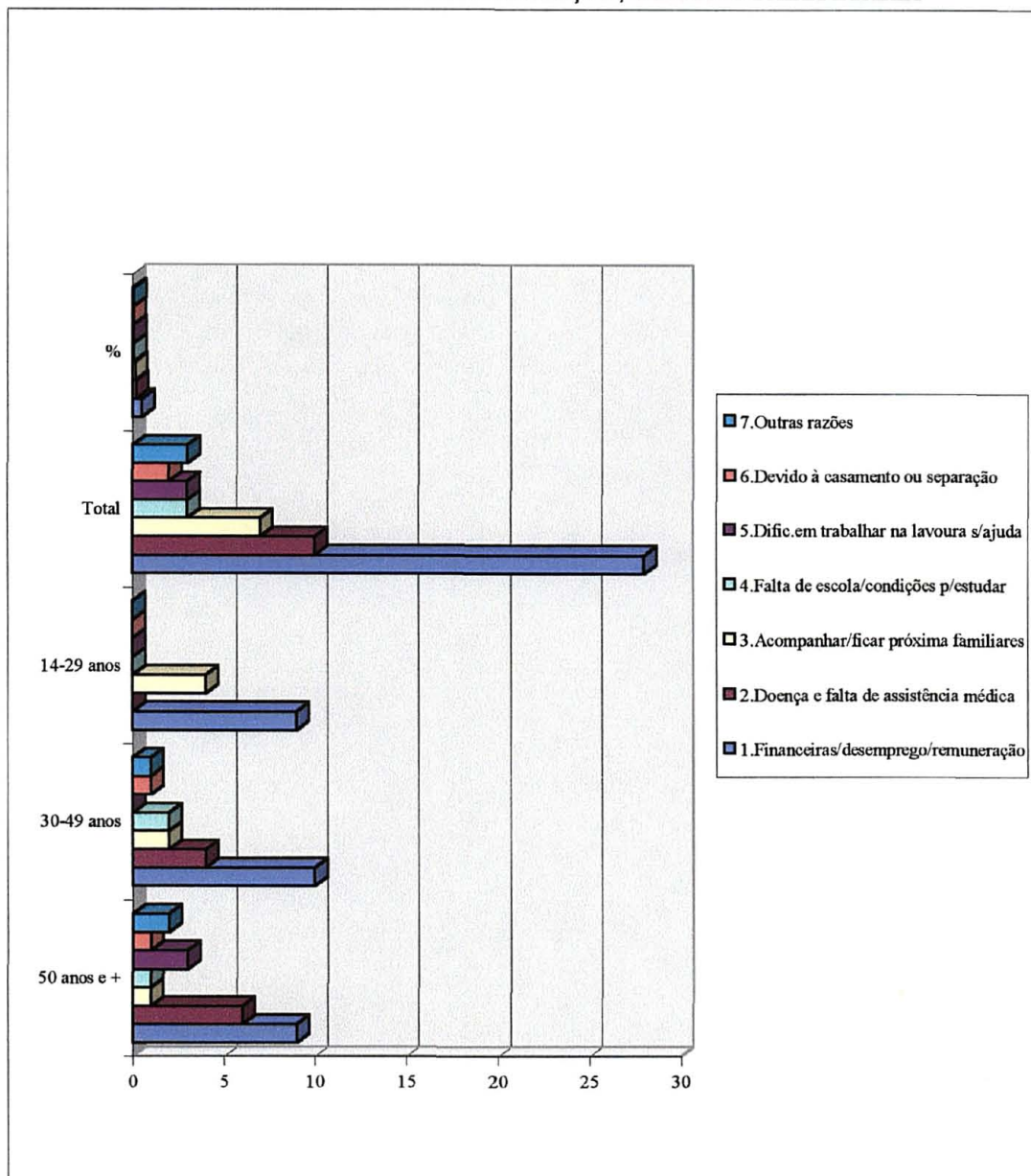
Fonte: Pesquisa de Campo – Migrantes da região Metropolitana de Curitiba: estratégias de sobrevivência.

Alguns deles se perguntaram até que ponto a vida no interior poderia ser melhor, já que aqui eles têm dificuldades em pagar aluguel, conseguir creche para os filhos e, em consequência, emprego para a mulher. Apesar das dificuldades, não retornaram ao interior, porque, ainda hoje, não contam com a perspectiva de um emprego permanente e relativamente bem remunerado, além de outros recursos já mencionados, nesses locais.

A análise dos migrantes segundo o tempo de residência na Região Metropolitana de Curitiba demonstra a continuidade da migração para a região, pois mesmo os que chegaram mais recentemente e que ainda não estão plenamente adaptados declaram que não pretendem voltar ao interior.

Segundo os dados do IBGE, entre as décadas de 1960 e 70, houve um grande crescimento populacional no Paraná em função da migração de outros estados em direção ao interior do território paranaense, que recebeu estas correntes migratórias principalmente até 1970, quando o Paraná era ainda considerado fronteira agrícola.

GRÁFICO 3: PRINCIPAIS RAZÕES PARA A MIGRAÇÃO, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA



Fonte: Pesquisa de Campo _ Migrantes da região metropolitana de Curitiba: estratégias de sobrevivência.

Já a década de 1970 e início dos anos 80, com a “*modernização da agricultura*” ou sua tecnificação, o êxodo rural bate recordes no Paraná. Intensificaram-se movimentos migratórios dentro do próprio Estado em direção às áreas menos valorizadas ou em direção às cidades, bem como movimentos para fora do Estado, em direção a assentamentos do INCRA no Mato Grosso e Rondônia. Esta mudança se dá em função da redução drástica do número das pequenas propriedades, pois era esta a principal fonte de emprego e renda para a população rural. Houve, portanto, um significativo esvaziamento populacional da área rural do Estado.

Nos núcleos urbanos, é também significativa a tendência de absorção crescente de população. De 1970 a 1980, houve o maior incremento populacional, claramente resultante de processos migratórios rural-urbano e urbano-urbano. A dinâmica populacional paranaense, em função de condições regionais diferenciadas quanto aos aspectos socioeconômicos mostra, conforme a conjuntura, um maior ou menor saldo migratório, que se explica também pela história do país.

Examinando as principais trocas migratórias líquidas entre as diversas unidades da federação, entre 1991 e 1996, encontramos que o maior afluxo se dá em direção a São Paulo, vindos principalmente de Minas Gerais e de vários estados do Nordeste. A região Centro-Oeste também recebe um número significativo de habitantes. A região Sul, entretanto, tem apresentado uma maior saída de população, principalmente, jovens (entre 20 e 30 anos), em busca de melhores oportunidades de emprego.⁷⁸

Nesse período, 1991/1996, percebe-se que o crescimento populacional do Paraná foi de 1,29% ao ano. Porém, a tendência de concentração urbana da população continua

acentuada, pois a área rural perdeu 2,39% ao ano, da população, enquanto a urbana recebeu um incremento de 2,52% ao ano. A migração de retorno também é importante no Estado (21.533 habitantes) e pôde ser constatada nas entrevistas, conforme se demonstra nos gráficos sobre as trajetórias.

Se analisarmos o percentual da população que vive em áreas metropolitanas, segundo a Unidade da Federação, nos anos de 1991 e 1996, dados do IBGE, constatamos que a RMC cresceu significativamente, mais que as outras Regiões Metropolitanas do país no referido período. Dados mais atuais e da presente pesquisa demonstram que esta tendência de crescimento da Região Metropolitana de Curitiba perdura até os dias atuais.

Por outro lado, o Paraná tem apresentado importantes trocas migratórias com São Paulo e Santa Catarina, tendo perdido população para esses estados.⁷⁹ Considerando estes dados e o fato de que a Região Sudeste continuou recebendo migrantes em grande quantidade, principalmente jovens entre 15 e 30 anos, pode-se indicar uma tendência no sentido de necessidades cada vez maiores de emprego e renda, formação de mão-de-obra, infra-estrutura urbana, habitação, entre outros serviços.

O migrante ao chegar à RMC não estabeleceu uma ruptura em relação à sua situação anterior, tendo em vista que procurou manter contato com os que ficaram e que lhe servem de apoio. Muitas vezes deixam alguém na região de origem antes de decidir-se definitivamente pela migração, para facilitar o retorno, caso precisem. Na cidade, o migrante utiliza-se da família e das redes de parentesco ou vizinhança, para garantir a sobrevivência. Além das dificuldades que encontra para se colocar no mercado de trabalho, ele passa por uma situação

⁷⁸ **GENTE EM MOVIMENTO**, Curitiba: ABEP/IPARDES...(Mapa temático – Dados do IBGE, 1991 e 1996)

⁷⁹ **GENTE EM MOVIMENTO**,

inicial de empobrecimento, pois geralmente vem para a cidade sem trazer nada além de algum dinheiro e umas poucas roupas.

A migração faz parte das inúmeras estratégias de sobrevivência do migrante, assim como as diversas formas de organizar sua vinda e permanência na Região Metropolitana de Curitiba. Observando-se o tipo de habitação desses migrantes, conforme a **Tabela 5**, pode-se perceber como se processa a instalação das famílias.

Os migrantes que têm entre 14 e 29 anos, mesmo que já sejam casados ou separados de seus cônjuges, ainda dependem ou voltam a depender de seus parentes, que lhes fornecem abrigo em suas próprias casas ou cedem parte de seus terrenos, ou até mesmo um pequeno barraco e parte do terreno. Aos poucos, compram um terreno ou ao menos constroem uma peça na parte do terreno cedida pelos parentes. Caso não consigam estabelecer esses arranjos, pagam aluguel. Por isso, entre os que estão na faixa etária de 30 a 49 anos, evidencia-se uma maior proporção daqueles que já possuem casa própria, seja de madeira, alvenaria ou mista.

TABELA 5 – MIGRANTES DA RMC, POR TIPO DE HABITAÇÃO, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

TIPO DE HABITAÇÃO	1(50 e +)	2(30-49)	3(14-29)	TOTAL
Própria (madeira/alvenaria/mista)	14	9	2	25
Alugada (madeira)	1	1	1	3
Cedida (casa alvenaria/madeira e terreno)	0	1	2	3
Terreno cedido (casa alven./mista - auto-constr/mutirão)	0	3	0	3
Mora com a avó ou mãe	0	0	3	3
TOTAL	15	14	8	37

FONTE: Pesquisa de Campo – Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: estrat. de sobrev.

Ressaltamos que em geral, essas pessoas procuram comprar terrenos em sociedade com irmãos, cunhados, pais ou outros parentes. As casas, em sua maior parte, estão inacabadas e sem cercas, além de serem bastante pequenas.

Conforme as **Tabelas 5 e 6**, entre os mais idosos e os que estão há mais tempo na RMC, encontramos mais proprietários. No caso dos mais idosos, quando migraram geralmente trouxeram algum dinheiro da venda da produção agrícola ou do sítio e puderam comprar um terreno, mesmo que tenha sido em sociedade ou em inúmeras prestações.

TABELA 6 – MIGRANTES POR TIPO DE HABITAÇÃO E TEMPO DE RESIDÊNCIA NA RMC (ANOS)

TIPO DE HABITAÇÃO	Até 5	De 6-15	De 16-25	De 26-35	TOTAL
Própria (madeira/alvenaria/mista)	2	7	13	3	25
Alugada (madeira)	1	2	0	0	3
Cedida (casa alvenaria/madeira e terreno)	2	1	0	0	3
Terreno cedido (casa alven./mista - auto-constr/mutirão)	1	1	1	0	3
Mora com a avó ou mãe	0	1	2	0	3
TOTAL	6	12	16	3	37

FONTE: Pesquisa de Campo_Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: Estratégias de sobrevivência.

Entre os que conseguiram comprar o terreno também houve precariedade no início, pois alguns tiveram que morar debaixo de barracas de lona até que pudessem construir. Recorreram em parte à compra de casas demolidas, entre outras estratégias. O tipo de habitação revela o esforço coletivo e permanente destas famílias, na construção e reconstrução de suas condições de vida. Em capítulo específico, serão analisadas as demais estratégias de sobrevivência e tratadas outras questões referentes à habitação.

CAPÍTULO 2

CARACTERIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS DAS FAMÍLIAS MIGRANTES

Apresentamos aqui uma conceituação sobre o tipo de família pesquisada e uma caracterização quanto à sua composição. Analisamos ainda, dados referentes à religião e ao grau de instrução dos entrevistados, que permitiram explicar em parte as estratégias de sobrevivência e as formas de sociabilidade.

Os estudos que tratam da conceituação de família deixam perceber a tendência de identificação do grupo conjugal como básico em toda família. O parentesco e a divisão dos papéis aparecem como “naturais”. A família nuclear ou conjugal é formada pelo marido, esposa e filhos, advindos desta união, em princípio, morando juntos.⁸⁰ Este modelo, porém, é insuficiente para explicar os diversos tipos de família existentes, pois, atrás desta aparente naturalidade, teríamos algo muito mais complexo, compreendendo construções variáveis e flexíveis, como se pode observar nas palavras de Durhan:

[...] as relações muitas vezes coincidentes que conhecemos atualmente entre grupo conjugal, rede de parentesco, unidade doméstica/residencial podem se apresentar como instituições bastante diferenciadas em outras sociedades ou em diferentes momentos históricos.⁸¹

⁸⁰ Para uma discussão e relativização do modelo de família, ver: BRUSCHINI, M. C. A. **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice/Revista dos Tribunais, 1990 p.31-81; CARVALHO, Marília G. de. Relações de gênero na família. In: **Tecnologia e Humanismo** _ CEFET/PR, Curitiba, n. 17, p. 20-28, 1995; SOUZA CAMPOS, M. Christina S. de. Mulher e família em São Paulo: diferentes momentos e diferentes classes sociais. **XX ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS _ ANPOCS**, Caxambú, 1996; WOORTMANN, Klaas. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

⁸¹ DURHAN, Eunice. Família e reprodução humana. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**, n. 3, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

Assim, a conceituação que melhor corresponde à realidade pesquisada, é aquela que apresenta as famílias como “*unidades de reprodução social – incluindo a reprodução biológica, a produção de valores de uso e o consumo – inseridas em determinado ponto da estrutura social, definido a partir da inserção de seus provedores na produção*”. Ainda, “*como unidades de relações sociais, no interior das quais, hábitos, valores e padrões de comportamento são transmitidos a seus novos membros, configurando assim, unidades de reprodução ideológica.*”⁸² Estes “*espaços de convivência*” familiar permitem uma ressocialização permanente dos diversos membros da família, que em suas experiências cotidianas transformam e são transformados por ela, conforme as possibilidades que a sociedade oferece.

O núcleo familiar – para além da família nuclear – é composto de pai e/ou mãe, filhos e outros parentes (consangüíneos ou afins), residindo no mesmo domicílio. A família, assim entendida, é distinta do grupo doméstico, ou domicílio, o qual compreende todas as pessoas que residem no mesmo espaço, com ou sem laços de parentesco – agregados, pensionistas e empregados domésticos.

Essas famílias estabelecem em seu cotidiano relações importantes com os demais membros do grupo doméstico, mas – principalmente no caso das famílias migrantes pobres – também com a rede de parentesco mais ampla. A família pode ser, portanto, esta rede mais extensa de relações de parentesco que as pessoas podem ativar seletivamente – a família nuclear, mais todas as pessoas que têm ligação pelo sangue ou por afinidade – irmãos casados e suas famílias e os colaterais, por exemplo. Tanto as famílias quanto o grupo doméstico variam de acordo com o contexto histórico e sua forma de inserção socioeconômica. Como

⁸² BRUSCHINI, M. C. A **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice/Revista dos Tribunais, 1990 p. 80

afirma Sarti: *“A família pobre não se constitui como um núcleo, mas como uma rede, com ramificações que envolvem a rede de parentesco como um todo, configurando uma trama de obrigações morais que enreda, num duplo sentido, ao dificultar a individualização e, ao mesmo tempo, viabilizar a existência dos indivíduos enquanto apoio e sustentação básicos”*⁸³

Pode-se ressaltar que, além de se reconhecer a existência de especificidades na organização familiar ou doméstica, conforme os diversos segmentos, deve-se considerar os momentos distintos de um movimento dinâmico presente na família. Concordamos com Woortmann, quando afirma: *“[...] um modelo de organização da família e do grupo doméstico deve incluir uma dimensão temporal: deve ser não apenas um modelo de forma mas também de movimento”*.⁸⁴ O autor mostra que entre os pobres, *“para preservar a estabilidade da unidade mãe-filhos, e a sobrevivência destes últimos, o vínculo conjugal é tornado instável”*⁸⁵ Ele conclui que *“a suposta ‘desorganização familiar’ dos pobres é de fato, uma organização; que os padrões familiares são, não um problema, (...) mas uma solução.”*⁸⁶ O mesmo autor enfatiza as dificuldades de manutenção da família e a instabilidade presente nas relações dentro dela, na qual a mulher passa a representar o núcleo de sustentação do grupo familiar, implicando todo um re-arranjo nas relações de parentesco.

A situação de instabilidade da família pobre foi muito bem caracterizada na tese de doutorado de Telles, quando esta analisou a família e seus provedores. A autora focaliza o que ela chama de *“condição de uma normalidade precária e instável, sempre passível de ruptura em função das adversidades do desemprego, da doença ou da velhice”*. Emprega o termo *“pauperismo virtual”* para caracterizar melhor esta situação precária do pobre e de sua

⁸³ SARTI, Cynthia A. **A família como espelho**. Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. São Paulo. Tese (Doutorado), Depto. de Antropologia, FFLCH/USP, 1994 p. 89

⁸⁴ WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987 p.106

⁸⁵ WOORTMANN, K. **Op.cit.**, p. 301

⁸⁶ WOORTMANN, K. **Op.cit.**, p. 305

família.⁸⁷ Esta insegurança evidencia-se em parte na população analisada nesta pesquisa. As famílias têm dificuldades em aceitar programas de moradia que implicam endividamento a longo prazo, pois não conseguem vislumbrar a possibilidade de cumprir este compromisso, já que não têm garantias de continuidade em suas ocupações atuais pelo período de um ano.

Essa situação de instabilidade e insegurança também estava presente na vida dos migrantes, quando estes ainda estavam no interior. Envolvia, entre outras, a questão da sazonalidade e das constantes mudanças em busca de trabalho em outras terras.

Em algumas situações, a partir do momento em que a mulher pôde obter sustento suficiente para sua família, ela procurou separar-se do marido, principalmente se este era violento com ela e com as crianças ou se o mesmo já não cumpria o papel de provedor. Durante a fase da organização da família em que há grande dependência da mulher e dos filhos, ainda pequenos, em relação ao homem que representa o chefe provedor, mesmo que haja problemas sérios decorrentes de relações de gênero desiguais, a mulher evita ao máximo o rompimento dos laços conjugais, justificando esta submissão em função da necessidade de sustentar e manter os filhos, que são, também, razão das dificuldades ou do impedimento para que ela trabalhe fora de casa. Esta situação agrava a pobreza em que se encontram, uma vez que ela e os filhos ainda não contribuem significativamente para o orçamento doméstico.

As pesquisas sobre família no Brasil têm ressaltado algumas tendências no sentido do desenvolvimento de múltiplos arranjos familiares e configurações diversas na esfera doméstica. Tais arranjos seriam resultado de vários fatores, entre eles: a instabilidade da família nuclear em função de dificuldades financeiras e problemas conjugais; a precocidade das uniões; o

⁸⁷ TELLES, Vera da Silva. **A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza**. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Sociologia) _ Depto. de Sociologia, USP p. 193

número crescente de adolescentes que se tornam mães solteiras; os problemas de habitação; o desemprego, entre outros.

Entre as famílias migrantes pobres, essas várias combinações ou arranjos na esfera doméstica são significativos e envolvem desde a inclusão de agregados pertencentes à rede de parentesco até arranjos originais, resultantes de trocas de favores entre vizinhos e compadres que vêm do interior ou enviam seus filhos(as) visando obter uma colocação na cidade.

Constatamos, assim, que a família é mais do que foi exposto, como revelou Sarti, em pesquisa sobre a moral dos pobres.

A família não é apenas o elo efetivo mais forte dos pobres, o núcleo de sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social. (...) Sua importância não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e serve de parâmetro moral para sua explicação do mundo.⁸⁸

A forma como família, sociabilidade e trabalho se inter-relacionaram ou se organizaram – no decorrer das migrações e já no ambiente urbano, segundo hábitos e experiências específicas – permitiu a construção de modos de vida que diferem, parcialmente, da situação dos migrantes mais recentes e das famílias que vivem em ocupações também recentes, na RMC.

Esta situação mais ou menos diferenciada deve-se ao tipo de inserção socioeconômica que esses migrantes tinham no interior e às diferentes conjunturas históricas em que migraram, o que influenciou também na forma como se deu sua instalação na RMC. As migrações mais recentes, entre os municípios da RMC, dirigem-se em sua maioria, para “*áreas de risco de*

⁸⁸ SARTI, C. **A família como espelho.** ...São Paulo. Tese(Doutorado), Depto. de Antropologia, FFLCH/USP, 1994 p. 61

Piraquara, município que apresenta sérios problemas de infra-estrutura”, conforme observado em estudo feito em 1994.⁸⁹

A inserção no mercado de trabalho, no entanto, segue aproximadamente a mesma tendência verificada por ocasião da vinda dos mais antigos – construção civil e serviços de serventia, implicando baixos rendimentos e instabilidade no emprego.

A seguir, destacam-se, em linhas gerais, as características das famílias pesquisadas. Inicialmente fez-se uma análise das histórias de vida e questionários aplicados, a partir dos dados obtidos em cada uma, independente das famílias em que se inserem. Os dados foram organizados de maneira que se pudesse perceber as semelhanças e especificidades entre três grupos de migrantes de diferentes faixas etárias, para que fosse possível a análise segundo as diferentes gerações. Esta divisão em faixas etárias explica-se também porque, conforme podemos observar na **Tabela 7 e Gráfico 4**, os entrevistados mais idosos são também os que estão há mais tempo na RMC. No grupo 1, foram analisadas doze histórias de vida e um questionário de mulheres com mais de 50 anos e uma história de vida e um questionário de homens na mesma faixa etária, num total de quinze entrevistados; no grupo 2, dez histórias de vida e questionários de mulheres que têm entre 30 e 49 anos e quatro de homens na mesma faixa etária, num total de quatorze; finalmente, oito histórias de vida e questionários de mulheres entre 14 e 29 anos.

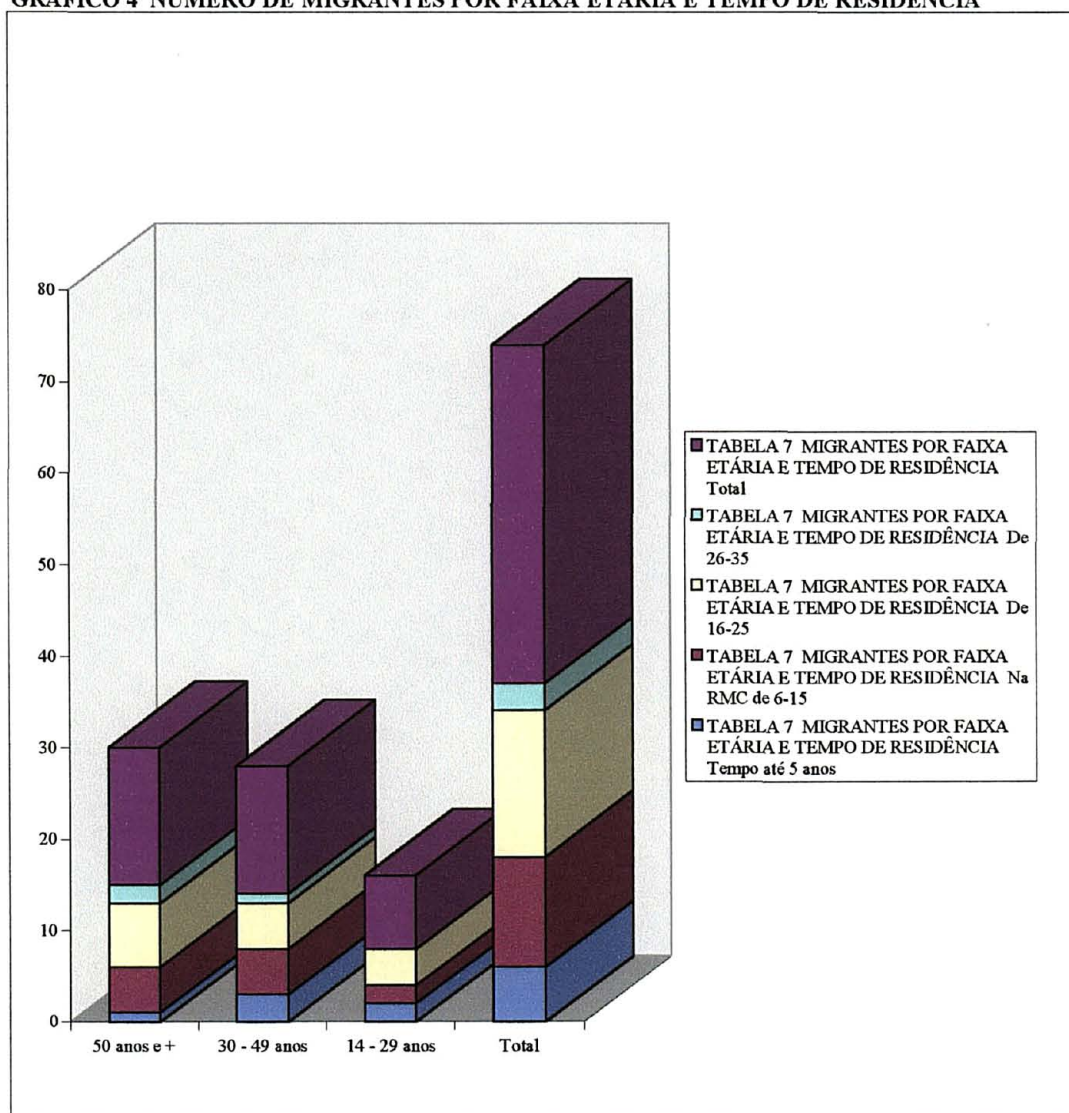
⁸⁹ IPARDES/COMEC _ CADASTRAMENTO DE MORADORES EM ÁREA DE RISCO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA/PMA-03, PROSAM _ Programa de Saneamento Ambiental, v.1, Curitiba, Ago/1994.

TABELA 7 MIGRANTES POR FAIXA ETÁRIA E TEMPO DE RESIDÊNCIA

Faixa Etária	Tempo até 5 anos	Na RMC de 6-15	De 16-25	De 26-35	Total
50 anos e +	1	5	7	2	15
30 - 49 anos	3	5	5	1	14
14 - 29 anos	2	2	4	0	8
Total	6	12	16	3	37

Fonte: Pesquisa de Campo _ Migrantes da RMC: estratégias de sobrevivência

GRÁFICO 4 NÚMERO DE MIGRANTES POR FAIXA ETÁRIA E TEMPO DE RESIDÊNCIA



Fonte: Pesquisa de Campo _ Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: estratégias de sobrevivência.

2.1 COMPOSIÇÃO FAMILIAR E CONTROLE DA NATALIDADE

No grupo 1 (entrevistados com 50 anos e mais), a característica que mais chama atenção refere-se ao número de filhos e à falta de controle dos nascimentos, como era de esperar. Tem-se entre as mulheres acima dos 50 anos uma média de 9,1 filhos, excetuando-se os adotivos. Com os adotivos, chegou-se à média de 9,4 filhos por família, conforme **Tabela 8**. O número total de filhos por família variou de 4 a 16, o que mostra bem a heterogeneidade quanto ao número de filhos nessas famílias. Entretanto, o índice de mortalidade infantil era muito grande, assim como o número de filhos que morriam mais tarde devido a doenças ou acidentes. Por isso consideramos outro dado, ou seja, a média de 7,1 filhos vivos hoje, por família. Nesta média, foram excluídos os possíveis abortos naturais ou provocados que, quando mencionados foram anotados nas observações. Alguns casais chegaram a perder entre 30 e 60% dos filhos, após o nascimento, ou seja, em média entre dois e três filhos por família. Numa delas, entre seis gestações, houve dois abortos naturais, três mortos ao nascer ou nos primeiros meses e apenas uma sobrevivente. Nos **Quadros 1 e 2**, referências das entrevistadas à questão da fecundidade e planejamento familiar.

TABELA 8 – NÚMERO MÉDIO DE FILHOS POR FAMÍLIA, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	Número de filhos/família	Nº Filhos vivos/família	OBSERVAÇÕES
1. De 50 anos e mais	9,4	7,1	2 abortos; 5 adoções;
2. De 30-49 anos	3,3	3,3	1 gravidez; 1 aborto; 1 adoção.
3. De 14-29 anos	1,7	1,7	1 gravidez.
Média Geral	4,8	4,0	

FONTE: Pesquisa de Campo – Migrantes da Região Metropolitana de Curitiba: estrat. de sobrev.

QUADRO 1 : FECUNDIDADE, PLANEJAMENTO FAMILIAR E ADOÇÃO, NO INTERIOR

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> A mãe de dois meninos gêmeos, pobre e doente, deixou que a entrevistada os adotasse, pois eles passavam fome e percorriam a cidade do interior do Paraná com um carrinho de madeira para recolher sucata para revender. A entrevistada já tinha três filhos..... 	REFERÊNCIAS 01
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> Quando estavam em Rondônia, adotou uma menina não somente porque esta passava necessidade, mas porque queria alguém que lhe fizesse companhia, pois seus filhos já haviam casado..... Qdo. a mãe morreu deixando 9 filhos, o pai preferiu cuidar deles sozinhos, apesar de várias pessoas terem solicitado que ele lhes desse em adoção. Depois de dois anos casou-se, mas a madrasta morreu após 5 anos de união..... Seu pai era mineiro e sua mãe baiana. A mãe fora adotada, portanto ela só conhecia uma tia. Da parte do pai, não conhecia ninguém..... 	01 01 01

QUADRO 2 : FECUNDIDADE, PLANEJAMENTO FAMILIAR E ADOÇÃO, NA RMC

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> A ausência de planejamento familiar não ocorria somente entre as entrevistadas hoje com mais de 50 anos, mas também com uma parte de suas filhas. Uma moça que veio com 13 anos trabalhar de doméstica, aos 15 engravidou e aos 16 casou-se; Um rapaz que com 17 anos já tinha 4 filhos..... Uma entrevistada explica que como hoje é difícil ter muitos filhos, as suas filhas e noras estão evitando, e utilizando anticoncepcionais..... Percebe-se que houve uma diminuição brusca do número de filhos por família, de uma geração à outra. Enquanto a mãe de uma entrevistada teve 10, ela teve 9 e suas filhas e filhos tiveram entre um e três filhos cada..... Outra, a mãe teve 11 filhos, 5 morreram, enquanto ela teve 3, um morreu e ela adotou outra. Procurou tomar pílula e depois fez laqueadura. Os filhos têm 3 e 2 filhos cada um..... Em outro caso, os pais tiveram 15 filhos, ela três, mas adotou mais dois. Depois tomou pílula, colocou DIU e depois fez laqueadura. A adoção pela entrevistada de dois meninos gêmeos permitiu que os mesmos se transformassem em uma dupla sertaneja de sucesso e hoje, são eles que socorrem sua mãe biológica e se mostram agradecidos à mãe adotiva..... Outra – cuja mãe teve 9 filhos sendo 6 vivos – teve 6 filhos, mas só uma viva. Esta ainda não teve filhos porque acha que não é o momento, já que ela e o marido estão desempregados..... 	REFERÊNCIAS 02 01 01 01 01 01 01
	Continua.....	

30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Outra entrevistada tomou pílula depois do 5º filho e agora não é mais fértil..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Outra entrevistada teve 14 filhos, enquanto seus filhos e filhas tiveram entre 2 e 4 filhos cada um. Ela tem hoje 30 netos e acha que suas filhas deviam ter evitado tantos filhos, pois não têm condições de sustentá-los e trabalhar ao mesmo tempo..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Procurou controlar o número de filhos pela utilização da pílula anticoncepcional e após o terceiro filho, fez laqueadura..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Tomou pílula por algum tempo, mas depois o médico recomendou que fizesse laqueadura, pois tinha problemas de saúde que contra-indicavam a pílula..... 	02
	<ul style="list-style-type: none"> • Tomou pílula porque achou que era mais eficiente, mas depois teve que fazer laqueadura, porque a pílula fazia mal..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Depois do terceiro filho, fez laqueadura, porque tem dificuldades financeiras para sustentá-los e educá-los, mas antes não havia utilizado qualquer outro método anticoncepcional..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Tiveram três filhos e um aborto espontâneo, ao que tudo indica, devido à hipertensão. Ela e o marido jamais concordariam com um aborto provocado. O terceiro filho não estava nos planos, pois estava tomando anticoncepcional e engravidou. O marido brigou com ela, porque não acreditou que ela estava tomando pílula, então mostrou a ele a cartela. A primeira gravidez ocorreu já no primeiro mês de casada, sem que tivessem planejado. Depois, como o marido não concordava em usar camisinha, ela passou a tomar a pílula para dar um intervalo maior para poder ter o segundo filho, pois passavam dificuldades financeiras e no casamento. Quando nasceu o terceiro, fez laqueadura..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Queriam um filho só, mas mesmo tomando pílula, ela engravidou, “felizmente”. Depois disto ele pagou para que ela fizesse laqueadura (aos 24 anos), pois não poderiam criar mais um, pois dá muito trabalho. Comparando com os que têm muitos filhos que sofrem, “se for pra sofrer, é melhor não ter”..... 	01

Uma das explicações para este alto índice de mortalidade é o fato de residirem em regiões desprovidas de assistência médica e, muitas vezes, até mesmo da possibilidade de vacinar e tratar as doenças mais comuns. Outros fatores seriam a desnutrição das crianças e as dificuldades no parto. Ainda relacionado à saúde, teríamos a própria fraqueza das mães, que

dando à luz em intervalos entre um a dois anos e trabalhando sempre em serviço pesado, não conseguiam nutrir e cuidar adequadamente delas mesmas e de seus filhos.

Uma proporção importante das mães ignorava métodos anticoncepcionais, e, quando os conheceram, não os usaram. Algumas dizem que em seu tempo não existiam; outras que por razões religiosas não procuravam evitar filhos; outras ainda, que essa preocupação não lhes “*passava pela cabeça*”. Houve um caso em que, em determinado momento, a mulher havia pensado em efetuar cirurgia para não ter mais filhos e para que pudesse trabalhar e realizar-se profissionalmente, já que recebera um convite para um trabalho em um hospital, o que ela gostaria muito. Como o tipo de trabalho requeria que o marido também deixasse de ser agricultor e se dedicasse a outro trabalho para ficar próximo da esposa, houve discordância dele, que não só a impediu de trabalhar e estudar como a impediu de fazer a cirurgia, e ela teve ainda um grande número de filhos. Segundo a esposa, ela aceitava sem contestação as decisões do marido por uma questão de respeito e porque tinha “*pleno entendimento com o mesmo*”. Evidenciou-se, neste caso, a existência de uma contradição pois a entrevistada indica a existência do conflito e, na sequência, faz questão de mostrar que tinha um bom relacionamento com o marido, o que a levou a aceitar as ponderações dele.

Voltando à questão do elevado índice de mortalidade. Boa parte das mortes que ocorreram mais tarde explica-se pelos acidentes e pela violência a que estão expostos em seu cotidiano. Pode-se arrolar aí, os assassinatos, os acidentes com armas, os atropelamentos, envenenamentos, afogamentos, entre outros. Isto ocorre não somente entre os migrantes, mas entre os pobres de uma maneira geral.

É interessante observar também que é freqüente nessas famílias o costume de adotar outras crianças, por um determinado período, ou por toda a vida, mesmo nas famílias em que já havia grande número de filhos. Esses adotivos às vezes são da própria família, no caso de

netos cujos pais eram solteiros, ou crianças que viviam na rua, mas tinham pais vivos e foram adotados para que pudessem manter-se e estudar. Depois de adultos, seguiram seu caminho, mas mantêm laços com a família de origem e com a que os adotou. As famílias adotam também crianças desconhecidas, não somente para que tenham um lar, mas para que façam companhia ao casal cujos filhos casaram-se muito cedo e que sentia necessidade de ter mais alguém consigo. Mas, o que as pessoas entrevistadas deixam transparecer de fato é um profundo e sincero sentimento de solidariedade para com estas crianças “*abandonadas à própria sorte*”. Há relatos de pessoas que vivem sós e como troca de favores com seus conhecidos no interior recebem alguns jovens que vêm à procura de trabalho. Aí têm abrigo e alimentação garantidos, em troca de companhia e uma contribuição financeira de cada um deles. Embora este grupo doméstico não constitua uma família, as pessoas que vivenciam esta experiência tratam-se como se assim o fossem.

No segundo grupo (entrevistados entre 30 e 49 anos), percebe-se que metade dos entrevistados tem três filhos, enquanto 21,42% têm dois filhos apenas. Os demais têm entre quatro a seis filhos. Como registramos apenas um caso de aborto espontâneo e uma gravidez de um terceiro filho, e que, grande parte das mulheres desta faixa etária declarou ter feito cirurgia para não ter mais filhos, ou, ao menos, que estão usando outros métodos anticoncepcionais e que não querem mais ter filhos, chegamos à média de 3,3 filhos por família. Desconsiderando-se o aborto, constata-se que, nesta faixa etária, os casais mantiveram 100% dos filhos vivos. O resultado é mais positivo ainda se levarmos em conta que as crianças têm ao menos dois anos de idade e, portanto, já ultrapassaram o período considerado mais crítico quanto à mortalidade infantil. A taxa de mortalidade infantil por mil nascidos vivos no municípios de Piraquara, se considerarmos os dados a partir de 1980, indica períodos de

oscilação com um aumento em 1983, que chega a 67,64 por mil; em 85, cai para 62,96 e, em 1990, para 42,86, o que é um progresso importante, embora ainda represente uma alta taxa.

Vários fatores explicam a drástica redução no número de filhos por família, de uma geração à outra, entre eles: maior conhecimento e acesso mais facilitado aos métodos anticoncepcionais, inclusive com orientação sobre planejamento familiar e acesso gratuito à pílula; a necessidade de limitar o número de filhos em função da migração e suas conseqüências; a consciência de que um menor número de filhos poderia representar uma melhoria na saúde da mulher e nas condições de vida da família, além de possibilitar a participação da mulher no mercado de trabalho urbano. O inverso também é verdadeiro: a participação da mulher no mercado de trabalho por necessidade econômica levou à redução no número de filhos, pois nas áreas urbanas um maior número de filhos não significa uma ajuda maior no trabalho, mas, muitas vezes, o impedimento ao trabalho da mulher.

O modo de vida e a experiência desses homens e dessas mulheres que tiveram um acesso maior que seus pais à educação formal; e que presenciaram o sofrimento de suas mães com a experiência da fome e da morte e viram esgotadas as possibilidades de trabalho digno na lavoura para si e para seus filhos, levou-os à decisão de reduzir o número de filhos, como estratégia de sobrevivência da própria família. As novas formas de sociabilidade típicas de um ambiente urbano e as mudanças na relação pais e filhos, além da superação de alguns tabus religiosos, contribuíram igualmente para as mudanças no âmbito destas famílias. De resto, a diminuição da fecundidade está inserida num contexto bem mais amplo, seguindo uma tendência nacional e até mesmo internacional.

A participação da mulher no controle dos nascimentos, nessa faixa etária, foi decisiva, pois, participando mais diretamente do mercado de trabalho, teve acesso a informações sobre métodos contraceptivos, seja diretamente nos hospitais e postos de saúde, ou por intermédio

das patroas, a quem viam como alguém que poderia ajudá-las e aconselhá-las. Algumas patroas chegavam a comprar os anticoncepcionais, ensinavam como usá-los ou emprestavam-lhes dinheiro para efetuarem a cirurgia de laqueadura das trompas, descontando aos poucos de seus salários. Em geral, os médicos também tiveram papel importante sugerindo, quando necessário, a cirurgia, realizando-a gratuitamente ou facilitando seu pagamento. Parte considerável das mulheres justificou a laqueadura dizendo que a pílula lhes fazia mal e que não poderiam ter mais filhos, por problemas de saúde ou por problemas financeiros.

A análise do grupo 3 (entrevistados entre 14 e 29 anos) revela que a média de filhos por família é de 1,7. Deixou-se de lado para esta média, uma adolescente solteira sem filhos, para que não houvesse distorção. Deve-se ressaltar que nesta faixa etária, boa parte dos casais ainda não se definiu sobre ter ou não mais filhos, o que explica um índice tão baixo. Conforme os depoimentos, a tendência dos casais entrevistados é que a média fique em dois filhos por família. Nesta faixa etária, o número variou de nenhum a quatro filhos por família. Algumas vezes, entre os entrevistados, aparece o argumento de que não vale a pena colocar filhos no mundo de hoje, para sofrer. Quando buscamos uma explicação para o que significaria este sofrimento, se eles estavam se referindo às dificuldades econômicas que um maior número de filhos poderia trazer, diziam que não é só isto, que só o fato de estar neste mundo já é um sofrimento. Este argumento tem influência de valores religiosos evangélicos, que vêem o sofrimento das pessoas neste mundo como uma prova à qual Deus os submete para testar sua fé.

Entre os mais jovens, percebe-se pela idade dos filhos e outras informações, que algumas mulheres tiveram seu primeiro filho aos 14 anos de idade, outras aos 18. Este dado mostra que as mulheres mais novas estão tendo os filhos relativamente mais cedo do que as mais idosas (50 anos e mais) os tiveram. Já as mulheres entre 30-49 anos casaram-se mais

tarde ou esperaram um pouco mais para ter seu primeiro filho, conforme mostra a **Tabela 9** sobre a média de idade ao casar. É possível que entre as mulheres acima de 50 anos tenha havido alguma omissão quanto a abortos ou filhos que morreram ao nascer e que não tenham sido considerados, porque não quiseram assumir ou por esquecimento. Por esta razão, é provável que a média de idade ao casar destas mulheres oscilasse um pouco sendo ligeiramente mais baixa do que a que consta da tabela 8. Isto porque o cálculo da idade ao casar, quando não informada, foi obtido através de outras informações, entre elas, a idade do filho mais velho, a idade da entrevistada, ano aproximado do casamento ou quanto tempo demorou para ter o primeiro filho.

TABELA 9 – MÉDIA DE IDADE AO CASAR, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	Feminina	Masculina	Geral
1. De 50 anos e mais	19,6	21,5	20,5
2. De 30 - 49 anos	20,7	22,3	21,5
3. De 14 - 29 anos	17,7	Não Informada	17,7 *
GERAL	19,3	21,9	20,6

FONTE: Pesquisa de Campo _ Migrantes da RMC: estratégias de sobrevivência

* Não foram entrevistados homens nesta faixa etária, o que prejudica a média geral e específica deste grupo.

Ao que tudo indica, a realização do aborto enquanto prática para evitar filhos ocorre, mas não é mencionada abertamente e, portanto, não podemos avaliar qual sua proporção. Nas conversas informais com as entrevistadas, elas citam algumas tentativas de aborto que não se concretizaram e que teriam causado seqüelas nas crianças. Estas práticas, segundo elas, seriam mais freqüentes entre as mães solteiras que, não tendo condições de criar os filhos ou não desejando unir-se ao pai da criança, optam por realizar o aborto, mesmo sem qualquer tipo de assistência.

A questão da “mãe solteira” é apenas um dos fatores que contribuem para uma tendência no sentido do predomínio de famílias chefiadas ou sustentadas por mulheres, como trataremos a seguir.

2.2 ESTADO CIVIL

A variável estado civil permite mostrar algumas transformações na organização familiar nas últimas décadas. No grupo de entrevistados acima dos 50 anos, têm-se dois terços casados, quase um terço viúvas e apenas uma divorciada. Entre as mulheres casadas, duas estão no segundo casamento. A viuvez das mulheres, em grande número, revela que os homens morrem mais cedo que as mulheres, mas também que elas, neste grupo, casaram-se com homens mais velhos. Além disso, os homens pobres morrem relativamente cedo, se comparados aos trabalhadores de melhores condições de vida.

No grupo dois, todos são casados, mas um já é casado pela segunda vez, após divórcio. O último grupo, dos mais novos, surpreende pela incidência de separações, pois apesar de mais da metade ser casado, duas já estão no segundo casamento.

Uma das explicações possíveis para este dado é o fato de estes casais estarem unindo-se mais cedo, muitas vezes tendo logo seu primeiro filho, antes mesmo de conhecer as dificuldades que podem advir de uma união precoce. Além disso, as dificuldades financeiras devido à falta de empregos estáveis e um maior esclarecimento da mulher em relação à seus direitos e deveres colaboram para que ela não aceite passivamente o comportamento autoritário ou violento do marido, ou até mesmo o fato de ele não poder prover a contento sua família. Estas situações geram crises, e estas, embora fossem geralmente suportadas ou

contornadas por homens e mulheres das outras faixas etárias, hoje acabam levando mais facilmente à separação. Apesar de ainda hoje a mulher divorciada ser vista como a culpada pela situação de sua família, observa-se que, entre os mais jovens, as separações não são tão condenadas como o foram nas outras gerações. Neste item, percebe-se a diferença entre este e os dois outros grupos, nos quais havia mais conformismo e submissão, assim como maior dependência da mulher em relação ao marido. Havia também a preocupação com os filhos que, juntamente com as dificuldades financeiras em sustentar a família separada, impedia a efetivação da separação.

Percebe-se, portanto, uma mudança nas relações de gênero, principalmente entre os mais jovens, fruto de um maior esclarecimento obtido no ambiente urbano, onde se tem mais acesso às informações. Estes jovens também tiveram um nível de instrução mais alto que o de seus pais e avós, o que facilitou a adoção de novos valores em relação à família e à vida de uma forma geral, que os leva a questionar os padrões de gerações anteriores.

Exemplificando, citamos que uma das entrevistadas não concordou com o comodismo do primeiro marido, que não só “*não quis continuar seus estudos*”, como ficou acomodado em seu emprego de frentista; tinha ciúmes dela, porque ela pretendia continuar estudando e agia de forma agressiva em casa e no serviço. Ela não teve dúvidas em evitar filhos e separar-se em seguida, para preservar sua liberdade, impedindo que houvesse consequências ainda piores, segundo afirma. Esta experiência fez com que hoje, embora tivesse encontrado outra pessoa, ela evitasse formalizar sua união, antes de conhecer melhor o rapaz.

Apesar de se perceber certa mudança de valores entre os mais jovens, revelada pela maior liberdade usufruída por eles, permanece em sua educação o tratamento diferenciado entre homens e mulheres; para os pais e mães, é muito mais fácil aceitar que seu filho solteiro tenha engravidado a namorada e depois a tenha abandonado, do que o inverso, sua filha

engravidar e ficar solteira. Alegam que “*rapaz solteiro tem que largar à vontade, não pode obrigar*”. Alguns pais fazem uma única ressalva: que o filho ao menos ajude no sustento da criança.

Há casos de rapazes solteiros com 1, 2 ou até 4 filhos, alguns de mulheres diferentes, que seus pais não condenam. As filhas, porém, são criticadas constantemente, por terem seus filhos ainda solteiras e por não se preocuparem em criá-los adequadamente.

Constatamos ao menos dois casos de prostituição em que as moças tinham filhos de pais diferentes e os deixavam aos cuidados das respectivas avós. Uma das mães condenava o comportamento da filha. A outra apenas dizia que a filha era “*um pouco doida*”, e não a recriminava tanto. Em ambos os casos, as crianças ficavam “*largadas na rua*”, sob vigilância das avós, e apresentavam-se fracas e até mesmo desnutridas.

2.3 RELIGIÃO

A variável religião é importante por indicar uma certa visão de mundo e sua transformação na própria trajetória de vida dessas famílias.

Entre os mais idosos (50 anos e mais), menos da metade dos entrevistados professa a religião Católica, mas não há uma unidade na opção religiosa, dentro de cada família. A maioria das senhoras pesquisadas mudou de religião, da Católica para algum dos ramos da Igreja Evangélica ou “*crente*”, como alguns denominam. Entre os membros de uma mesma família, também constatamos uma divisão entre católicos, evangélicos ou outras religiões. Percebe-se uma liberdade religiosa que não existia quando eram crianças. O fato de pais e

filhos não seguirem a mesma religião não chega a ser problemático, pois ambos geralmente respeitam a opção, sem interferência.

Na faixa entre 30 - 49 anos, mais de 60% são católicos. Também neste grupo, houve uma significativa mudança de religião – cerca de 1/3. As razões apontadas referem-se a uma adaptação à opção do cônjuge, por ocasião do casamento, ou a uma mudança ocorrida por força das circunstâncias. Muitas vezes, referem-se às perdas ocorridas em suas vidas ou a doenças de familiares como sendo o motivo que os levou a freqüentar outras igrejas. Outras vezes, dizem que a Igreja Católica estava errada em sua doutrina ou sua prática. Nesta faixa etária, a principal tendência foi a saída das outras igrejas para a Católica. A maioria entre os mais jovens é católica (62,5%) e aproximadamente 25% evangélicos.

O que se observou na fala dos entrevistados que mudaram de religião, principalmente entre os que mudaram da Católica para as Evangélicas, foi uma busca de satisfação material ou da resolução de problemas de âmbito doméstico.⁹⁰ Assim, este dado reafirma as conclusões de outra pesquisa sobre as religiões populares que em geral prometem melhoria no cotidiano das pessoas e não somente numa vida eterna que lhes parece inatingível.

Uma das entrevistadas relata que deve sua vida à sua conversão à Igreja de Deus do Brasil, que se deu há dezesseis anos, graças ao aconselhamento de um Pastor, sobre os problemas de alcoolismo e violência doméstica que enfrentava com o primeiro marido. Com justificativas semelhantes enumeram-se outras falas, sempre relatando mudança de religião em razão de problemas de saúde, problemas domésticos ou financeiros graves, que os levou a buscar respostas na religião.

⁹⁰ Para aprofundar a discussão sobre a influência das diferentes religiões no âmbito das famílias e das classes populares, ver: MACHADO, M^a das Dores C; MARIZ, Cecília L. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as Igrejas Pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os Grupos Carismáticos. In: **RBCS**, v. 12 n. 34, Jul/97 p.71-87; MACHADO, M^a das Dores C. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Aut. Associados; São Paulo:ANPOCS, 1996.

2.4 GRAU DE INSTRUÇÃO

Entre o grupo de entrevistados mais velhos, mais da metade é analfabeta. Alguns cursaram até a primeira ou terceira série do primeiro grau e somente um completou a quarta série. Entre as razões alegadas para o pouco estudo, mencionaram o fato de que precisavam trabalhar na roça para ajudar os pais, o que era sempre prioritário em relação à escola. E, mesmo que fossem à escola, não conseguiam estudar em casa, devido à falta de tempo, de luz e ao cansaço, que levava a um baixo aproveitamento na escola e à conseqüente evasão. Outra justificativa para terem desistido de estudar, é que a escola era longe demais e o caminho muito perigoso para mandar as crianças à pé, sozinhas, “*principalmente as meninas*”. Havia também a questão das inúmeras migrações na busca por trabalho, o que atrapalhava bastante o registro e a freqüência regular à escola. Eles e seus pais não entendiam a educação formal como algo importante para sua vida futura. Entretanto, procuraram dar ao menos um pouco de estudo a seus filhos, à medida que, com sua experiência, aprenderam a valorizá-lo.

No segundo grupo, como observa-se na **Tabela 10**, houve uma melhora no nível de escolaridade entre os entrevistados, pois não se tem nenhum analfabeto. Quase metade terminou a 4ª série e pelo menos um concluiu a 8ª série do 1º Grau. Dois concluíram o 2º Grau.

Entre os mais jovens, metade concluiu a 8ª série e havia ao menos uma cursando o segundo grau e outra que chegou até a segunda série do curso superior, mas não concluiu.

TABELA 10 – DISTRIBUIÇÃO DOS MIGRANTES POR GRAU DE INSTRUÇÃO,
SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	Analf.	1ª S. 1º G.	2ª-4ª 1º G.	5ª-8ª 1º G.	2º G. Inc.	2º G. Comp	3º G. Inc.	3º G. Comp	Total
(50 e +)	08	03	04	—	—	—	—	—	15
(30 - 49)	—	01	09	02*	—	02	—	—	14
(14 - 29)	—	—	01	05**	01	—	01	—	08
TOTAL	08	04	14	07	01	02	01	00	37

FONTE: Pesquisa de Campo _ Migrantes da RMC: estratégias de sobrevivência

* Destes, somente um concluiu a 8ª série

** Destes, quatro concluíram a 8ª série

Conforme observamos, houve um progresso real no que se refere ao grau de escolaridade, comparando-se as diferentes faixas etárias, em favor dos mais jovens. Houve o reconhecimento da necessidade que as pessoas têm de estudar o suficiente para saber ler e escrever e, mais tarde, da necessidade de completar os estudos para melhor poder competir no mercado de trabalho.

Hoje, fica evidente que a maioria dos pais entrevistados percebe a educação como um valor. Apesar das dificuldades enfrentadas por essas famílias para a própria manutenção, quase todas as crianças em idade escolar estão freqüentando as aulas. Muitos chegam a declarar que é só o estudo que eles podem dar aos filhos. Isto, enquanto puderem contar com a escola gratuita.

Quando comparam sua vida com a de seus filhos, consideram a dos filhos melhor, justamente porque estão podendo estudar ou estudaram ao menos o suficiente para ler e escrever. Os pais orgulham-se de poder dar esta oportunidade aos filhos. Ficam felizes em perceber que seus netos, em sua maioria, só estudam e não precisam trabalhar fora de casa desde a infância. Hoje, alguns dos entrevistados de cada uma das três faixas etárias retomaram seus estudos na Vila, possibilidade que antes lhes havia sido negada. Alguns já haviam tentado

retomar os estudos em outras oportunidades, mas não foi possível permanecer por razões diversas, que vão desde o cancelamento das aulas por parte dos poderes públicos até a dificuldade em ir à noite até Curitiba, retornando ainda mais tarde. Faltava transporte e segurança para ir e vir com alguma tranquilidade.

Conforme a **Tabela 11**, entre os migrantes pobres, tanto os brancos, quanto os negros ou os mulatos, todos têm pouco grau de instrução. Entre os negros e mulatos, há proporcionalmente mais analfabetos.

TABELA 11 – MIGRANTES CONFORME GRAU DE INSTRUÇÃO, SEGUNDO A COR

COR	Analf.	1ª S. 1º G.	2ª-4ª 1º G.	5ª-8ª 1º G.	2º G. Inc.	2º G. Comp.	3º G. Inc.	3º G. Comp.	Total
Branca	01	03	08	03	01	01	01	—	18
Mulata	04	01	06	04	—	—	—	—	15
Negra	03	—	—	—	—	01	—	—	04
Total	08	04	14	07	01	02	01	—	37

FONTE: Pesquisa de Campo – Migrantes da RMC: estratégias de sobrevivência

No que se refere ao grau de instrução, portanto, a faixa etária e a falta de condições para freqüentar a escola explicam melhor a distribuição dos migrantes do que a questão da cor ou da raça, ao menos no que se refere aos entrevistados. Porém, se agruparmos os negros e mulatos, e os compararmos aos brancos, podemos perceber que, enquanto os primeiros, em sua maioria, são analfabetos ou têm até a primeira série do primeiro grau, os brancos, em sua maioria, distribuem-se entre os que têm da primeira à oitava série do primeiro grau, o que revela uma certa disparidade significativa no nível de instrução, entre brancos e negros ou mulatos.

Sobre as dificuldades que tiveram no interior para freqüentar a escola, uma entrevistada relata que, após concluir a quarta série, passou a ajudar a professora a tomar conta da turma, que compreendia as quatro séries numa mesma sala. Outra relata que, mesmo tendo

freqüentado apenas trinta dias de aula, conseguiu pelo próprio esforço aprender a ler. Na Região Metropolitana de Curitiba, o problema maior parece referir-se às crianças de 0 a 6 anos, que não encontram vaga na creche. As demais, mesmo com dificuldade, têm freqüentado a escola.

Em todos os aspectos referidos, constatamos tendências de inflexão dos valores dessas famílias. Há um conflito constante não somente em termos geracionais, mas também em razão das experiências vividas em suas trajetórias. A vinda para a cidade também impõe novas formas de convivência e novas necessidades econômicas.

À medida que estas transformações alteram também as relações na família e sua própria composição e que novas informações e outros modos de vida são percebidos, até mesmo os valores religiosos passam a ser re-interpretados e relativizados.

A elevação do grau de instrução nas últimas gerações é interpretada como uma conquista que implicou sacrifícios, os quais a família considera válidos, na esperança da melhoria futura das condições de vida e de trabalho.

A família organizada enquanto rede, envolvendo eventualmente também a vizinhança, é uma recriação da situação que tinham no interior, pois também no sítio ou nas terras arrendadas, as pessoas residiam próximas para se ajudarem no trabalho e nos períodos de dificuldades.

CAPÍTULO 3

TRABALHO, DESEMPREGO E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA ENTRE OS MIGRANTES POBRES

Este capítulo tem por objetivo estabelecer uma caracterização do tipo de trabalho ou ocupação que os entrevistados exercem ou exerceram durante sua trajetória da lavoura até o trabalho na cidade, bem como apresentar as estratégias de sobrevivência destas famílias nas diversas etapas de suas vidas, na tentativa de preservar ou buscar o mínimo necessário para seu sustento, inclusive nos períodos de desemprego, o que é bastante comum em suas vidas. Analisamos as diversas estratégias, após agrupá-las em itens temáticos relacionados aos objetivos a serem atingidos pelas famílias ou conforme o que pretendiam combater ou evitar. Para facilitar a apresentação do conteúdo das histórias de vida, serão inseridos alguns quadros contendo as referências feitas pelos entrevistados a cada tema pesquisado. Na impossibilidade de apresentá-los todos neste capítulo, remetemos o leitor aos quadros temáticos constantes do **Anexo I**

3.1 OCUPAÇÃO ANTES DE MIGRAR PARA A REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

A análise do tipo de trabalho ou ocupação exercida pelos pais dos migrantes entrevistados, em especial daqueles que têm 50 anos ou mais, demonstra que todos foram lavradores, na condição de colonos, arrendatários, pequenos sitiantes ou bóias-frias, assim como peões, portanto ligados à criação ou invernagem do gado. Aparecem associadas à

função principal dos homens atividades complementares como carpinteiro ou o trabalho na extração da madeira. Entre as mulheres, as associações que mais aparecem são costureira, lavadeira, cozinheira, parteira, peoa ou encarregada do trato dos animais utilizados na subsistência das famílias. **Tabela 12**

TABELA 12 - TRABALHO/OCUPAÇÃO DOS PAIS DOS MIGRANTES:

PAI	FREQ.	MÃE	FREQ.	OBSERVAÇÕES
LAVRADOR	6	LAVRAD/COST/PARTEIRA	1	TODOS OS PAIS
LAVRADOR/CARPINT.	1	LAVRADORA	1	DOS MIGRANTES
LAVRADOR/PEÃO	1	LAVRADORA/COZINHEIRA	3	ACIMA DOS 50
XXX	X	LAVRADORA/LAVADEIRA	1	ANOS, FORAM
XXX	X	LAVRADORA/PEOA	1	AGRICULTORES,
XXX	X	XXX	X	BÓIAS-FRIAS OU
XXX	X	XXX	X	LIGADOS À
XXX	X	XXX	X	PECUÁRIA.

Pesquisa de campo

O trabalho ou função exercida pelos entrevistados incluídos na faixa etária acima dos 50 anos, quando estava no interior do Paraná ou de outras regiões do país, também estava quase que invariavelmente ligado à agricultura e/ou pecuária, conforme consta do **Quadro 3**. As exceções são aqueles casos em que trabalharam na lavoura apenas quando crianças, tendo mudado depois para uma pequena cidade do interior, de onde partiam para trabalhar na agricultura apenas alguns dos membros da família, enquanto outros passaram a trabalhar em funções como doméstica, motorista, entre outras. Quando estes entrevistados deixaram o trabalho na lavoura, as mulheres passaram quase que necessariamente pelo trabalho ligado aos afazeres domésticos, como diaristas, zeladoras, faxineiras, cozinheiras, lavadeiras, domésticas, além de costureira e do lar. Quando a mulher não exerceu outras atividades remuneradas, é porque saiu da lavoura já mais idosa e tinha algum problema de saúde que a impedia de trabalhar fora de casa.

As inúmeras dificuldades enfrentadas por esses lavradores fizeram com que eles buscassem soluções que muitas vezes implicaram venda dos títulos de posse, devido à

QUADRO 3

MIGRANTES DA RMC SEGUNDO CLASSE DE IDADE, REG. EM CARTEIRA E TRAB/FUNÇÃO ATUAL DO ENTREVISTADO:

Nº	C.ID.	TRAB/FUNÇÃO ANT.	TRAB/FUNÇÃO ATUAL	R.REAIS	REG.CART.	S	TRAB.ANT.CÔNJ	TRAB.ATUAL CÔNJ	REM.CÔNJ.
4	1	BÓIA FRIA/LAVRAD.	VIGIA	175	N/INFORM.	M	BÓIA FRIA/LAVR.	DOMÉSTICA	70
27	1	DOMÉSTICA	DIARISTA	260	NÃO	F	COMERCIA.(EX)	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
18	1	LAVRAD/ZELADORA	DIARISTA	240	NÃO	F	LAVRADOR	PEDREIRO/APOS.	112
3	1	BÓIA FRIA/LAVRAD.	DOMÉSTICA	70	NÃO	F	LAVRADOR	VIGIA	175
15	1	LAVRAD/COZINHEI.	DESEMPREGADA	XXX	NSA	F	LAVRADOR	PEDREIRO(DES.)	DESEMPR.
8	1	LAVRAD/LAVADEIRA	DIARISTA APOSENT.	112	NSA	F	LAVRAD/SAPAT.	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
5	1	LAVRAD/FAXINEIRA	DO LAR	XXX	NSA	F	LAVRAD/MANOB.	APOSENTADO	70
7	1	LAVRADORA	DO LAR	XXX	NSA	F	LAVRADOR	APOSENTADO	112
14	1	LAVRAD/COSTUREI.	DO LAR	XXX	NSA	F	LAVRADOR	METALÚRGICO	AFAST.INV.
16	1	LAVRAD/ZELADORA	DO LAR	XXX	NSA	F	LAVRADOR	ALMOXARIFADO	224
19	1	LAVRAD/COZINHEI.	DO LAR	XXX	NSA	F	LAVRADOR	CARPINTEIRO	NÃO INF.
2	1	LAVRAD/DOMÉST.	PENSION/DO LAR	65	NSA	F	LAVRADOR	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
6	1	LAVRAD/DIARISTA	PENSION/DO LAR	200	NSA	F	LAVRAD/CARPIN.	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
9	1	LAVRAD/FAXINEIRA	PENSION/DO LAR	112	NSA	F	LAVRADOR	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
36	1	MOTORISTA	MOTORISTA	400	SIM	M	DO LAR	DO LAR	XXX
37	2	LAVRAD/SERV.PEDR.	MESTRE DE OBRAS	900	N/INFORM.	M	DOMÉSTICA	DO LAR	XXX
30	2	LAVRAD/AUX.PROD.	DESEMPR.(doente)	XXX	NSA	F	LAVRADOR	FAZ FRETES	350
25	2	BÓIA FRIA/DOMÉST.	DESEMPREGADA	XXX	NSA	F	LAVRADOR	PEDREIRO	NÃO INF.
20	2	DOMÉSTICA	DO LAR	XXX	NSA	F	PEDREIRO	MANUT.EQ.C.CIVIL	NÃO INF.
22	2	LAVR/DOM/CAMAR.	DO LAR	XXX	NSA	F	PEDREIRO	MOTORISTA	580
29	2	LAVRAD/COSTUREI.	DO LAR	XXX	NSA	F	COMERCIANTE	COMERC./BAR	300
32	2	LAVRAD/LAVADEIRA	DO LAR	XXX	NSA	F	LAVRADOR	AUX.GERAL	220
31	2	LAVRAD/ZELADORA	AJUDANTE DE SERV.	250	SIM	F	LAVRADOR	SEGURANÇA	300
21	2	LAVRAD/PROFES.	AUX.PRÓT.ODONTOL.	500	SIM	F	LAVRAD/CARPIN.	CARPINTEIRO	NÃO INF.
10	2	DOMÉST/DIARISTA	COMERCIANTE	NÃO INF.	SIM	F	LAVRADOR	PEDREIRO	NÃO INF.
13	2	LAVR/COB/MOT/S.PE	COMERCIANTE	1200	SIM	M	TESOUREIRA	TESOUREIRA	NÃO INF.
1	2	LAVRAD/SERVENTE	DOMÉSTICA	100	SIM	F	LAVRADOR	CONF.ESTOQUE	160
12	2	LAVR/BOR/PEDREI.	MOTORISTA	300	SIM	M	DO LAR	DIARISTA	250
11	2	LAVRAD/GARIMPEI.	OPER. GUINDASTRE	350	SIM	M	DOMÉSTICA	DOMÉSTICA	200
17	3	VENDEDORA	DESEMPREGADA	XXX	NSA	F	LAVRADOR	MOTORISTA(DES.)	DESEM.(T.T)
23	3	AUX.PROD/COSTUR.	DESEMPREGADA	XXX	NSA	F	CAMINHON.(EX)	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
24	3	AUX.SERV.GERAIS	DESEMPREGADA	XXX	NSA	F	LAVRADOR	INSTR.PROD(F.P)	500
26	3	DOMÉST/FAXINEIRA	DESEMPREGADA	XXX	NSA	F	LAVRADOR	PEDREIRO	1000
35	3	LAVRADORA	DESEMPREGADA	XXX	NSA	F	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
28	3	ESTUDANTE	ESTUDANTE	XXX	NSA	F	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
33	3	LAVRAD/DOMÉST.	AUX.PRÓT.ODONTOL.	300	SIM	F	LAVRADOR	RECUPER.SOLDA	600
34	3	AUX.PROD/MANICUR.	BABÁ	520	SIM	F	SOLDADOR	SOLDADOR AUTÔN	2500

problemas de saúde; trabalhar a terra quase que exclusivamente com mão-de-obra familiar, no sistema de arrendamento. Além de trabalhar nas terras da família, procuravam trabalhar também por dia para outros agricultores, como forma de complementar suas necessidades. Quase metade dos entrevistados diz ter trabalhado no sítio do pai, do avô ou do sogro. Quando percebiam que não haveria a mínima condição de permanecer na lavoura, acabavam por vender o sítio.

Na lavoura, ficava a cargo do homem buscar trabalho nas fazendas, ou em outras localidades, quando as condições de sustento da família eram insuficientes onde estavam. Neste caso, geralmente ele deixava a mulher e os filhos trabalhando e mais tarde vinha buscá-los. Neste espaço, o homem exercia o papel de provedor.

No interior, ficava a cargo da mulher, o trabalho no sítio, o cuidado com a criação e o serviço dentro das casas. Como o trabalho da maioria dos lavradores tinha por base a mão-de-obra familiar, os jovens, ao casar, permaneciam no sítio dos pais, como forma de continuar contribuindo para a manutenção do grupo. Estabelecem, portanto, alguns acordos, muitas vezes incorporando os namorados à família, mesmo antes da união. Uma das entrevistadas relata que seu pai disse à seu namorado, na época, que só permitiria o casamento, se ele aceitasse trabalhar de graça para ele por um ano e não se mudasse com a filha, pois ela era a única que podia ajudar em casa. O namorado aceitou e, além de trabalhar para a família da namorada por um ano, trabalhou mais um ano para outros agricultores para poder construir uma pequena casa para eles, nas terras do sogro. Para a entrevistada, o casamento era visto como uma tentativa de libertar-se do trabalho na lavoura. Porém, logo percebeu que estava iludida, pois não somente continuou a ajudar os pais e/ou o marido no trabalho da lavoura e da casa, como passou grande parte de sua vida migrando devido às necessidades impostas pela agricultura.

Outra maneira de garantir o sustento da família no interior era buscar trabalho extra. Além do realizado nas terras arrendadas, plantava-se uma roça de subsistência (milho, feijão, arroz etc.) e criavam-se cabras, galinhas, porcos e vacas. Alguns membros da família trabalhavam de bóias-frias, quando era época de plantio ou colheita nas grandes plantações para ajudar na compra de produtos que eles não tinham no sítio. As mulheres geralmente costuravam e ou lavavam roupa para fora, como uma forma de suprir a família com o que não era fornecido pelo fazendeiro. Algumas jovens faziam também bordados, tricô e crochê para ajudar. Em geral, a filha mais velha era quem ajudava a mãe nos afazeres de casa, com a criação ou na costura.

Devemos ressaltar a importância do trabalho da mulher para a sobrevivência destas famílias, principalmente porque elas exerciam sempre, no mínimo duas atividades associadas.

Quadros 4 e 5/Anexo I. Assim, foram citadas as seguintes associações mais comuns, apresentadas aqui por ordem de frequência:

- *trabalho na lavoura, costureira ou lavadeira e trabalho da casa*
- *trabalho no sítio, cuidado da criação e trabalho da casa*
- *trabalho no sítio, bóia-fria e doméstica*
- *lavoura e trabalho da casa*
- *trabalho no sítio e cuidado da casa*

Na roça, como relatam os entrevistados, era costume levar os filhos sempre junto no trabalho, desde muito cedo. Isto porque não tinham com quem deixar as crianças, e porque os pais necessitavam do trabalho deles. Na verdade, a utilização do trabalho de crianças e adolescentes sempre fez parte das estratégias de sobrevivência dos trabalhadores da

agricultura. Alguns relatam terem começado na lavoura aos seis anos, outros aos sete, ou aos nove, mas todos contam que trabalharam, não só na agricultura, mas também que ajudavam no trato da criação e no serviço dentro de casa.

Alguns foram bóias-frias e outros acompanharam seus pais no trabalho. A função das crianças e adolescentes era determinada conforme o sexo, ficando a cargo dos meninos o trabalho com a foice e o facão, e para as meninas, o trabalho com a enxada e a colaboração no cuidado dos animais. Portanto, as crianças carpavam, arrancavam feijão, cortavam arroz, cuidavam da criação e ajudavam no trabalho do cafezal. Essa necessidade de auxiliar no trabalho da roça praticamente inviabilizou seus estudos, como se analisará ainda neste capítulo. Conforme pôde-se perceber, além do trabalho agrícola, quando os pais migravam para as pequenas cidades interioranas, os adolescentes trabalhavam em fábricas ou em pequenos estabelecimentos, entre eles, borracharias, além de efetuarem vendas e trabalharem no serviço doméstico. **Tabela 13**

**TABELA 13 - TRABALHO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO INTERIOR
E OUTROS ESTADOS, SEGUNDO O SEXO**

TRABALHO/OCUPAÇÃO	SEXO	FREQ.	OBSERVAÇÕES
DOMÉSTICA	F	3	PEQUENA CIDADE DO INTERIOR
TRAB. FÁBRICA DE LOUÇA	Ambos	3	INTERIOR DE SÃO PAULO
BÓIA-FRIA	Ambos	5	
LAVRADOR (TRAB. FAMILIAR)	Ambos	9	MENINO=FOICE; MENINA=ENXADA
BORRACHEIRO	M	1	PEQUENA CIDADE DO INTERIOR
VENDEDOR DE SALGADINHO	M	2	NAS OBRAS DO INTERIOR (constr.civil)
CUIDADO COM A CRIAÇÃO	F	1	
TRABALHO NA CASA	F	1	
TRABALHO NO QUINTAL	Ambos	2	
LEVAR ALMOÇO P/ROÇA	F	1	
CUIDAR DOS IRMÃOS	F	1	

Pesquisa de Campo

Para venderem a produção, recorriam aos “gatos”, o que impedia a obtenção de bons preços. Tinham dificuldades principalmente quando precisavam vender parte da produção com alguma urgência. Dependiam dos intermediários ou dos donos das vendas, que muitas vezes aproveitavam-se da situação, impondo preços que não pagavam sequer o trabalho que tiveram para colher.

Procuravam fazer seus próprios móveis e roupas, pois viviam sempre em condições precárias e tinham pouco acesso a estes produtos, pois em geral o trabalho agrícola acontecia muito longe dos núcleos urbanos.

3.2 MIGRAÇÃO E ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA

Entre as estratégias de sobrevivência que identificamos, uma das principais foi a própria migração, quando se esgotavam as possibilidades de permanência. A direção do fluxo migratório no interior era dada pelas possibilidades de constituição de novas lavouras, ou pelas possibilidades de absorção da mão-de-obra nos períodos de plantação e colheita. Algumas vezes não se tratava de migração, mas apenas de deslocamento de mão-de-obra buscando trabalho, sem haver uma mudança definitiva para outra localidade.

Quando saíram do interior em direção aos centros urbanos, no entanto, procuravam principalmente os lugares onde já havia certo ponto de apoio, em geral representado por algum parente ou conhecido que migrara anteriormente. Isto não deixa de ser uma estratégia que garantia determinadas facilidades ao chegar. Procuravam migrar aos poucos, ou seja, primeiro vinha um ou dois dos membros da família, para sondar as possibilidades de instalação junto aos conhecidos da Região Metropolitana de Curitiba e as chances de obtenção de emprego. Somente depois de concluir que haveria condições de trazer o restante da família é que se fazia

a mudança definitiva. Então, vendia-se a produção ou o próprio sítio e, em alguns casos, deixava-se em aberto com o ex-patrão a possibilidade de voltar, se necessário.

As histórias de vida revelam que a prática de alguém da família ou a família toda vir uma primeira vez e, depois de permanecer um tempo em tratamento de saúde, ou mesmo trabalhando, acabar retornando ao interior do Paraná ou dirigir-se a outros Estados, é mais ou menos comum. Portanto, somente mais tarde resolviam ficar definitivamente na Região Metropolitana de Curitiba. Outros vieram para a RMC e, graças ao tipo de trabalho que obtiveram, passaram a mudar-se a cada momento para um lugar diferente, até que vieram definitivamente.

Como se pode ver no item referentes às migrações, há vários exemplos de como a família dividia-se para migrar e depois, chamando os que restaram no interior, procurava novamente unir pais e filhos, irmãos, cunhados, tios, avós e outros membros. **Quadros 8 e 9/Anexo I.** Às vezes, faziam o contrário, ou seja, recomendavam que se possível os parentes não viessem, pois a cidade não era o que eles esperavam e se no interior estava difícil, aqui era ainda mais difícil, ao menos para a obtenção do alimento. Apesar de tudo, dificilmente os parentes deixavam de migrar, pois quando tomavam esta decisão era porque já não havia condição nenhuma de permanecer, seja porque estavam desempregados e sem perspectivas, porque estavam doentes e sem assistência médica, porque os resultados da produção não permitiam o sustento da família, ou mesmo porque se permanecessem, os filhos continuariam sem poder estudar adequadamente.

A migração se dava, portanto, mediatizada e apoiada por redes de parentesco e vizinhança, distribuídas entre alguma localidade do interior do Estado ou do país e a Região Metropolitana de Curitiba.

Quando vinham, geralmente traziam somente as roupas e uns poucos objetos pessoais. Algumas poucas famílias puderam trazer parte da mudança, utilizando-se do trem ou de carona em caminhões que transportavam a produção para municípios da RMC. Essas trouxeram algum dinheiro, arroz, banha, sabão caseiro, tentando evitar que passassem necessidades desde o início.

Os entrevistados mencionaram que alguns prefeitos de municípios do interior de Rondônia e do Mato Grosso prometem fornecer passagens para que os que estão desempregados ou doentes possam vir para o Sul ou Sudeste, para encontrar seus parentes, onde tentariam conseguir trabalho. No entanto, fornecem passagens só até a metade do trajeto, aproximadamente, criando uma situação muito difícil para essas famílias, pois ficam sem recursos para prosseguir viagem ou mesmo retornar. Em alguns casos, famílias inteiras ficam desamparadas, tendo que procurar auxílio em albergues, até que seus parentes possam enviá-lhes o dinheiro para as passagens, para que completem o trajeto.

3.3 INSERÇÃO OCUPACIONAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

Entre os entrevistados acima dos 50 anos, observamos que a última função ou aquela exercida até hoje por esses migrantes, no caso das mulheres, está ligada aos afazeres domésticos, seja como diarista, lavadeira, cozinheira, faxineira, doméstica ou zeladora. Também as que costuram em suas próprias casas apareceram no levantamento. Entre os homens, aparecem as funções de vigia e motorista.

Quanto aos cônjuges, boa parte deles já faleceu, outros são aposentados, desempregados ou afastados por invalidez. Exerceram, em geral, funções de lavrador, carpinteiro, sapateiro, gari, metalúrgico e pedreiro. Entre os que estão empregados,

principalmente, vigias, encarregados de almoxarifado e carpinteiros. O trabalho anterior à migração, tanto dos entrevistados quanto dos cônjuges nesta faixa etária, resume-se basicamente à agricultura, pecuária e serviço doméstico. Neste grupo, somente um afirma ter registro em carteira, pois mais da metade, hoje, é do lar e parte, pensionista, no caso das mulheres.

Sobre o emprego ou ocupação atual dos entrevistados, pode-se observar na **Tabela 14** que grande parte das mulheres constam como do lar. Há também uma fração significativa de desempregados. Entre os que trabalham fora, há uma concentração nos serviços, em especial nos serviços domésticos. Entre os cônjuges, observa-se uma concentração de trabalhadores na construção civil, seguida de aposentados e trabalhadores no serviço doméstico.

Entre os que estão na faixa etária entre 30 e 49 anos, há uma maior variedade de funções e todos os que trabalham estão registrados. São todos do setor de serviços. Há também dois desempregados e o restante é do lar, além de um mestre de obras que não informou se tem registro em carteira, mas, ao que tudo indica, é autônomo, pois geralmente trabalha por empreitada.

No grupo dos mais jovens, só duas estão empregadas e estas estão registradas. Ficou evidenciado na pesquisa, a maior formalização do trabalho no grupo intermediário e, entre os mais jovens, o maior índice de desemprego.

Na **Tabela 15** também pode-se perceber o predomínio dos serviços, em especial dos serviços domésticos, seguido do comércio, entre a função ou ocupação citada pelos entrevistados, como trabalho exercido por seus filhos, genros, noras e netos. **Anexo III**

TABELA 14: TRABALHO/OCUPAÇÃO ATUAL – ENTREVISTADOS E CÔNJUGES NA RMC:

	Entrevistados	Cônjuges	Total
Desempregados.....	08	02	10
Serviços Domésticos.....	07	03	10
Do Lar.....	12	02	14
Serviços.....	05	07	12
Comércio.....	02	01	03
Estudante.....	01	—	01
Construção Civil.....	02	07	09
Autônomos.....	—	02	02
Indústria.....	—	02	02
Aposentados.....	—	03	03

FONTE: Pesquisa de Campo _ Migrantes da RMC: estratégias de sobrevivência

O tipo de trabalho exercido pelas mulheres na RMC parece demonstrar não só a escassa oportunidade de emprego oferecida à mão-de-obra feminina com pouca qualificação e pouco estudo, mas também que, pesadas as vantagens e desvantagens entre exercer um trabalho numa fábrica e exercer um trabalho junto às famílias, em que os horários são mais flexíveis e o tratamento é menos formal, as mulheres migrantes preferem a segunda opção. Este tipo de trabalho permite que elas conciliem afazeres domésticos e cuidado com os filhos, com o emprego. Além disto, se não proporciona altos salários, compensa parcialmente esta questão, à medida que as refeições são feitas no ambiente de trabalho e raramente são descontadas do salário, as roupas pessoais muitas vezes são lavadas na casa da patroa; podem também obter através de doações ou comprar por um preço simbólico, roupas, brinquedos, material escolar, móveis e eletrodomésticos de segunda mão. Estas facilidades parecem de fato influir na decisão das entrevistadas.

TABELA 15: TRABALHO/OCUPAÇÃO ATUAL DE FILHOS (AS), NORAS, GENROS E NETOS DOS ENTREV/RMC

Trabalho/Ocupação	Frequência	Sub-Total	TOTAL
INDÚSTRIA		07	
COMÉRCIO		09	
SERVIÇOS			
Copeiro	01		
Carteiro	01		
Auxiliar de Escritório	06		
Motorista	03		
Lavador de carro	01	12	
CONSTRUÇÃO CIVIL		05	
SERVIÇOS DOMÉSTICOS		10	
AUTÔNOMOS			
Costureiras (os)	04		
Mecânico	01		
Artistas	02	07	
OUTROS			
Lavrador	02		
Do Lar	04		
Trab. empresa transp. aéreo	01	07	57

FONTE: Pesquisa de Campo _ Migrantes da RMC: estratégias de sobrevivência.

Uma estratégia das domésticas, zeladoras e faxineiras para ganhar mais, é deixar de lado o registro em carteira de trabalho, desde que suas patroas repassem a elas o que pagariam de INSS, ou transformar-se em diaristas, pois assim podem cobrar um preço melhor por seu trabalho. Esta transformação em diarista também é seguida por mulheres que, por terem problemas na família, não podem ausentar-se todos os dias de suas casas. Assim trabalham apenas dois ou três dias por semana, para que possam dar o devido atendimento às outras

questões e quando necessitam um pouco mais de dinheiro, trabalham até seis dias por semana. As cozinheiras geralmente trabalham em lanchonetes, creches, restaurantes, canteiro de obras etc. As costureiras, depois de fazerem um pequeno curso ou aprenderem o ofício com outras pessoas da própria família, atendem em sua própria casa, muitas vezes sem preocupar-se com o recolhimento do INSS ou outros impostos, o que lhes permite um custo menor, bem como facilita o atendimento às tarefas de casa. Há também costureiras que recebem por produção, trabalhando para empresas de confecção. **Quadros 10 e 11/Anexo I**

Para algumas dessas mulheres, o trabalho eventual ou na própria casa torna-se a única alternativa, seja porque precisa cuidar dos netos para que as filhas e noras possam trabalhar, ou porque já não agüentariam um trabalho que exigisse deslocamento constante e horas seguidas de dedicação, pois, em geral, estão doentes e fracas. Apesar destes problemas, mostram-se ativas na comunidade e sempre dispostas a recomeçar se tiverem chance e sentirem necessidade.

As mulheres que hoje não estão trabalhando e podem ser classificadas na categoria *do lar*, já trabalharam muito e não conseguiram aposentar-se, ou porque ainda não completaram a idade exigida, ou porque não têm os documentos necessários. Outras tiveram que deixar o trabalho porque estão muito doentes, o que não as impede de cuidar dos netos e encarregar-se de boa parte do serviço de casa, ajudando filhas e noras. Algumas estão desempregadas em função da idade, mas alegam que estariam dispostas a trabalhar, se as empresas as aceitassem.

Os entrevistados na faixa etária de 50 anos e mais recebem uma remuneração que varia entre um e quatro salários mínimos, mas a maioria estava entre um e dois salários mínimos. Aproximadamente 40% delas não têm remuneração própria, dependendo de pensão ou salário do marido ou da ajuda dos filhos. Neste caso, foi registrada uma pensão menor que o salário mínimo. Para as que trabalham, a remuneração dos maridos ou sua ajuda financeira parece

contribuir pouco, uma vez que os aposentados ganham muito pouco e tanto entre os aposentados quanto entre os demais, há um número significativo de alcoólatras, doentes e inválidos para o trabalho, além de desempregados.

Considerando os homens entrevistados e os cônjuges das entrevistadas com mais de cinquenta anos, percebe-se que, à exceção dos motoristas, eles ganham aproximadamente a mesma quantia que as mulheres, por seu trabalho – entre um e dois salários mínimos, aproximadamente.

Observa-se, se considerarmos a situação dos homens idosos, aposentados, inválidos ou alcoólatras, a desvalorização e o abandono do idoso, não somente pelas instituições e pela sociedade de uma maneira geral, mas também pela própria família, que se vê sem condições de reverter o quadro. O que parece estar em jogo, também neste caso, é uma falta de perspectiva para esses homens, que deixaram de ser provedores da família e passaram à condição de dependentes. O caso das mulheres idosas não é muito diferente, porém, estas ainda cumprem um papel importante no ambiente doméstico, pois cuidam de netos, mantêm a casa em ordem, cozinham para toda a família, além de procurarem uma integração na comunidade, em organizações religiosas e assistenciais. São muitas as queixas, entre elas a de que, mesmo doentes, precisam continuar atendendo a estas tarefas. Por outro lado, parecem ser justamente estas tarefas que as mantêm ativas e valorizadas pela família.

Na faixa etária de 30 a 49 anos, a remuneração variou de um a dez salários mínimos. A maioria, no entanto, ficou entre dois e três salários mínimos. E, na faixa de 14 a 29 anos, a maioria estava desempregada, mas entre as que trabalhavam, o salário variou de três a cinco mínimos, aproximadamente. **Planilha 2/Anexo II**

Observando a remuneração e o tipo de atividades a que se dedicam os adultos entre 30 e 49 anos, entende-se porque a família organiza-se em função do trabalho deste grupo,

deixando para segundo plano o trabalho dos mais idosos. O fato é que a remuneração deles é maior, e são eles que encontram os melhores empregos, relativamente falando, além de algumas vezes já estarem empregados há algum tempo na mesma empresa, o que lhes dá uma sensação de estabilidade, pois como têm as crianças ainda em idade escolar, necessitam desta prioridade.

São esses trabalhadores, também, os que conseguiram, mediante cursos de curta duração ou pela própria experiência, obter uma qualificação mínima, que valorizou seu trabalho – é o caso dos mestres de obra, metalúrgicos, soldadores, motoristas e carpinteiros. Entre as mulheres, somente uma, nesta faixa etária, tem um trabalho qualificado, de tesoureira.

Nesta faixa etária, uma parte das mulheres casadas está desempregada devido a doenças, uma das razões da dificuldade em conseguir trabalho. Sua sobrevivência e de sua família estaria bem mais difícil, não fosse a ajuda permanente ou eventual dos filhos.

Quase a totalidade dos pesquisados mais idosos não tem no momento, e em grande parte também não tiveram no passado, registro em carteira de trabalho, conforme já se observou. Evidentemente, isso dificulta a obtenção da aposentadoria, ou até mesmo a inviabiliza irremediavelmente. Não raro, encontramos mulheres idosas e doentes trabalhando de diarista alguns dias da semana, para poder sobreviver.

Entre as pessoas que têm entre 30 e 49 anos, percebe-se que há uma maior formalização do registro em carteira de trabalho. Isto pode ser explicado pela maior conscientização, mas também porque estes, mais do que seus pais, ocupam funções características do mercado de trabalho urbano.

As mulheres desta faixa etária exercem funções de doméstica e auxiliar de serviços gerais, portanto, igualmente ligadas aos serviços caseiros, salvo algumas exceções. Os homens, além de motoristas, ocupam principalmente funções ligadas à construção civil, como serventes,

pedreiros, mestres de obra, carpinteiros; há também comerciantes, além de outras ocupações. Os desempregados nesta faixa etária são poucos, mas alguns homens apenas estão trabalhando eventualmente na construção civil para não ficar sem trabalho.

A construção civil, embora ofereça apenas trabalhos eventuais, principalmente em momentos de crise, ainda é o setor em que a maioria dos desempregados consegue – por meio dos chamados “bicos” – obter algum dinheiro, até arranjar melhor colocação. Habitualmente, recorrem a um conhecido ou parente que trabalhe como pedreiro ou mestre de obras e este procura, na medida do possível, atendê-los. Uma parte dos comerciantes, na verdade, estabeleceu-se enquanto tal porque perdeu seu emprego. O que leva nos leva a concluir que há muitas pessoas no trabalho precário. São pequenas banquinhas para vender doces, salgadinhos, balas, sorvetes, refrigerantes, ou “botecos”, onde se vendem bebidas, cigarros entre outros produtos. Alguns desses estabelecimentos funcionam por pouco tempo, reabrindo em outros períodos, conforme as necessidades.

Essa instabilidade pode ser confirmada quando se observa a trajetória de emprego dessas pessoas, que, em geral, passaram por diversas funções, todas elas correspondendo a um baixo nível de remuneração e de formalização das relações de trabalho.

A quase totalidade destes trabalhadores começou na roça, desde a infância como agricultores, para ajudar seus pais no sustento da família. Quando migraram para a cidade, colocaram-se em funções que exigiam pouca qualificação para o trabalho e sujeitaram-se à alta rotatividade da mão-de-obra ou procuraram apegar-se a um determinado trabalho, permanecendo nele por muito tempo. De qualquer forma, não se qualificaram principalmente porque não tiveram esta oportunidade.

Entre as mulheres com maior remuneração, estão as diaristas, babás e costureiras. Parte das que hoje encontram-se na categoria “*do lar*”, pretende voltar a trabalhar quando possível,

mas, no momento, devido aos filhos serem ainda muito novos e não haver creche barata ou alguém com quem possam deixá-los, não trabalham. Outras não trabalham porque o marido não deixa, alegando que os filhos ainda são pequenos para serem deixados sozinhos, ou ainda mencionam a incompatibilidade de horários com os do trabalho do marido, que trabalha à noite – em fábricas de plástico, os motoristas, os vigias, entre outros. Assim, necessitariam de um atendimento da mulher nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos, para que seus maridos possam descansar de dia, e até mesmo evitar desencontros.

Algumas mulheres afirmam claramente que só trabalham quando o marido está desempregado. Uma das famílias entrevistadas serve de exemplo para ilustrar casos como estes. O marido, com um cargo de auxiliar geral de construção, ganhando R\$ 220,00 reais e pagando R\$ 100,00 reais de aluguel, numa casa de três pequenos cômodos (um quarto, saleta e um espaço mínimo onde fica a cozinha, sem banheiro dentro de casa). Apesar da fome e da desnutrição visíveis, a mulher alegou que não poderia trabalhar porque o marido não deixa, em razão de não ter com quem deixar os filhos, em especial a menor. Numa tentativa de amenizar as dificuldades da família, o menino de treze anos passou a participar do projeto da Prefeitura de Pinhais, “Meninos do Vime”, ganhando uma cesta básica por mês, para trabalhar e aprender artesanato, depois do horário da escola. O filho de 15 anos começou a trabalhar de auxiliar de pedreiro e ainda não sabia quanto ganharia, pois tinha iniciado há pouco tempo. A menina de quatro anos é assistida pela Pastoral da Criança, que já obteve alguns resultados na recuperação de sua saúde. Casos como este são freqüentes entre os moradores, revelando não só a falta de creche e pré-escola para crianças de zero até sete anos, mas também uma dificuldade que os maridos têm em admitir que precisam da ajuda da mulher no sustento da família. Evidencia-se ainda a insuficiência dos salários, tanto da mulher quanto do homem, para sustentar a família.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, é muito comum entre eles a rotatividade de empregos, ou seja, costumam ficar apenas meses, ou poucos anos em cada emprego, sempre buscando um salário melhor, ou porque são dispensados pelas firmas. Com isto, acabam recorrendo ao Seguro Desemprego. Uma vez recebendo o seguro, passam a fazer “bicos” ou trabalhar sem registro, para não perder o benefício. Somente quando termina o período do benefício é que buscam trabalho formal. Alguns entrevistados criticam esta atitude, dizendo que trata-se de uma acomodação dos desempregados, além de ser injusto.

Quando há desemprego ou o homem ganha muito pouco, é a mulher quem procura se colocar no mercado de trabalho. Às vezes, além do seu emprego, a mulher busca também vender alguma coisa. Estas vendas vão desde cosméticos e outros produtos por catálogo até objetos trazidos do Paraguai por alguém da família. Algumas vezes, mediante uma pequena comissão, passam a vender nos locais de trabalho ou nas redondezas, moletons e outras roupas feitas por alguém da vila. Também o artesanato é vendido de porta em porta. Queixam-se que, atualmente, essas vendas não ajudam em nada, pois ninguém compra, por falta de dinheiro.

Em alguns casos, é o trabalho de adolescentes ou pessoas idosas que é oferecido. Neste caso, em geral para cuidar de alguém doente ou de crianças, enquanto os adultos trabalham. Porém, a remuneração, quando existe, é pequena, quase simbólica. De qualquer maneira, sem esta ajuda, as mulheres não poderiam trabalhar ou teriam que deixar as crianças na rua ou trancadas em casa, como muitas vezes ocorre.

No grupo de 14 a 29 anos, é significativo o número de mulheres que estão desempregadas (mais ou menos 62%). Elas são casadas ou divorciadas, com filhos pequenos com idades que vão de nove meses a 13 anos, ou sem filhos. Uma delas alega que adiou a realização deste sonho, de ter filhos, devido à insegurança no casamento e pela instabilidade de emprego dela e de seu companheiro – é casada pela segunda vez.

As que estão trabalhando, contam com a ajuda das avós e/ou outros parentes que se dispõem a atender seus filhos, e em alguns casos com seus maridos que trabalham por conta, próximo ou junto às residências, o que as deixa tranquilas em relação ao cuidado com as crianças. Isto não quer dizer que eles cuidem diretamente dos filhos, mas os vigiam e orientam alguém que toma conta deles. A estratégia do ingresso da mulher no mercado de trabalho como forma de melhor atender às necessidades da família, parece ter sido bem-sucedida, pois, nas famílias onde elas contribuem para o orçamento doméstico, as casas geralmente estão mais bem equipadas e as crianças em boas condições de saúde.

As funções exercidas por elas no mercado de trabalho são variadas. Há entre elas vendedoras, costureiras, auxiliares de produção, auxiliares de serviços gerais, domésticas, faxineiras, manicuras, auxiliares de prótese odontológica, babás. Os cônjuges também têm dificuldades em permanecer em seus empregos e, por esta razão, costumam fazer alguns “bicos” de servente de pedreiro ou arranjam outros serviços temporários. Procuram, na medida do possível, estabelecer-se por conta própria como pedreiros, soldadores, entre outros serviços. Trabalham também nas fábricas de plástico.

A remuneração das mulheres, nesta faixa etária, varia entre três e cinco salários mínimos. Os cônjuges autônomos são os mais bem remunerados em razão do trabalho qualificado, ou da experiência desenvolvida, mas representam exceções. Exemplificando, mencionamos o trabalho de um soldador, feito em um cômodo construído para acomodar as máquinas e ferramentas, anexo à casa, que eventualmente, recebeu aproximadamente vinte salários mínimos, ao mês. Deve-se observar que há meses em que o serviço é bem “fraco”. A maioria dos homens recebe, aproximadamente, entre quatro e cinco salários mínimos, nesta faixa etária.

Uma parte das entrevistadas não informou a remuneração dos cônjuges. Umas alegavam que nem sabiam ao certo e outras preferiam mesmo não revelar, seja porque tinham vergonha ou porque consideravam ser este um dado que só interessava a elas próprias.

As famílias lançam mão na RMC da mesma estratégia utilizada antes de migrar: a utilização da mão-de-obra de crianças e adolescentes, para que pudessem se manter. Na **Tabela 16** pode-se observar os tipos de trabalho realizados por estas crianças logo que chegaram à Região Metropolitana de Curitiba.

TABELA 16 -TRABALHO/OCUPAÇÃO - CRIANÇAS/ADOLESCENTES
AO CHEGAREM À RMC, SEGUNDO SEXO:

TRABALHO/OCUPAÇÃO	SEXO	FREQ.	OBSERVAÇÕES
AUXILIAR SERV. GERAIS	F	1	
BABÁ	F	1	
BABÁ DOS IRMÃOS MENORES	F	1	
MANICURI	F	1	
TESOUREIRA	F	1	
CUIDADOS E SERV. DA CASA	F	2	
DOMÉSTICA	F	2	
AUXILIAR DE ESCRITÓRIO	Ambos	2	
BALCONISTA	Ambos	3	
COBRADOR DE ÔNIBUS	M	1	
ENGRAXATE	M	1	
SERVENTE DE PEDREIRO	M	2	
VENDEDOR DE SORVETES	M	2	
OFFICE BOY	M	3	

Fonte: Pesquisa de Campo

Se naquele momento não foi difícil achar emprego para os filhos menores, que passaram a trabalhar desde aproximadamente os seis anos de idade, hoje as famílias reclamam que não há trabalho para os adolescentes, mesmo aqueles que já passaram dos quatorze anos. A atual proibição do trabalho aos menores de dezesseis anos cria para algumas famílias um outro problema, pois dependem da remuneração de filhos e/ou netos, para complementar o

orçamento familiar. Antes mesmo da regulamentação da referida legislação, os postos de trabalho, anteriormente ofertados aos menores, desapareceram.

Conforme dados da PED/RMC de 1995, a maior taxa de desemprego estaria entre 10 e 17 anos (aproximadamente 30%), seguida da faixa etária de 18 a 24 anos (15%).⁹¹ Mesmo que se questionem estas taxas argumentando que menores de dezesseis anos não poderiam estar inseridos na taxa de desempregados, considerando que não deveriam estar buscando emprego e sim estudando, a realidade é que muitos desses jovens estão procurando emprego porque precisam dele para ajudar no orçamento doméstico, pois seus pais e/ou mães não recebem o suficiente. Os pais têm dificuldade em entender porque seus filhos não poderiam estar trabalhando, se eles trabalharam desde aproximadamente os seis anos. O que torna ainda mais difícil a situação destes jovens é que, em sua maioria, não conseguem nem mesmo ingressar em algum programa de treinamento profissional, cursos preparatórios, escolinhas de esporte ou mesmo em atividades artísticas. Assim sendo, suas mães alegam que prefeririam ver seus filhos trabalhando do que nas ruas.

Se do ponto de vista das famílias a contribuição do trabalho dos menores seria bem-vinda, até mesmo esperada como algo que vai fazer melhorar a situação familiar, do ponto de vista da educação formal deste menor, há um claro prejuízo, o que pode ser observado nas estatísticas. O aumento da participação de menores no mercado de trabalho é inversamente proporcional à sua participação no sistema de ensino. Isto porque são inúmeras as dificuldades que o menor enfrenta para permanecer na escola quando começa a trabalhar – quando deixa de ser apenas parte da “*população em idade ativa*”, para ser também “*população economicamente ativa*”.

⁹¹ Informativo PED Especial, setembro de 1995

Quanto às estratégias de sobrevivência, encontramos nos **Quadros 10, 11, 12 e 13/Anexo I**, os inúmeros arranjos feitos em relação ao trabalho de crianças, adolescentes, mulheres e homens para que haja maior contribuição para o orçamento doméstico, mas também para que os pais possam trabalhar e os filhos estudar.

Quanto à faixa dos dezoito a vinte e quatro anos, a alta taxa de desemprego contribui para aumentar as dificuldades dos mais jovens para serem independentes dos pais e estabelecerem-se em moradia separada, logo ao se casarem.

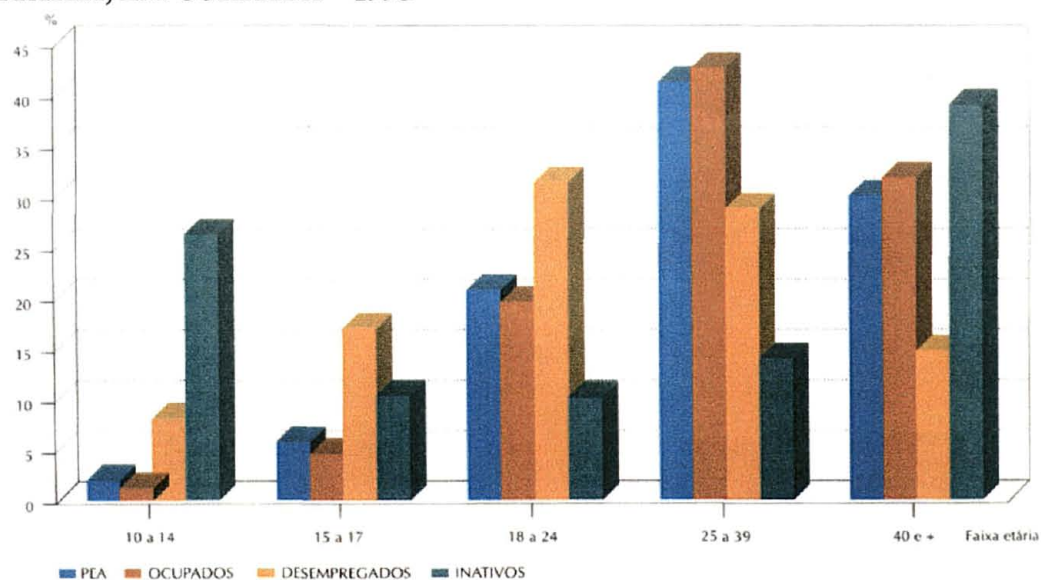
Os arranjos familiares para garantir a sobrevivência passam pelo “bico” como servente de pedreiro, para aprender, e contribuir com os pais no orçamento; para as mulheres, a atividade de babá ou doméstica representam as primeiras etapas do trabalho remunerado.

Para essas famílias trabalho significa emprego ou ocupação fora de casa, pois mesmo quando alguém exerce múltiplas funções, a família diz que ela não trabalha. Uma das mulheres, filha de uma das entrevistadas, ajuda na empresa do marido, fazendo o serviço de bancos e outros de rua, costura para fora e para a família, e, quando é necessário ou quando é solicitada, trabalha a domicílio, para uma confecção. Apesar disto, diz-se que ela não trabalha, simplesmente porque ela não tem um trabalho fixo, registrado e fora de casa.

No **Gráfico 5** (*PED/RMC–Pesquisa de Emprego e Desemprego*), o número de ocupados, comparado aos que compõem a População Economicamente Ativa, chega a ser maior que esta, na faixa etária dos 25 anos a 39 anos. A taxa de desemprego é proporcionalmente maior entre os mais jovens, o que confirma os depoimentos de algumas entrevistadas que mencionaram a dificuldade de arranjar emprego para os netos de 14 e 15 anos. Elas ressaltaram também que se eles não precisarem trabalhar, mas puderem somente estudar e jogar futebol num clube, seria melhor, pois, assim, além de garantirem uma educação melhor, não ficam “à toa” pelas ruas.

No **Gráfico 6** (*PED/RMC– Pesquisa de Emprego e Desemprego*), os ocupados aparecem, em sua maioria, mais de 50%, no setor de serviços, como era de esperar.⁹² Os migrantes da RMC também fazem parte desta maioria de ocupados do setor de serviços, conforme já se observou anteriormente.

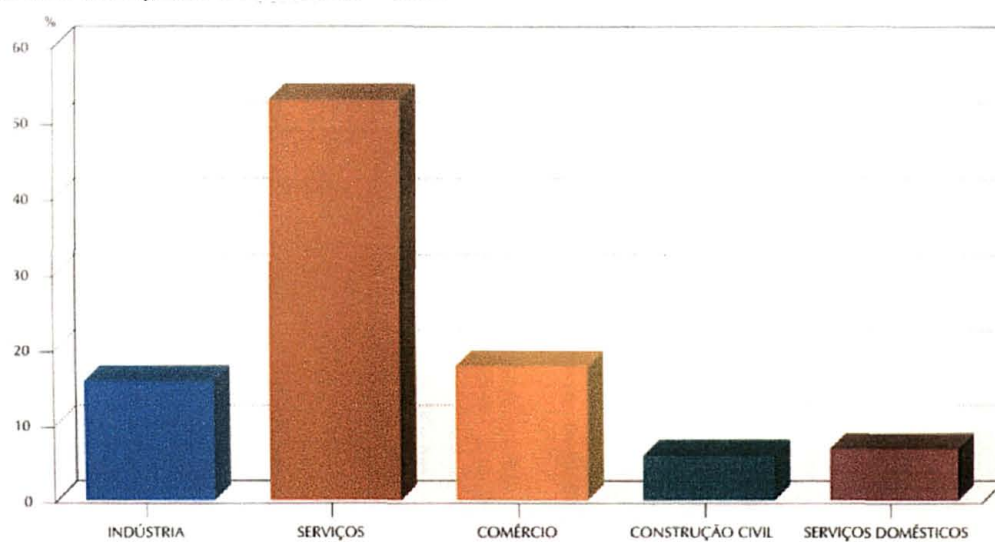
GRÁFICO 5 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA, OCUPADOS, DESEMPREGADOS E INATIVOS, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA, EM CURITIBA – 1995



FONTES: IPARDES, SERT/SINE-PR, DIEESE, SEADE-SP
Amostra: jan. 95 - dez. 95

⁹² Informativo PED Especial, n. 3, março de 1995

GRÁFICO 6 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS OCUPADOS, SEGUNDO SETOR DE ATIVIDADE, EM CURITIBA – 1995



FONTES: IPARDES, SERT/SINE-PR, DIEESE, SEADE-SP
Amostra: jan. 95 - dez. 95

3.4 CUIDADO E EDUCAÇÃO DE FILHOS E NETOS

Há um grande número de crianças em fase pré-escolar e escolar, além de adolescentes, nessas famílias migrantes da RMC. É nestas fases que os filhos mais necessitam da atenção dos pais, e é neste período que eles requerem maiores investimentos e contribuem menos, economicamente, com sua família.

As entrevistadas entre 30 a 49 anos relatam que, para que as mães pudessem trabalhar fora, a creche precisaria ser totalmente gratuita e deveria aceitar crianças de zero a sete anos. Seria também necessária a assistência às crianças entre sete e quatorze anos, pois para estas não há nenhum tipo de atividade próximo às suas casas. Estes trabalhadores têm uma remuneração insuficiente para suas necessidades, e a creche mais próxima, cobra entre R\$ 10,00 e R\$ 30,00 por criança, o que não é viável, principalmente considerando-se que algumas famílias precisam colocar mais de uma criança sob seus cuidados. Apesar das dificuldades, a creche está sempre lotada, o que significa que se houvesse mais vagas e se fosse gratuita, com certeza as famílias poderiam ter um apoio mais seguro para o cuidados dos filhos.

Entre as famílias que podem contar com uma avó no cuidado dos netos, fica mais fácil a participação das mulheres desta faixa etária no mercado de trabalho. Porém, quando não há escolha e a mulher precisa trabalhar fora de casa a qualquer custo, deixa as crianças dentro de casa ou na rua, vigiadas por suas vizinhas. Algumas das vizinhas se dispõem a este trabalho em solidariedade, mas boa parte cobra pelo serviço de vigilância e atendimento esporádico, uma vez que também são pobres e precisam de algum dinheiro a mais, além de precisarem cuidar de suas próprias crianças. Observamos também o costume de deixar as crianças sozinhas, umas cuidando das outras ou “vigiadas” por outras pessoas. **Quadros 14 e 15/Anexo I**

Na prática, coexistem dois extremos: crianças totalmente presas e vigiadas, e uma grande maioria, inclusive de algumas mães e avós que estão em casa, soltas nas ruas próximas, brincando, jogando, passeando à pé ou de bicicleta, jogando vôlei ou futebol. Adolescentes passeando, fumando, conversando nas esquinas, sem qualquer vigilância.

Constatamos, entre as referências totais a este item (32), que 50% revelam que as crianças ficam sozinhas em casa – às vezes trancadas – e, em geral, uns cuidando dos outros ou de fato, “*largados nas ruas*”, sem qualquer vigilância. A esta taxa, somam-se aquelas que – sob vigilância à distância por uma avó ou vizinha, também estão nas ruas, pois a vigilância é eventual (12%). Somente 37%, aproximadamente, dizem que as crianças estariam bem atendidas – educadas pela mãe ou pela avó ou atendidas em creches.

Alguns fatores explicam estes dados relativos ao cuidado com filhos e netos. Os migrantes, quando estavam no interior, costumavam deixar as crianças sozinhas em casa, ou levá-las consigo para a roça. Parte deles considera normal, portanto, que também na RMC elas fiquem em casa sozinhas.

Alguns alegam que preferem não deixá-las na creche, pois não confiam em estranhos para atender suas crianças e que na creche não há uma preocupação em orientá-las. Estas famílias sentem como se deixar os filhos na creche, significasse abandoná-los. Esta idéia parece resultar de experiências frustradas que tiveram com algumas creches. Queixaram-se da forma como são tratadas pelos administradores de algumas creches que – caso estas reclamem dos serviços – dizem “*se não estiver satisfeita, pode tirar a criança da creche, porque tem muitas outras esperando a vaga*”.

Esta dificuldade em acompanhar o desenvolvimento das crianças e adolescentes pobres e a falta de atividades que lhes permitam uma educação integral parecem refletir-se diretamente no comportamento de alguns destes jovens. Nas entrevistas, foi mencionado o aumento no

número de jovens a partir de doze anos que fumam e/ou repassam maconha aos outros, assim como o aumento da prostituição entre as menores.

Outros depoimentos informam o crescimento do número de gravidez na adolescência. Mencionam, ainda, o aumento do número de assaltos a ônibus e bares da região, além de roubos a residências em plena tarde, boa parte deles, praticados por menores. As pessoas atribuem aos de fora da vila tais delitos, mas alguns já admitem que, nos últimos anos, tem havido também o envolvimento de adolescentes da própria vila, como eles mesmos constataram no ano de 97, quando a polícia pegou um menino de treze anos que havia participado de um assalto a ônibus. Todos os que relataram o fato se disseram surpresos com o ocorrido, devido à idade do assaltante e ao fato de ser alguém da própria vila.

Esses depoimentos nos permitem concluir que a tranquilidade e o convívio pacato entre os moradores da região, relatados pelos mais velhos, têm deixado de existir nos últimos anos. Os casos de violência, nas suas mais diversas formas, têm aumentado, gerando instabilidade e insegurança, principalmente entre as crianças e os adolescentes.

Observamos, também, a importância das avós neste cuidado com os netos. Elas, no entanto, alegam que moram próximas dos filhos e que isto é bom para que possam socorrer-se nos momentos difíceis, mas, parte delas queixa-se de que estão cansadas e doentes e já não se sentem tão dispostas a cuidar dos netos, mas não lhes sobra outra alternativa. Dizem também que nem todos os filhos reconhecem sua contribuição. Uma delas diz que, enquanto ela cuida dos netos, suas filhas ficam despreocupadas e muitas vezes não se empenham nem mesmo em procurar um emprego melhor ou em cuidar-se para não ter mais filhos, já que não têm condições de criá-los. As conseqüências, nestes casos, recaem sobre as crianças, que mesmo tendo mãe e avó, acabam ficando mais na rua que em casa.

3.5 HABITAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Na RMC, repete-se a estratégia utilizada na migração, os pais acolhem os filhos ou vice-versa; prática também usual entre outras pessoas que compõem a rede de parentesco mais ampla. Permite-se o uso do terreno em comum para a construção de outros pequenos casebres, ou a acolhida é feita na própria casa. Esse costume é adotado também quando um filho casa e não tem onde morar. Neste caso, novamente surgem duas alternativas, já que o pagamento de aluguel nem sempre é possível. Ou o filho mora junto com os pais ou constrói ao menos um cômodo nos fundos da casa deles, apesar de continuar a utilizar-se da mesma cozinha e do mesmo banheiro da casa principal, por algum tempo. Aos poucos, vai acrescentando mais uma ou duas peças em sua edificação.

Ainda em relação à habitação, outra estratégia para que a pessoa possa tornar-se um pouco mais independente dos pais e ter algo de seu, é comprar em comum com um dos irmãos casados um terreno a prestações, que quando estiver quitado, possibilitará que um deles inicie a construção de uma casinha e mais tarde o outro também o faça. **Quadros 16 e 17/Anexo I.**

Assim, o pequeno casebre feito no terreno dos pais passa a ser alugado a terceiros. Isto constitui-se em uma fonte de renda alternativa para eles. Porém, quando o casebre ou cômodo a mais é pequeno para ser alugado, ou os donos não têm necessidade imediata de alugá-lo, ele é cedido a parentes, amigos ou conhecidos. Geralmente a pequena casa alugada foi a primeira em que moraram ao chegar.

Não raro mesmo aqueles que não têm uma casa grande para sua própria família, ou cuja casa está sempre inacabada, têm uma casinha alugada, como uma forma de obter uma remuneração extra. Isto é possível graças ao tamanho dos terrenos e pelo costume já citado de

construir-se mais de uma casa no mesmo terreno. É visível na vila esta concentração de barracos, seja de parentes, seja para alugar. Muitas vezes os mais idosos dependem do aluguel de um casebre, para garantir sua sobrevivência.

Fica evidente que essas casas só foram construídas graças aos pedreiros e carpinteiros da própria família, que se dispuseram a trabalhar nos finais de semanas e férias ou em regime de mutirão. Esta contribuição permitiu a construção com um custo mínimo.

Outra estratégia importante para a construção da casa própria é a compra de casas que estão sendo demolidas e de materiais de demolição, visando à construção de um barraco com um, dois ou no máximo três cômodos, que depois será reformado aos poucos. Por esta razão, as casas estão sempre inacabadas. Eventualmente, algumas pessoas mais persistentes conseguem doações de alguns tijolos, telhas, janelas, fornecidas por patrões ou requeridas a políticos, em período pré-eleitoral.

No grupo entre 30 a 49 anos, temos casas construídas aos poucos e inacabadas, geralmente mistas (madeira e alvenaria) ou de alvenaria, em um pedaço de terreno cedido pelos pais, nos fundos da residência destes. Às vezes, não cedem somente o terreno, mas a casa também. Porém, a propriedade não é cedida e isto eles têm clareza. Outros moram em casas de madeira, em terreno cedido pelo irmão ou outro parente. Há também famílias em casas de madeira alugadas a R\$ 100,00 ou R\$ 150,00 reais. O problema das enchentes, enfrentado pelos moradores da vila, constantemente, tornou quase inviável este aluguel dos casebres que, em grande parte estão fechados ou são cedidos.

A maior parte das pessoas nesta faixa etária mora em casas próprias, de alvenaria, inacabadas e pequenas. Geralmente foram obtidas mediante a compra do terreno em prestação, em conjunto com irmãos, cunhados ou pais e construídas em mutirão ou aos poucos.

Na faixa etária de 14 a 29 anos, as habitações são bastante simples. Geralmente casas de madeira, alugadas ou cedidas, casas mistas construídas aos poucos, casas próprias de madeira ou alvenaria também construídas aos poucos e inacabadas.

Dentro das casas, geralmente há poucos eletrodomésticos. Basicamente, a geladeira, que ganharam de alguém ou que compraram de segunda mão, ou a que utilizam na casa dos pais. O televisor e um aparelho de som, por mais modesto que sejam, estão presentes em quase todas as casas. Caso os filhos casados não possuam televisor, assistem aos programas na casa dos pais e vice-versa. O som, na maior parte rádio e toca-fitas, geralmente é usado pelos mais jovens.

A compra do televisor, do aparelho de som e da geladeira, quando novos, só se dá em prestações a longo prazo. A razão para que praticamente ninguém abra mão da geladeira, por exemplo, é para não perder o alimento, já que é difícil obtê-lo. Quanto ao televisor e ao som, é porque eles representam a única forma de lazer que podem ter, uma vez que têm pouca chance de sair de casa nos finais de semana ou à noite.

Há muita dificuldade, entre essas famílias, em aceitar a compra de casas pelo Sistema Financeiro da Habitação ou Companhias de Habitação, não somente devido às dificuldades em pagar as prestações, mas principalmente porque elas não têm perspectivas de poder assumi-las por um longo período. Deve-se considerar também a longa espera para serem contemplados e o fato de estas pessoas preferirem estar sempre próximos de seus familiares, como fatores que os levam a evitar a compra de casas pelo Sistema Financeiro de Habitação.

3.6 PROCURANDO GARANTIR A SAÚDE

Constatamos as dificuldades enfrentadas pelas famílias para garantir a saúde, no interior, de uma forma geral, ou nas áreas rurais propriamente ditas. As crianças nasciam com a assistência de uma parteira ou com a ajuda dos familiares, pois os hospitais eram muito longe. Houve casos em que a mulher fez seu próprio parto.

A vacinação, mesmo quando estava disponível nas localidades interioranas, nem sempre era aceita, pois acreditavam que poderia fazer algum mal para seus filhos. Para resolver a grande maioria dos problemas de saúde, utilizavam remédios caseiros e recorriam a rezas e benzimentos.

Para as doenças mais graves, procuravam assistência em Curitiba, ficando em albergues ou em casa de parentes ou conhecidos, enquanto os doentes permaneciam internados ou em tratamento. Para este deslocamento, recorriam a ambulâncias das prefeituras, ou vinham de ônibus. Entre as doenças mais graves, foram citadas: doença de chagas, problemas cardíacos, respiratórios, câncer no esôfago e/ou estômago, meningite, malária, deficiências físicas e/ou mentais, problemas neurológicos, hipertensão, entre outras.

De alguma forma, esta necessidade de vir à RMC para tratamento de saúde influenciou na decisão de migrar de algumas famílias, pois à medida que conheciam a cidade e tinham que vir periodicamente estabeleciam laços não somente com os parentes e conhecidos, mas muitas vezes arranjavam um trabalho temporário e, em alguns casos, conheceram na cidade o futuro cônjuge. Nos quadros que se seguem, observamos mais claramente estas estratégias. **Quadros**

QUADRO 6 : ESTRATÉGIAS QUANTO À SAÚDE, NO INTERIOR

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Geralmente, as mulheres tinham seus filhos em casa, com a ajuda de parteira. A entrevistada, fez o próprio parto com a ajuda do marido..... • Para tratar saúde mãe, mudam-se p/ cidade do interior; pai e irmãos passam a trab. corte madeira e como bóias-frias..... • Para cuidar da mãe doente, deixou o serviço da roça e ficou com as tarefas de casa e de cuidar dos irmãos..... • Procurava aprender um pouco de tudo com um médico da região, pois ela era parteira, assim como sua mãe, e procurava acompanhar os doentes, dando-lhes toda a assistência..... • Vinha tratar a filha em Curitiba, e parava num Albergue; Para poder permanecer aqui por vários dias, trabalhava de diarista nos dias que não tinha médico..... • Por falta de assistência no interior, vinha tratar o filho em Curitiba, o que geralmente ocorria em casos mais graves e em que a família recorria à Prefeitura que, na medida do possível, fornecia ambulância para o deslocamento..... • Foi persistente, não desistindo mesmo quando os médicos a enganaram quanto às possibilidades de tratamento para a filha; buscou outros hospitais e obteve algum tratamento e significativa melhora..... • O irmão adquiriu uma grave doença devido ao trabalho junto aos fornos de louça em SP, por isso o pai quis voltar para a agricultura..... • A grande maioria, como não tinha assistência médica, recorria a remédios caseiros, rezas e benzimentos..... 	REFERÊNCIAS
		01
		01
		01
		01
		01
		01
		01
		01
		01
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • A família toda teve problemas com malária em Rondônia..... • Perdeu os pais bem cedo. Quando a mãe morreu, aos 33 anos, tinha apenas 3. Era ela e mais oito irmãos, cujo mais velho tinha 12 anos. O pai dizia que foi problema cardíaco, mas outros diziam que foi suicídio, devido ao sofrimento de criar 9 filhos na roça..... • Quando morou em Goio-Erê, um dos irmãos teve meningite e carrega seqüelas até hoje..... • Para ganhar os filhos, a mulher vinha de Rondônia para Suzano em São Paulo, na casa da irmã do marido, porque lá não havia condições • Em Rondônia pegou malária 2 vezes e o filho também pegou..... 	
		01
		01
		01
		01
		01

QUADRO 7 – ESTRATÉGIAS QUANTO À SAÚDE, NA RMC

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Se no interior iam ao médico quando “estavam morrendo”, na RMC, recorreram à vacinação para garantir a saúde dos filhos..... 	06
	<ul style="list-style-type: none"> • Quando veio a Curitiba, mesmo depois dos médicos afirmarem que não havia solução para sua filha deficiente, ela persistiu até que encontrou médicos que contribuíram para a melhoria do quadro da menina, hoje com 39 anos..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Conforme Quadro I, percebe-se que muitos vieram para a RMC procurando assistência médica, pois tinham problemas de nervos, hipertensão, problemas de coração entre outros..... 	04
	<ul style="list-style-type: none"> • Um tipo de estratégia utilizada pelas famílias para resolver problemas de saúde, são os benzimentos. Entre as entrevistadas com mais de 50 anos, temos duas que fazem estes benzimentos e alegam que de fato curam e que até um médico encaminhou pacientes para uma delas..... 	02
	<ul style="list-style-type: none"> • Esporadicamente, em caso de necessitarem de cirurgia não coberta pelo SUS, recorrem a médicos conhecidos que lhes fazem um desconto ou fazem a cirurgia gratuitamente. Algumas vezes, utilizam intermediação de políticos..... 	02
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • A entrevistada tem problemas de saúde, por isso não teve mais filhos e não pode trabalhar..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • O pai da entrevistada teve doença de chagas, por isso a família ficou bastante tempo hospedada na casa da irmã, revezando-se durante um ano, que ele permaneceu internado no Hospital de Clínicas/Ctba..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • O marido teve problema no joelho e necessitou de uma cirurgia e não pôde trabalhar por muito tempo. Então, ela que era doméstica, passou a diarista, para poder ganhar mais e trabalhar mais, para sustentar as crianças que eram bem pequenas. 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • O filho menor teve muitos problemas respiratórios, que ela atribui a uma cesária programada que teria sido feita muito antes da hora..... • Refere-se ao fato de que sempre recorreu à assistência médica de Pinhais e de Curitiba, embora resida em Piraquara, e que agora, com a municipalização da saúde e a emancipação de Pinhais, se precisar, terá que pedir encaminhamento por Piraquara, para poder ser atendida em Pinhais ou Curitiba..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Quando estava em Rondônia, pegou malária e o dinheiro que ganhava era quase só para gastar com médico (ia para casa uma vez por mês) por isso resolveu voltar para Piraquara..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Por permanecer na casa, durante as enchentes, teve leptospirose, ficou internado por quatro dias..... 	01

Ao se fixarem na cidade, passaram a vacinar as crianças regularmente, até mesmo em função da exigência da carteira de vacina na escola e no trabalho dos pais. Entretanto, apesar de reconhecerem que na RMC a assistência médica é mais acessível que no interior, mantêm o costume de recorrer aos remédios caseiros, às rezas e benzimentos para as doenças mais comuns e muito poucos fazem acompanhamento da saúde dos filhos nos postos de saúde.

Quando necessitam de uma cirurgia ou tratamento que não tem cobertura pelo SUS (Sistema Único de Saúde) ou no HC (Hospital de Clínicas), recorrem a médicos conhecidos que lhes fazem descontos, parcelamento ou que os dispensa do pagamento. Algumas vezes, recorrem a conhecidos ou políticos, que efetuam a intermediação ou o pagamento das despesas. Relataram que depois da municipalização dos serviços de saúde e da emancipação de Pinhais, têm maiores dificuldades em conseguir assistência médica, pois estando na periferia de Piraquara e mais próximos de Pinhais e Curitiba, precisam obter um encaminhamento de Piraquara para tratar-se nesses municípios. Sendo a vila muito distante do centro de Piraquara, esta exigência cria dificuldades para o atendimento.

Os diferentes arranjos encontrados para superar as dificuldades relativas à habitação, saúde entre outras situações dadas no cotidiano, constituem o ponto de partida para construção, manutenção e ampliação de formas de sociabilidade – aspecto a ser aprofundado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

FORMAS DE SOCIABILIDADE

Neste capítulo procuramos apresentar as formas de sociabilidade que se desenvolveram entre as famílias migrantes pobres, em sua trajetória até o momento atual. Na busca por esclarecer o fundamento destas relações sociais, diríamos que as formas de sociabilidade deste grupo de migrantes pobres parecem explicar-se por sua inserção socioeconômica e familiar, sua origem rural e por fatores culturais como a religião e a educação.

Analisamos em que medida as mudanças pelas quais passaram estes migrantes e a experiência da instabilidade e da insegurança fizeram com que eles criassem ou recriassem algumas formas de sociabilidade. Verificamos também até que ponto as formas de sociabilidade características do ambiente urbano incorporaram-se ao cotidiano destas famílias. Para maior clareza, é necessário que se conceitue o termo sociabilidade e o sentido em que o mesmo é empregado nesta pesquisa.

O termo sociabilidade adquire na bibliografia analisada vários sentidos. Assim, tem-se em SIMMEL, um processo que se traduziria por "sociação", que não se confunde com socialização nem com associação. Sociação seriam as interações sociais, seria o processo da sociedade no seu fazer, desfazer e refazer constante.⁹³ A sociedade constituir-se-ia dinamicamente de acordo com impulsos, interesses e objetivos, entre outros motivos. Portanto, sociação seria a *"forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus*

⁹³ SIMMEL, Georg. **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983 p.21

interesses".⁹⁴ A sociabilidade seria, então, uma parte deste processo de socialização, aquela que se refere à participação do indivíduo em diversos círculos sociais. Segundo Simmel, "...na pureza de suas manifestações a sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre."⁹⁵ Ela mantém uma relação formal do indivíduo com a sociedade. Ainda segundo Simmel, a "sociabilidade é o jogo no qual se "faz de conta" que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular".⁹⁶

Haveria, segundo Gianotti, distintas formas de sociabilidade, nas sociedades primitivas e nas sociedades capitalistas. A sociabilidade natural implicaria que o homem vive em grupo, mas isto se dá graças à "semelhança e a diferença, à aliança e à expulsão, por meio de um sistema de parentesco que estipula as fronteiras do mesmo e do outro".⁹⁷

Também para Ariés, o termo sociabilidade refere-se à relações sociais que constituem a vida coletiva. A sociabilidade dar-se-ia principalmente no espaço público, ou seja, no espaço que permite a convivência entre pessoas de diferentes famílias. A família constitui-se em domínio privado, mas recebe influência da sociedade.⁹⁸ A relação entre o domínio público e o domínio privado, assim como as relações na família e as formas de sociabilidade, sofrem transformações através do tempo, devido à dinâmica da sociedade que se constitui historicamente. Fonseca constatou, numa comunidade por ela pesquisada, que o fato do trabalho assalariado convencional exigir que o homem abandone a sociabilidade da rua –

⁹⁴ SIMMEL, Georg. Op. Cit, p.166

⁹⁵ SIMMEL, Georg. Op. Cit p.170

⁹⁶ SIMMEL, Georg. Op. Cit p.173

⁹⁷ GIANOTTI, J. A **Trabalho e reflexão: ensaios para uma dialética da sociabilidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984 p.137

⁹⁸ ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978; ARIÉS, P. **A família e a cidade**. VELHO, G. (Coord). **Psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981, p. 13-23.

dedicando seu tempo ao emprego, ao dinheiro ou à família - influi na comunidade, muitas vezes ameaçando a coesão do grupo.⁹⁹

Nesta pesquisa, entendemos por sociabilidade, as relações sociais que se estabeleceram na comunidade estudada, no sentido da convivência dessas famílias. Seriam, portanto, as relações destas famílias migrantes com o meio social, adaptando-se às novas necessidades e desenvolvendo novas formas de convivência na família e na comunidade, a partir do trabalho, da religião, do lazer, da escola, entre outras instâncias em torno das quais a sociedade se organiza.¹⁰⁰ Trata-se, portanto, das diversas formas como os indivíduos constroem sua inserção nos diversos grupos sociais, instituições e associações, ao mesmo tempo em que se afastam daquelas com as quais não se identificam ou não aprovam.

As formas de sociabilidade, em sua dinâmica, transformam-se ao mesmo tempo em que revelam permanências, restrições ou tabus, à participação de algumas pessoas, dependendo das relações de gênero, da estrutura de classes, das relações intergeracionais, da religião, entre outros fatores que permitem revelar alguns valores que consideram fundamentais. Exemplificando, diríamos que apesar do lazer significar para a maioria das pessoas um momento em que a mesma possa distrair-se ou descansar, esquecendo por algum tempo seu trabalho ou outras atividades que necessita realizar, a maneira como este lazer se realiza e o tempo que será dedicado a ele vão depender das personalidades entre as quais ocorre, como diz Simmel. Mas, acrescentaríamos, dependerão ainda, das possibilidades de escolha e dos interesses e valores que esses indivíduos trazem consigo.

⁹⁹ FONSECA, Cláudia. Trabalho e cotidiano: o que condiciona o quê? **Est. Econ.** São Paulo, v.22, n.especial, p.35

¹⁰⁰ Não estamos tratando a sociabilidade exclusivamente como lazer, embora as formas de lazer ocupem um espaço significativo quando tratamos de sociabilidade. Quando as pessoas falam sobre seu lazer, os discursos nos revelam as tramas sociais, culturais e ambientais em que se desenvolvem as relações sociais.

Procuramos analisar a seguir, as formas de sociabilidade segundo sua localização, se no interior ou na RMC, segundo os diversos tipos e a frequência com que foram mencionados pelos entrevistados. Portanto, analisamos as características principais destas formas de sociabilidade e a influência, sobre elas, de fatores como sexo, idade, religião, entre outros.

Iniciaremos com a análise das formas de sociabilidade ou dos ambientes que propiciaram os encontros que resultaram na escolha dos parceiros ou parceiras para a vida conjugal desses migrantes. No interior, geralmente, conheciam os futuros parceiros no próprio trabalho da lavoura ou nas reuniões em casa de vizinhos, compadres ou parentes onde se reuniam para as rezas do terço – que aconteciam no decorrer do mês de maio e próximo ao Natal – ou em outras reuniões ou celebrações religiosas que ocorriam no período da Quaresma.

Outros encontros ocorriam em festas de igreja ou bailes nas casas dos conhecidos, além de reuniões em que os homens jogavam cartas e as mulheres preparavam um lanche ou churrasco. Entre os que conheceram seus parceiros na RMC, embora os lugares possam ser diferentes, predomina a escolha feita entre os grupos de vizinhança, que freqüentam a mesma igreja, encontram-se rotineiramente nos ônibus ou nos passeios na própria vila, assim como os que conheceram por intermédio de seus parentes.

Analisando semelhanças e diferenças entre as formas de lazer no interior e na RMC, podemos afirmar que poucas coincidem. Observamos que algumas formas de sociabilidade eram mais comuns entre os migrantes no período em que estes estavam no interior e outras se mantêm na RMC até mesmo no decorrer de diferentes gerações. Entre as atividades de lazer mencionadas, exclusivamente no interior, temos os shows sertanejos, aos quais a maioria não tem como assistir, hoje. Da mesma forma, os passeios a cavalo ficaram como lembranças de um passado distante. Perderam espaço na RMC, também, os encontros entre vizinhos e

parentes, simplesmente para um “*bate-papo*” descontraído, que no interior, se não ocorresse, era sentido como falta de consideração pelos amigos, o que reafirma as conclusões de Cláudia Fonseca, já referidas. A visita aos vizinhos aqui só acontecem quando estes estão doentes, e geralmente são os mais velhos que fazem estas visitas. Também, as festas que aconteciam após a colheita ou outros trabalhos da produção agrícola, feitos em mutirão, não se repetem aqui, não só devido à especificidade do ambiente urbano, mas devido à dificuldade de encontrarem um tempo mais ou menos comum, entre os moradores, que permitam essas reuniões amplas.

Apesar disso, ocorrem mutirões mais restritos, ou seja, entre pessoas convocadas por seus parentes próximos, amigos ou colegas de trabalho. Visam, principalmente, auxiliar na construção ou reforma de moradias, ou, excepcionalmente, para a construção de uma benfeitoria para a comunidade, como foi o caso da sede da Associação de Moradores. Neste caso específico, fizeram uma confraternização ao final da primeira etapa da obra.

Nos primeiros anos que aqui chegaram e, em algumas famílias ainda hoje, realizavam bailes nas casas, entre os vizinhos, como acontecia no interior. Na RMC, porém, talvez devido ao pouco espaço que há entre as residências e ao fato de estas festas não se estenderem a todos os vizinhos, estes eventos geram algumas vezes conflitos entre eles em função do barulho. Outras vezes, são condenadas como comportamento inadequado ou até mesmo proibidas por algumas religiões. As festas de Igreja também são bem freqüentadas, como no interior, mas alguns queixam-se que hoje, devido a algumas brigas e à falta de colaboração, as festas diminuíram. Um fato que dificulta a realização das quermesses é que na vila só existe uma extensão de uma Paróquia de Pinhais.

Ao agruparmos e classificarmos as formas de sociabilidade consideradas como lazer pelos migrantes, conforme **Tabela 17** observamos que predominam referências ao tipo 5, *Visitas, compromissos sociais, religiosos e familiares*, com 23,25% das indicações. A seguir

são indicadas as festas, festas de igreja, familiares, bailes e churrascadas que somam 19,77% das indicações. Na sequência, aparecem com 13,95% cada, os tipos 6, *Outros entretenimentos* – incluindo-se aí saídas para receber aposentadoria, ouvir música em casa, jogos de carta, assistir à televisão – e 8, *Não têm lazer*, que em geral significa que não saem de casa.

Somando os itens referentes ao lazer que se realiza no ambiente familiar, na vizinhança ou na igreja, com aqueles que dizem não ter qualquer lazer, eles representam 51% das indicações, aproximadamente. Isto significa que mais da metade, praticamente não sai da vila onde mora, a não ser para ir trabalhar. Analisando mais detidamente, constatamos a falta de atividades de lazer, em uma proporção significativa, principalmente no grupo de migrantes que está na RMC por um período entre 16 a 25 anos. Uma das explicações poderia ser de que as pessoas aos poucos vão se acomodando à rotina de trabalho extenuante e não buscam dedicar algum tempo ao lazer. Há também a questão da idade e do ciclo familiar, que faz com que aqueles que têm mais filhos ou os que estão casados há mais tempo, em função da sobrecarga de trabalho e de outras atividades, não considerem importante sair de casa para divertir-se, mesmo porque faltam opções e facilidades, o que torna o sair de casa nos finais de semana, mais uma jornada estressante – considerando a distância, a precariedade dos transportes e a falta de recursos dessas famílias.

TABELA 17 – TIPO DE LAZER DOS MIGRANTES, SEGUNDO TEMPO DE RESIDÊNCIA NA RMC:

Tipo	Até 5 anos	De 6-15 a	De 16-25 a	De 26-35 a	TOTAL	%
1 _ “Bate-papo”, festas, shows e cavalgadas _ só no Interior	00	00	03	02	05	5,81
2 _ Passeios ao ar livre: Pescaria, parques e excursões	02	02	04	01	09	10,46
3 _ Atrações ou atividades culturais, artísticas e esportivas	04	03	01	00	08	9,30
4 _ Festas, festas de igreja, familiares, churrascadas	01	05	09	02	17	19,77
5 _ Visitas, compromissos sociais, religiosos e familiares	03	09	05	03	20	23,25
6 _ Outros entretenimentos: música, jogos de carta, televisão, saídas	04	06	00	02	12	13,95
7 _ Frequenta bares (sinuca, etc)	01	02	02	00	05	5,81
8 _ Não tem lazer (não saem de casa)	02	04	06	00	12	13,95
TOTAL	17	31	28	10	86	100

Fonte: Pesquisa de Campo – Famílias Migrantes na RMC: estratégias de sobrevivência

Restam a essas famílias migrantes as reuniões para o almoço de domingo, quando recebem os filhos, netos, irmãos, ou quando retribuem a visita e, eventualmente, visitam compadres ou vizinhos. A frequência às missas ou aos cultos também é mencionada como um momento de sociabilidade importante, para uma parte significativa das famílias. Tais formas de lazer revelam a predominância de uma sociabilidade mais ou menos restrita aos círculos

familiares, de vizinhança ou religiosos. Para as mulheres mais idosas, o fato de ir à Igreja torna-se um acontecimento importante, uma vez que este é um dos poucos momentos em que elas sentem-se parte de uma comunidade mais ampla que o círculo familiar. Elas valorizam as reuniões em família, as festas, as visitas, portanto, os momentos em que podem estar com familiares, vizinhos e amigos em geral.

Entre os que mencionam festas de final de ano, festas de igreja, casamentos, aniversários, “bailões” e festas da associação de moradores ou da escola, temos menos de um quarto (19,77%), também concentrados entre os que estão há mais de 16 anos na RMC. Neste grupo, porém, a concentração se dá em festas de igreja, casamento e aniversário, enquanto para os que estão aqui por um período entre 6 e 15 anos, os bailões também são mencionados. Neste caso, são em geral pessoas separadas que citaram este tipo de lazer. Entre as mulheres mais novas, as festas são bastante mencionadas, seja as mais familiares, as de Igreja, as promovidas pela Associação de Moradores ou pelos grupos de jovens das paróquias.

Aparecem ainda com frequência razoável (10,46%) indicações sobre excursões à praia, visitas aos parques de Curitiba, além de pescarias. Este tipo de lazer está mais ou menos distribuído, não havendo alterações significativas se comparamos os que estão há mais ou menos tempo na RMC.

Quanto ao item três, que trata de atrações ou *atividades culturais, artísticas e esportivas* – que representa 9,30% – o que observamos na prática é uma ênfase ao futebol em todos os sentidos. Assistem ao jogo ou participam como jogador dos torneios de futebol da vila, freqüentando eventualmente os estádios para assistir as partidas ou jogando futebol com os colegas de trabalho. Apenas uma entrevistada diz ter atuado, eventualmente, em algumas festas ou em um restaurante conhecido como cantora. Quanto ao futebol, a participação é fundamentalmente masculina, o que não impede que algumas moças ou esposas dos jogadores

da vila assistam aos torneios. A frequência aos bares e os jogos de sinuca que ocorrem no interior dos mesmos, é uma exclusividade masculina, onde a mulher, quando entra, permanece somente o suficiente para efetuar alguma compra, caso não queira ser “mal vista”. Esta é uma forma de lazer mencionada em 5,81% das vezes, mas que se pode ressaltar como prática mais ou menos comum entre uma parte significativa dos homens, seja ao final do expediente de trabalho ou aos finais de semana.

As formas de lazer com maior frequência foram mencionadas como atividades tanto de homens quanto de mulheres, enquanto essas últimas indicam formas de sociabilidade que se realizam em “território masculino”, resultado da forma como se construíram as relações de gênero naquela comunidade.

A idade também influi nas formas de sociabilidade. Para os aposentados de ambos os sexos, mas principalmente para as mulheres, o dia de receber a aposentadoria torna-se um evento social, em que eles aproveitam para rever conhecidos, ainda que seja na fila do banco, e passear um pouco pela cidade, e resolver outras questões pendentes.

Para as mulheres casadas que têm entre 30 e 49 anos, as opções de lazer tornam-se bastante restritas. Praticamente resumem-se à assistir a televisão ou ouvir rádio enquanto executam os serviços domésticos. Também estas valorizam os almoços em família, aos finais de semana, quando reúnem os parentes em suas casas ou se dirigem à casa de alguém da família. A maior parte destas mulheres não tem um momento que seja dedicado exclusivamente ao descanso ou ao lazer. Chamou-nos a atenção o fato de que tanto na roça quanto na RMC, os domingos são dedicados a lavar roupa. Onde moram hoje, os tanques de roupa ficam próximos uns dos outros, ou são utilizados em comum – principalmente quando há mais de uma família no mesmo quintal – permitindo que as mulheres se reúnam para conversar, enquanto lavam a roupa. À noite, ouvem rádio ou assistem à televisão.

As visitas aos parques de Curitiba também são citadas. Estas visitas são feitas por pais e filhos pequenos e por jovens. Uma das formas de sociabilidade mais importantes para os homens de 30 a 49 anos, é jogar futebol, conforme referido anteriormente. Constatamos que os homens desta faixa etária têm uma série de atividades relacionadas a esportes ou jogos. Assim, além do futebol da vila, eles vão aos estádios. Os jogos de futebol da vila são assistidos por crianças e adolescentes, além de umas poucas mulheres, que constituem a torcida. Eventualmente, alguns homens participam de passeios ao ar livre como pescarias e, uma vez ao ano, os que podem, vão à praia. Uma parte deles também acompanha o restante da família em visitas aos parentes. Ao contrário das mulheres desta faixa etária, entre os homens, foi insignificante a proporção de indicações de que não tem lazer ou não sai de casa. Este dado, comparado aos demais, demonstra que principalmente nesta fase, homens e mulheres têm formas de lazer bem distintas e separadas. Restam em comum, as visitas aos parentes e algumas raras festas ou passeios. A justificativa seria de que, nesta fase, pesa sobre o casal, mas em especial sobre a mulher, os encargos com os filhos pequenos. O que pode, até certo ponto, explicar esta diferenciação – em que a mulher estaria mais voltada à família e à casa e o homem fortalecendo seus vínculos profissionais e de amizade, por meio dos jogos e esportes – é a desigualdade nas relações de gênero. Embora os homens não admitam abertamente que freqüentam os bares, referem-se a jogos de baralho e de sinuca que, em geral, são praticados nos bares da vila e/ou em casa. As mulheres mencionam a cada passo esta freqüência dos homens aos bares, o que pode ser claramente observado nas visitas à vila.

Os bares funcionam como ponto de encontro de aposentados, desempregados, jovens desocupados e trabalhadores que, por razões diversas, passam a freqüentá-los. Há uma certa seletividade e hierarquização nesses estabelecimentos comerciais. Alguns são minimercarias, outros são bar e minimercaria juntos, ou seja, incluem a venda de bebidas no balcão e têm

uma pequena área com mesas e cadeiras, além de mesa de sinuca. Neste caso, a freguesia é bastante variada, embora os que permanecem por mais tempo em seu interior sejam sempre os homens. Os donos procuram constantemente estabelecer uma distinção entre sua freguesia – pais de família e trabalhadores que vêm depois do trabalho – e aqueles que freqüentam os bares ou botecos conhecidos como “*bocas de fumo*”. Estes são estabelecimentos muito pequenos, às vezes também têm mesa de sinuca, vendem bebida no balcão e, não raro, ficam com as portas semifechadas. Segundo os moradores da vila, aí seria ambiente freqüentado pelos “*maconheiros*” e “*desordeiros*”. Os donos dos estabelecimentos maiores dizem que procuram sempre impedir o acesso ou permanência dos “*maconheiros*”.

Essa identidade contrastiva “trabalhadores” *versus* “maconheiros”, “meu estabelecimento” *versus* “bocas de fumo”, parece significar uma necessidade de demarcação de território, para preservar a freguesia que interessa ao comerciante, ou seja, aquela que realmente compra e consome seus produtos, que vem ao bar para divertir-se. Assim, inibindo o acesso dos “desocupados”, o comerciante garante a continuidade não somente do seu ponto comercial, mas de um verdadeiro ponto de encontro e de referência para os habitantes da vila. Estes usam o referido espaço para estabelecer contato com pessoas que lhes possam arranjar emprego, solucionar uma questão referente ao encaminhamento da aposentadoria, descobrir uma solução para algum problema de saúde. Além disso, é em frente a estes pontos comerciais maiores que existe o telefone comunitário, que permite fazer ou receber as ligações cujos recados são repassados às pessoas da vila. Por estes recados recebem respostas sobre empregos, notícia dos parentes distantes ou sobre a tramitação da transferência para a escola dos filhos. O resultado desta comunicação é a ampliação sempre crescente do círculo de pessoas que se tornam conhecidos entre si e do dono estabelecimento comercial, o que é

importante para a comunidade, pois permite a circulação de informações e o reforço dos vínculos construídos.

Um fator que apareceu nos relatos foi o aumento da violência e dos conflitos nos ambientes de lazer, o que inibe a participação de boa parte dos moradores nesses locais. Há referências a brigas nos “bailões”, nas festas de Igreja e bares, além de assaltos a bares e ônibus. Esta parece ser uma das razões pelas quais as mulheres mais novas também citam o “assistir televisão” e “ouvir música”, como atividades frequentes, em lugar de sair para divertir-se fora de casa. Há um medo generalizado de sair à noite, devido à falta de condições adequadas de segurança.

A televisão ao mesmo tempo que invade a privacidade das famílias, suscita o consumo, traz novas informações, interfere nas relações sociais e nas formas de sociabilidade, constitui-se numa forma de entretenimento das mais utilizadas para preencher o pouco tempo livre que resta a estas camadas pobres da população.

Esta sociabilidade restrita dos migrantes da RMC parece estar associada, entre outros fatores, aos costumes e à experiência que tiveram desde a infância, pois também nesse período de suas vidas enfrentaram restrições e proibições. Eram raros os momentos em que podiam brincar e, quando brincavam, geralmente era nos próprios quintais, apenas entre os irmãos e eventualmente com uma ou outra criança vizinha. Tinham dificuldades até mesmo para ir à escola, em razão da distância.

Entre as brincadeiras tradicionais, as mais comumente praticadas tanto no Interior quanto na RMC entre os meninos de diferentes gerações, temos os jogos de bolinha de gude e as brincadeiras com bola e de carrinho de rolimã ou de latas de leite, feitos pelas próprias crianças. Entre as meninas, as brincadeiras entre irmãs no próprio quintal _ de boneca, de

casinha e de peteca _ também perpassaram as gerações e foram praticadas tanto no interior quanto na RMC. **Tabela 18**

Entre as brincadeiras ao ar livre, o futebol entre os meninos e as brincadeiras no rio (banho, canoa e pesca) para meninos e meninas são mencionados por ao menos duas gerações e abrangem o interior e a RMC. No entanto, afirmam que o rio Iraí, que antes permitia o encontro entre pessoas de Curitiba e de Piraquara que iam até lá para tomar banho e passar o dia com a família, hoje está poluído e é causa de “pesadelos” devido às enchentes. Os passeios aos parques de Curitiba também destacam-se como forma de lazer.

As festas de Igreja, casamentos e aniversários eram para estas crianças das três gerações analisadas raros momentos de encontro com parentes e vizinhos mais distantes, no Interior e mesmo na RMC, como não têm muitas oportunidades de outros tipos de lazer, essas festas adquirem grande importância, assim como a visita aos vizinhos e parentes. Evidentemente, quando falamos em festas de aniversário, não estamos nos referindo a uma festa como as que acontecem na classe média e alta, mas apenas de uma reunião de algumas pessoas da família e um ou outro amigo do aniversariante, que repartem um pequeno bolo ou salgadinhos feitos pelas mães. Isto quando se festeja aniversário, o que não é comum entre os migrantes pobres. Às vezes, esquecem até mesmo a data do aniversário.

TABELA 18

BRINCADEIRAS, JOGOS, OUTRAS FORMAS LAZER, CRIANÇAS E ADOLESCENTES, INTERIOR/RMC:

TIPO DE ATIVIDADE	SEXO	C.I	LOCAL	FR.	Nº ENTREV.	OBSERVAÇÕES
Casinha, esconde-esconde	ambos	2	INT.	1	11;	o entrev.
Brincavam no rio (banho, canoa, pesca)	ambos	2	INT.	1	10;	a entrev.
Não brinc. devido trabalho e falta de luz	ambos	1	INT.	1		a entrev.
Não saíam p/ divertir-se	ambos	1	INT.	1		
Iam à Igreja	ambos	2	INT.	1	10	a entrev.
Às vezes, visitavam um vizinho	ambos	2	INT.	1	10	a entrev.
Iam à aniversários ou casamentos	ambos	2	INT.	1	22	a entrev.
Iam a parques de diversão e/ou circos	ambos	1	INT.	1	5	filhos; entrev.
Não tinham liberdade/chance de brincar	ambos	1; 2	INT.	3	13 e outros	os entrev.
Brinc. entre irmãos, devido dist. vizinhos	ambos	1	INT.	4	Vários	os entrev.
Brincavam c/ irmãs: pedaços de louça	fem.	1	INT.	1	5	a entrev;
Brincavam de roda, passa anel, esconder	fem.	2	INT.	1	1	a entrev;
Brincavam de casinha e esconde-esconde	fem.	2	INT.	1	20	a entrev;
Faziam brinc. peteca palha milho	fem.	1	INT.	1	8;	a entrev.
Quase não brincavam, pai não deixava sair	fem.	2	INT.	1	20	a entrev.
Não teve diversão/infância (casou-se c/13)	fem.	2	INT.	1	25	a entrev.
Fazia boneca sabugo e palha milho	fem.	1;2	INT.	2	16; 1;	as entrev;
Brincavam carrinho rolimã e de latas leite	masc.	2	INT.	1	1	os irmãos
Brincava de comer terra	masc.	2	INT.	1	11	o entrev.
Iam ao cinema ou ao clube	masc.	2	INT.	1	12	o entrev.
Jogavam ou jogam futebol	masc.	2	INT.RMC	3	12; 10;	o entrev.; sobr ^o ;
Iam à festas de Igreja	ambos	2; 1	INT/RMC	4	12; 5; outros	entrev.; filhos
Brincava de bola e de carrinho	masc.	2	INT/RMC	3	12; 11;20	entrev.; filhos;
Andam e brincam ao redor da casa, na rua	ambos	1	RMC	1	15	os netos
Assistem vídeo	ambos	3	RMC	1	33	filhos
Organiz. e iam à festinhas, bailes	ambos	1	RMC	1	5	filhos
Participavam de churrascos em comum	ambos	1	RMC	1	5	filhos
Assistem aos torneio de futebol da Vila	ambos	2	RMC	2	11	crianças e adolesc.
Fazem visitas aos parentes, com os pais	ambos	2	RMC	2	11	filhos
Lêem gibis, revistas doados	ambos	2; 3;	RMC	3	1; 34;	filhos
Assistem TV (filmes, e outros programas)	ambos	1;2;	RMC	3	19; 31;	filhos
Brincam c/ amigos nas casas ou quintais	ambos	2; 3;	RMC	4	21; 1; 17; 34;	filhos; entrev.
Brincam na rua (bets; vôlei; queimada; fut.)	ambos	2	RMC	4	Vários	as crianças
Vão aos parques de Curitiba (S.L;J.B;out.)	ambos	2; 3	RMC	4	10; 12; 17; 32	sobrinhos; filhas
Brinca de boneca	fem.	1	RMC	1	16	filhos;
Participam de excursões do gr. jovem par.	fem.	2	RMC	1	37	filhas
Participam e organizam festas gr.jovem par.	fem.	2	RMC	1	32	filhas
Vão aos bailões, discotecas, bailes	fem.	2	RMC	1	10	filhas
Brincavam outras crianças no quintal	fem/mas	1; 2; 3	RMC	3	16; 20; 35	filhos;
Caçavam rã no banhado	masc.	1	RMC	1	8, p. 33;	filhos;
Soltam pipa	masc.	2	RMC	1	20	os filhos;
Saem para pescar	masc.	2	RMC	1	10;	sobrinhos
Vão aos estádios de futebol (jogos/treinos)	masc.	2	RMC	1		filhos
Brincavam no rio (banho, canoa, pesca)	ambos	1;2	RMC/INT.	2	8, p. 33; 11;	filhos; entrev.
Brinc. de bolinha de gude (búrica)	masc.	1; 2	RMC/INT.	4	9; 12;11;20;	filhos; o entrev;

Para os mais idosos, até mesmo essas visitas eram raras, em sua infância, pois as distâncias, no interior, eram muito grandes. Outro problema era a falta de liberdade das crianças na época. Havia muita rigidez em sua educação, exigindo delas um comportamento reservado e submisso às ordens dos pais, que eram obedecidas, mesmo quando para cumprir um jejum de uma semana ou não sair do quarto durante dias seguidos.

As meninas, no interior, faziam suas próprias bonecas e petecas com a palha de milho, o que foi mencionado pelas mulheres mais velhas e também por algumas entre 30 e 49 anos. Além das brincadeiras já citadas, aquelas que se desenvolvem na rua, como _ o simples passear pelas ruas da vila ou jogar bets, vôlei, queimada ou futebol _ foram mencionadas como praticadas atualmente por crianças de ambos os sexos, na RMC. Em geral, predomina o vôlei para as meninas e o futebol para os meninos.

Algumas vezes, ao menos para as gerações que foram crianças no interior, a infância com restrições ou até a impossibilidade de brincar, que foi bastante frisada, se devem ao fato de precisarem trabalhar a maior parte do tempo e, em parte, devido à rigidez da educação e o cumprimento de preceitos religiosos que muitas vezes, retiravam a liberdade das crianças. As diversões eventuais das quais participavam no interior, eram os parques de diversão e o circo.

Hoje, mesmo que os pais continuem não podendo comprar brinquedos, as crianças têm um pouco mais de liberdade para brincar. Muitas ganham brinquedos que são doados por pessoas de fora da vila, mas, em alguns casos, as mães mostram-se orgulhosas por ter comprado ao menos uma boneca para a filha, já que nunca puderam ter uma para si. Uma das mães relata que deixou de comprar praticamente tudo, para que pudesse pagar em prestações “a perder de vista”, um teclado para o filho que, segundo ela, tem dom para a música e hoje já toca em festinhas, recebendo algum dinheiro por isto.

Aparecem ainda referências à leitura de revistas e gibis, como formas de lazer de crianças e adolescentes, mas principalmente, assistir à televisão e a fitas de vídeo ou ouvir música parecem constituir-se como umas das poucas formas de diversão que estas crianças têm na RMC.

Além das brincadeiras e das formas de lazer, outras formas de sociabilidade merecem ser destacadas, entre elas, os encontros religiosos ou decorrentes do pertencimento a grupos de jovens, grupos de oração, pastorais, principalmente a da criança. Os encontros das crianças com o grupo da Pastoral da Criança são motivo de euforia da parte das mesmas, pois nestes momentos, elas podem brincar, fazer um lanche comunitário gostoso e encontrar-se com outras crianças da mesma idade. Para as crianças que ficavam em casa ou nas ruas, quase abandonadas, estes encontros resultam em melhoras sensíveis, como relataram as líderes da Pastoral.

A creche e a escola também constituem formas de sociabilidade importantes para as crianças, as mães e as professoras. Nas reuniões da escola que muitas mães aprendem a educar seus filhos, mantê-los com saúde e até mesmo, a importância de expressar carinho, o que no interior, em outra geração, não era discutido.

O problema, no caso da RMC, é que aqui essas crianças e adolescentes têm dificuldades relacionadas à sua inserção em um ambiente diferente da região de onde vieram, e que não oferece os serviços e as condições necessárias para que as mesmas desenvolvam formas de sociabilidade adequadas à sua plena participação na sociedade. Isto significa dizer: de um lado, uma inserção educacional que contribua para o desenvolvimento de habilidades que lhes dê acesso ao mercado de trabalho. De outro, atividades complementares e de lazer que possibilitem seu desenvolvimento integral.

Para as crianças que ficam em casa na RMC a socialização se dá entre irmãos, primos ou crianças da vizinhança, dentro de casa, ou nos quintais _ espaços muito restritos, considerando-se que há vários pequenos casebres num mesmo lote. **Planilhas 1 e 4/Anexo IV**

À medida que crescem e as casas e os quintais não oferecem espaço suficiente para as brincadeiras, elas procuram a rua.

A sociabilidade da rua desenvolve-se na forma de jogos, principalmente vôlei e futebol, mas há espaço também para brincadeiras tradicionais como “amarelinha”, entre outras. Adolescentes e pré-adolescentes costumam usar o espaço da rua para circular de uma casa para outra, passeando e conversando _ geralmente em duplas ou pequenos grupos _ parando eventualmente nas esquinas ou em frente às casas, entrando em uma ou outra brincadeira. Algumas vezes, parecem não ter rumo certo. Ficam assim “expostas” a todo tipo de problemas, como dizem os adultos. Uma parte dos pais nem mesmo fica sabendo por onde andam, pois estão trabalhando e confiando que as mesmas estejam em casa, tomando conta dos irmãos mais novos, ou estudando. Outros, por perceberem que esta circulação dos jovens pode representar perigo, recomendam a seus familiares que as vigiem. Os meninos nesta faixa etária costumam também formar seus pequenos grupos, mas habitualmente ficam pelas esquinas, pelos barzinhos ou casas de jogos.

A maioria dos entrevistados queixa-se da falta de opções aos jovens, seja em termos de educação aos que já passaram dos 14 anos e não completaram o primeiro grau, de atividades complementares – artísticas, esportivas e profissionalizantes – além de oportunidades de emprego. Esta falta de ocupação para os jovens os faz criticar o Estatuto da Criança e do Adolescente, alegando que se ao menos pudessem trabalhar a partir dos 14 anos, não teriam tantos problemas.

Na **Planilha 5/Anexo IV** observamos as diferenças quanto à sociabilidade no interior e na RMC, quanto ao costume de visitarem-se – vizinhos e parentes. Observa-se que no interior, este costume era mais comum, pois reuniam-se tanto para o trabalho quanto para as orações, ou até mesmo para passar o tempo. Na RMC, devido à rotina diferente e as novas necessidades, os costumes vão se modificando, e alguns já se preocupam em não incomodar, pois acreditam que se estão pouco tempo em casa, devem usá-lo para o descanso. Apesar disto, procuram manter-se unidos nos momentos em que a participação de vizinhos e parentes mostra-se necessária.

Analizando a forma como se dá a participação, organização e mobilização da comunidade, percebemos que há algumas razões ou objetivos que mobilizam mais os moradores, como as atividades e celebrações das diversas igrejas _ tanto para finalidades religiosas propriamente ditas, como para atividades solidárias, organizadas pelas igrejas.

Foram registradas também, mobilizações e organização dos moradores _ em diferentes momentos _ visando ao atendimento de reivindicações de melhoria quanto à infra-estrutura da vila e principalmente, visando discutir a questão da possível desapropriação dos moradores em razão da implantação do PROSAM – Programa de Saneamento Ambiental/PR, ou mesmo tentando impedir que os trabalhos da COMEC na região fossem implementados. O projeto que lhes era apresentado como solução para o problema das enchentes, implicaria que os mesmos abandonassem o pouco que conseguiram construir em todos estes anos e praticamente recomeçar, tendo novas despesas quanto à moradia, novos problemas de infra-estrutura e, principalmente, seria desestruturada a rede de apoio de vizinhos e parentes, estes, vivendo em geral em um mesmo terreno, o que não seria possível no novo ambiente, pois seriam indenizados somente os que tivessem comprovante oficial da propriedade da terra e

regularização da área construída. Geralmente, quando têm a documentação, ela refere-se à apenas uma casa, excluindo portanto as casinhas construídas em mutirão ou autoconstrução.

A Associação de Moradores só conseguiu mobilizar de forma mais efetiva a comunidade quando passou a tratar destas questões referentes às enchentes e ao PROSAM. A mobilização só acontece devido ao trabalho insistente de alguns líderes comunitários que residem há mais tempo na região e que estão atentos às mudanças que estão ocorrendo na comunidade. **Planilha 6 e 7/Anexo IV.**

Parte dessa dificuldade em mobilizar a comunidade deve-se ao fato de que freqüentemente eram ameaçados com a transferência para outro local, mas passado algum tempo nada acontecia. A cada nova enchente, ressurgia a questão da transferência para novamente ser esquecida. Assim, além de ficarem inseguros, desanimavam em construir algo melhor, que tivesse que ser abandonado depois. Este mesmo fato, entre outros, fez com que cada vez mais desconfiassem das soluções propostas e desacreditassem dos políticos, que chegavam na comunidade só em períodos pré-eleitorais.

A partir do momento em que tiveram uma promessa de que não seriam mais transferidos __ exceto os que estivessem muito próximos ao rio, em ocupações irregulares, retomaram imediatamente suas reformas e animaram-se em construir a sede da Associação de Moradores, e começaram novamente a planejar o futuro da vila.

CONCLUSÕES

As famílias migrantes pobres que vivem na Região Metropolitana de Curitiba e que vieram para cá desde a segunda metade da década de 1960 até os anos 90, construíram trajetórias marcadas pela instabilidade, insegurança e incerteza, enquanto buscavam, justamente, estabilidade e segurança para seus familiares. Entre avanços e recuos, retomaram a cada nova etapa de sua caminhada a reconstrução das condições para uma sobrevivência digna.

A trajetória dessas famílias evidencia a predominância da migração rural-urbana. Esse processo migratório explica-se principalmente em razão da modernização da agricultura na década de 1970. A aparente facilidade com que elas deixam para trás o que construíram e partem em busca de uma vida melhor, recomeçando a cada momento, deve-se, em especial, à experiência migratória característica do trabalho agrícola em terra alheia, que exigia mudanças constantes em busca de trabalho.

Os principais motivos, segundo os migrantes, seriam as dificuldades financeiras provenientes da baixa remuneração, desemprego e problemas com a plantação. Complementarmente aparecem a falta de assistência médica e a falta de condições para freqüentar a escola, como a “gota d’água” que teria motivado a migração. Essa falta de perspectivas de melhoria, no interior, impulsionou também a saída dos mais jovens.

Quando se tornou impossível a permanência dos migrantes no interior ou em outros estados, estes recorreram às redes de parentesco e vizinhança, para recomeçar na Região Metropolitana de Curitiba.

Neste novo espaço, as estratégias de sobrevivência passam pelos mais diversos arranjos, principalmente envolvendo os familiares. Há uma evidente valorização dos laços de

parentesco – talvez até pela dificuldade que têm em mantê-los e pela necessidade desta união para preservação da família. Esta, quanto à sua composição, apresenta uma dinâmica muito intensa, revelando situações distintas, que passam pela incorporação de membros adotivos temporários e/ou permanentes, casamento dos filhos – que pode significar diminuição no número de membros mas, principalmente, a incorporação de novos, pois, muitas vezes, o filho ou filha traz o cônjuge e seus próprios filhos para residir com seus pais – incorporação de agregados, parentes ou não, que serão tratados como parte da família e, ainda, reduções no número de componentes, em função de separação, entre outras razões. Como tendência, as jovens, têm seu primeiro filho cada vez mais cedo – aos dezessete anos em média – às vezes ainda solteiras, ou logo após sua união. Também o número de separações, entre os mais jovens, tem aumentado.

De qualquer forma as estratégias de sobrevivência visam, primordialmente, à manutenção da família, inclusive com a preservação dos valores. Isto supõe que tais estratégias dependem daquilo que a família considera essencial, pesando nesta definição, convicções religiosas e outras tradições, condições socioeconômicas em que se inserem, experiências que vivenciaram e hábitos.

Nos dois primeiros grupos – duas primeiras gerações pesquisadas – há uma crença de que um melhor nível educacional garantiria o acesso a uma melhor qualidade de vida, pois abriria as portas do mercado de trabalho. Esta valorização da educação formal só acontece mais plenamente na RMC, pois no interior, em função das dificuldades, o estudo era preterido. Os mais jovens já percebem algumas contradições entre nível de escolaridade e emprego, pois mesmo os que estudaram têm dificuldades em obter um bom emprego. Em geral, estes ainda valorizam a educação formal como caminho para um futuro melhor, embora alguns entre eles se mostrem desestimulados frente às incertezas e à heterogeneidade do mercado de trabalho.

O trabalho é ressaltado enquanto um valor essencial para uma vida digna, independente do tipo – “*desde que seja honesto*”. Costumam frisar que “*pobre não pode escolher*” e, por isso, condenam os que recusam ocupações mal remuneradas, preferindo continuar a receber o seguro desemprego, enquanto buscam melhores oportunidades. Reconhecem, entretanto, que muitas vezes, esta atitude é apenas mais uma estratégia para aumentar a renda familiar, pois enquanto recebem o seguro-desemprego, fazem “*bicos*” e só depois, voltam ao trabalho formal, quando isto é possível. Aceitam com relativa resignação os períodos de desemprego próprio, ou de familiares, pois a condição de desempregado já faz parte de seu cotidiano.

Para os homens, o trabalho na construção civil ainda é o socorro possível nos momentos de desemprego, pois os familiares e conhecidos incorporam temporariamente alguns dos seus, como serventes e auxiliares em geral. Quando perdem a condição de provedores – em função do desemprego, aposentadoria, invalidez ou alcoolismo, entre outros motivos – os homens parecem perder, parcial e lentamente, um pouco de sua dignidade.¹⁰¹ Assim, o homem idoso tende a isolar-se ou freqüentar os bares, passando a ser menos considerado pela comunidade e até mesmo por seus familiares, na mesma medida em que deixa de participar do cotidiano da família.

A mulher procura o tipo de trabalho em que possa conciliar seus horários, os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos. As funções de diarista ou doméstica tornam-se as opções mais viáveis, pois permitem uma certa flexibilidade, além de benefícios complementares ao salário – roupas, alimentos, móveis e outros objetos de segunda-mão. A mulher exerce sempre mais de duas atividades ao mesmo tempo, pois é ela quem busca coordenar os esforços da família para sua manutenção.

¹⁰¹ Dignidade é empregada aqui, no sentido de autoridade moral, honra, respeitabilidade, autoridade.

Entre os pobres, a mulher passa, cada vez mais, a representar o núcleo de sustentação do grupo familiar, o que implica rearranjos internos. Entre os migrantes, este papel da mulher fica ainda mais evidente. É ela quem estabelece os contatos com os demais familiares e investiga a possibilidade da migração. Cabe também a ela, já na RMC, a administração do orçamento doméstico, a educação dos filhos e a busca de novas fontes de recursos para o sustento da família, principalmente quando o homem perde o emprego, ou quando, por outras razões, deixa de cumprir o papel de provedor. Esta experiência da mulher em controlar os diversos fatores que influem no cotidiano familiar se, por um lado, revela uma sobrecarga de atividades e preocupações, por outro, parece garantir a ela, na velhice, o papel fundamental, embora nem sempre recompensado, de suporte a filhos e netos.

As avós enquanto cuidam dos netos, garantem a participação dos filhos no mercado de trabalho e o repasse dos valores às futuras gerações. Os idosos destas famílias transferiram para os filhos e depois para os netos, a realização de sonhos que eram seus. Conseguiram, com a participação dos filhos, conquistar para os netos um melhor nível educacional e uma pequena ampliação no acesso aos serviços de tratamento de saúde, se comparado ao que eles tinham no interior. Assim, tem-se uma sensível melhoria em favor dos mais jovens, resultado de um esforço importante das gerações anteriores, para garantir a educação a filhos e/ou netos, que apesar das dificuldades, têm freqüentado a escola. Percebemos a existência de uma certa lógica da reciprocidade, entre pessoas da família e da vizinhança. Isso significa que enquanto o indivíduo contribui para o bem-estar do grupo, ele é também apoiado e aceito e poderá contar com a colaboração e assistência dos demais. Assim, se o indivíduo afastar-se muito em relação às expectativas da comunidade, ele poderá ser desprezado. Entre os pesquisados, esta reciprocidade faz parte das estratégias de sobrevivência.

Quase todos os pesquisados ressaltaram que vêem com preocupação o aumento do desemprego, da violência e do consumo de drogas, entre os jovens. Preocupam-se também com o aumento no número de gravidez na adolescência. Atribuem os problemas que a juventude enfrenta, à falta de ocupação produtiva, dificuldades de acesso a cursos profissionalizantes e falta de opções de lazer.

Todo esforço da família e das redes de parentesco se dá no sentido de preservar o emprego ou ocupação dos adultos e manter os filhos e netos na escola, ao menos até completar a oitava série. Apesar da heterogeneidade das ocupações remuneradas destas pessoas, elas ainda valorizam mais o contrato formal de trabalho e as atividades exercidas fora de casa.

A sociabilidade – aparentemente restrita, se comparada ao modo de vida de outros grupos sociais – toma contornos específicos, valorizando atividades de lazer em contato com a natureza, os círculos sociais mais próximos, representados pelos familiares e pela vizinhança. São formas de sociabilidade mais livres, menos regulamentadas, em que não se requer grande poder aquisitivo. Uma fração muito pequena dos entrevistados mencionou formas de lazer que dependem do pagamento de entradas ou passagens, pois a maioria não tem condições de pagá-las.

Os bailes na casa dos vizinhos e os mutirões são formas de sociabilidade típicas do interior, e que são repostas no urbano, embora em menor frequência. Mais da metade das indicações divide-se entre os que dizem não ter qualquer lazer e aqueles cujo lazer restringe-se às visitas, compromissos sociais, religiosos e familiares. Portanto, no ambiente familiar, na vizinhança ou na igreja, o que implica quase não ultrapassar o espaço da vila. Percebe-se, assim, que o ambiente de trabalho quase não congrega os trabalhadores em suas horas de

lazer, neste segmento. As razões seriam a distância da residência em relação ao trabalho, a rotatividade entre empregos, a falta de tempo e de oportunidade.

Uma das formas de sociabilidade, identificadas como importante, é a religião. No decorrer das gerações analisadas há maior liberdade religiosa, mas também um relativo afastamento dos mais jovens em relação a essas práticas. Os valores religiosos são redimensionados. Apesar disto, observa-se que a religião tem grande influência no cotidiano dessas famílias, pois é por meio dela que se estabelecem formas de sociabilidade importantes para elas.

Estas famílias construíram um modo de vida em que procuraram preservar a essência dos valores que trouxeram e, simultaneamente, adaptar-se às novas situações e enfrentar novos desafios que se apresentaram a cada momento, reelaborando sua sociabilidade.

São sobreviventes, porque têm resistido a cada momento após a migração, após as enchentes e apesar do desemprego. Quando imaginaram que teriam finalmente encontrado um lugar seguro, estabelecendo-se no que era seu, a frequência das enchentes tratou de abalar esta segurança. A reação deu-se pela organização da resistência a uma outra mudança que poderia ocorrer com a realocação dos moradores. Essa mobilização fez revigorar a Associação de Moradores, que passou a atuar mais intensamente, com novos representantes e novas propostas.

É certo que houve uma inflexão dos valores e hábitos destes migrantes, difícil de ser por eles percebida em toda sua extensão. Estas novas visões de mundo resultaram não apenas da mudança representada pela migração rural-urbana, mas também da forma de inserção que tiveram na RMC. As transformações da sociedade mais ampla atingem hoje exatamente os valores que eles tanto procuram conquistar – trabalho e educação.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – QUADROS TEMÁTICOS.....	143
QUADRO 4 – Trabalho na lavoura; Organização familiar para o trabalho 1.....	143
QUADRO 5 – Trabalho na lavoura; Organização familiar para o trabalho 2.....	144
QUADRO 8 – Migração: estratégias de sobrevivência e redes de apoio – 1....	146
QUADRO 9 – Migração: estratégias de sobrevivência e redes de apoio – 2....	147
QUADRO 10 – Estratégias quanto ao trabalho e desemprego na RMC – 1 ...	149
QUADRO 11 – Estratégias quanto do trabalho e desemprego na RMC – 2....	152
QUADRO 12 – Estratégias quanto a educação, no interior	157
QUADRO 13 – Estratégias quanto a educação, na RMC	158
QUADRO 14 – Cuidado com filhos e/ou netos, na RMC – 1.....	160
QUADRO 15 – Cuidados com filhos e/ou netos, na RMC – 2	161
QUADRO 16 – Estratégias quanto a habitação no interior	163
QUADRO 17 – Estratégias quanto a habitação na RMC	164
QUADRO 18 – Solidariedade e conflito na família, no interior	167
QUADRO 19 – Solidariedade e conflito na família, na RMC	168
QUADRO 20 – Alimentação e agricultura de subsistência, no interior.....	170
QUADRO 21 – Alimentação, nutrição e orçamento doméstico, na RMC...	170
QUADRO 22 – As famílias da RMC, frente à violência.....	173
QUADRO 23 – Enchentes, condições de vida e falta de infra-estrutura.....	174
QUADRO 24 – Situação de instabilidade e insegurança dos moradores....	176
ANEXO II – DADOS GERAIS DA PESQUISA DE CAMPO (Planilhas de 1 a 4)..	177
ANEXO III – PLANILHA: TRABALHO/OCUPAÇÃO	181

ANEXO IV – SOCIABILIDADE.....	182
Planilha 1 – Formas de lazer.....	182
Planilha 2 – Formas de lazer segundo sexo e localização (A, B, C)	183
Planilha 3 – Locais de encontro	186
Planilha 4 – Socialização das crianças e adolescentes	187
Planilha 5 – Contato com parentes e outros	188
Planilha 6 – Participação, organização e mobilização comunitária – 1	189
Planilha 7 – Participação, organização e mobilização comunitária – 2	190

ANEXO I – QUADROS TEMÁTICOS

QUADRO 4 : TRABALHO NA LAVOURA; ORGANIZAÇÃO FAMILIAR PARA O TRABALHO 1

50 ANOS E MAIS	SISTEMA DE TRABALHO E/OU TIPO DE PROPRIEDADE	REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> Obtiveram um título de posse no Mato Grosso, mas tiveram que vendê-lo depois de sete anos, por problemas de saúde..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Eram arrendatários, trabalhando a terra quase exclusivamente com mão-de-obra familiar..... 	03
	<ul style="list-style-type: none"> Além do sítio do avô, trabalhavam por dia para outros agricultores..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Os tios trabalhavam para os outros patrões..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Venderam a parte no sítio, somente quando perceberam que não voltariam mais à agricultura..... 	01
	TRABALHO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	
	<ul style="list-style-type: none"> Ela e os irmãos trabalharam no sítio desde mais ou menos 9 anos até os 15, quando se mudaram para a cidade do interior; Então, viraram bóias-frias ou domésticas..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Tinham que trabalhar, por isso não podiam estudar; Trabalhavam desde aproximadamente os 6 anos (carpiam, arrancavam feijão, cortavam arroz, cuidavam da criação, ajudavam no trabalho do cafezal, etc.)..... 	Todos
	<ul style="list-style-type: none"> Os filhos ajudavam no trabalho agrícola e também dentro de casa..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Geralmente, quando a mãe, por algum motivo não dava conta de todo trabalho dentro de casa e no quintal, era ajudada pela filha mais velha ou até mesmo por ela substituída nestas tarefas..... 	01
	TRABALHO DO HOMEM	
	<ul style="list-style-type: none"> Deixou a agricultura para migrar para uma cidade do interior, por sugestão da cunhada, e o marido passou a ser pipoqueiro, entre outros pequenos serviços..... 	01
	TRABALHO DA MULHER	
	<ul style="list-style-type: none"> A mulher trabalhava no sítio, cuidava da criação e fazia o serviço dentro de casa..... 	03
	MANUTENÇÃO E SUSTENTO DA FAMÍLIA	
	<ul style="list-style-type: none"> O namorado foi incorporado à família, para o trabalho na lavoura; O pai da moça só permitiria o casamento, se ele aceitasse trabalhar de graça para ele por um ano, e não saísse com a filha, pois ela era a única que podia ajudar em casa..... 	01
	OUTROS	
	<ul style="list-style-type: none"> Depois de casados, permaneceram no sítio dos pais..... 	06

Cont....		REFERÊNCIAS
	TRABALHO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	
	<ul style="list-style-type: none"> • Segundo informações das diversas entrevistas, a maioria trabalhou na roça desde criança..... 	06
	<ul style="list-style-type: none"> • Assim como a irmã havia cuidado dos pequenos quando a mãe faleceu, ela passou a cuidar da casa quando a madrastra faleceu (aos 8 ou 9 anos). Uma vez por semana, uma das adolescentes ficava em casa para ajudar a lavar a roupa, o que era muito pesado para ela sozinha. Além dessas tarefas, ela tinha que levar a comida para os que trabalhavam na roça e já levava os cadernos, porque daí ia para a escola..... 	01
	TRABALHO DO HOMEM	
	<ul style="list-style-type: none"> • No interior, o marido era lavrador e depois operário da Prefeitura..... 	01
	TRABALHO DA MULHER	
	<ul style="list-style-type: none"> • A entrevistada era lavradora e cuidava de 5 pessoas..... 	01

Cont....	<ul style="list-style-type: none"> • Aos poucos vieram os irmãos, a mãe e outros parentes, para tratar da saúde e, depois, para trabalhar..... • Para a RMC, primeiro veio o pai, fez a casa; o marido gostou do lugar e resolveram mudar-se..... • Depois de uma migração frustrada para Rondônia, vieram para a RMC, onde já estavam o irmão e o filho... • Quando vieram à RMC pela primeira vez, conseguiram emprego por indicação de um conhecido deles que migrara anteriormente (ele carpinteiro e ela diarista)..... 	REFERÊNCIAS 01 01 01 01
----------	--	--

QUADRO 9 : MIGRAÇÃO – ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA E REDES DE APOIO – 2

30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Ela nasceu em Campo Largo, o marido em Campo Mourão, mas antes de residirem em Piraquara residiram em Campina da Lagoa. Uma das razões da migração para a RMC teria sido a necessidade de estudar..... • Nasceu em Campo Mourão, moraram em Campina da Lagoa e Cascavel e foram para Colorado do Oeste, em Rondônia. Vieram para a RMC, devido a problemas com malária em Rondônia..... • Nasceu em Cardoso Moreira/RJ, passou por Marialva, Telêmaco Borba e Curitiba, antes de vir para Piraquara. O marido nasceu em Pernambuco..... • Nasceu em Palmital dos Trinca/PR, morou em Mato Rico/PR antes de vir para Piraquara. O marido nasceu em Mato Rico e depois veio para Piraquara..... • Falando sobre seu pai e a família, ela conta que os filhos foram crescendo e indo para a cidade. Depois, seu pai vendeu o sítio, porque era doente (chagas) e sem os filhos, não conseguia cuidar mais da plantação. Mudou-se para Curitiba, pois vivia mais aqui do que lá, já que precisava tratar da saúde aqui (eram de São Carlos do Ivaí/PR). Quando retornou ao interior, com menos da metade dos filhos, tentou seguir trabalhando na agricultura, mas aos poucos os demais filhos também foram migrando e ele desistiu..... 	REFERÊNCIAS 01 01 01 01 01
	Continua...	

Cont....		
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Quando era moça, migrou por ao menos três lugarejos no interior, em busca de trabalho e morando ora com um, ora com outro irmão..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Migrou para a RMC primeiro com os pais, vindo do Paraguai, mas mais tarde percorreu muitas regiões do país para finalmente retornar para a RMC, passando a morar nos fundos da casa dos pais..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Quando chegou em Curitiba, ficou na casa de uma amiga, antes de encontrar uma casa para morar..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Vieram para a RMC em busca de trabalho..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Vieram para Curitiba em busca de trabalho, porque perderam tudo com a estiagem, na época do Plano Cruzado..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Três irmãos já moravam em Piraquara e ajudaram a arranjar o primeiro emprego..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Quando saíram do sítio, foi para que a mãe dela pudesse cuidar da avó, ainda em Bandeirantes; Somente em 78 casou-se e veio morar na RMC. Passou ainda por São Paulo (capital e interior) e Paraguai, antes de retornar à RMC..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • A mãe e os irmãos da entrevistada voltaram para o interior após a morte do pai e depois vieram aos poucos, ao casar ou para procurar emprego. Enquanto ficaram em Piraquara, estiveram na casa da irmã mais velha. A mãe foi a última a vir e o fez para não ficar sozinha no interior..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Quando veio para trabalhar de doméstica, foi por indicação da irmã e trazida pela própria patroa..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • A migração da família teve início com o marido dela e um dos irmãos dele, ainda solteiros. Depois os pais dele, e mais tarde, os outros 4 irmãos casados vieram aos poucos..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Ainda solteiro, depois de já ter trabalhado em vários empregos em Curitiba, resolveu pedir a conta e arriscar em São Paulo, onde tinha uma irmã. Na Rodoviária foi roubado e não pôde chegar até a casa da irmã; mais tarde, já tendo retornado a Curitiba e tendo se casado, largou tudo para ir para Rondônia, trabalhar com o sogro que tinha comprado terra naquela região; ele e os cunhados trabalharam muito, plantando arroz, feijão e outras coisas..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Quando vieram de Rondônia para Curitiba (1990), vieram sem nada, somente com algum dinheiro (dormiam no chão)..... 	01

QUADRO 10 : ESTRATÉGIAS QUANTO AO TRABALHO E DESEMPREGO, NA RMC – 1

50 ANOS E MAIS		REFERÊNCIAS
	TRABALHO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	
	• Um dos netos precisou trabalhar e, para isto, largou a escola. Hoje está sem estudar e desempregado.....	01
	• Logo que chegaram, um dos filhos, para ajudar no orçamento, começou a trabalhar de servente de pedreiro, e depois todos os demais arranjaram emprego.....	01
	• Para conseguir emprego de cobrador de ônibus, o filho mentiu sobre o endereço, pois morava muito longe; para trabalhar, tinha que andar longas distâncias.....	01
	• O pai incentivava e exigia que os filhos trabalhassem desde cedo e não ficassem desempregados, pois contava com a ajuda deles para a manutenção da família, além de considerar que o trabalho lhes faria bem.....	01
	• O neto acompanha o pai, ajudando-o no trabalho de construção (servente de pedreiro).....	01
	• Algumas mães contam com a possibilidade de melhoria financeira, caso os filhos consigam emprego, embora achem difícil.....	03
	• Logo que chegaram, os filhos de aproximadamente 7 anos arrumavam o almoço, iam para a escola, lavavam louça, faziam todo serviço de casa, enquanto a mãe trabalhava (eram obedientes e sabiam se virar).....	02
	• A nora, aos 13 anos, recém-chegada do interior com a mãe e as irmãs, depois da morte do pai, primeiro trabalhou de doméstica e depois numa empresa.....	01
	TRABALHOS E ATIVIDADES EXTRAS	
	• O esposo, além de já ser aposentado, conserta guarda-chuvas, para ajudar no orçamento doméstico.....	01
	• Os maridos de algumas entrevistadas, tinham muitas vezes, mais de um tipo de trabalho, ou faziam trabalhos particulares após o horário de expediente ou aos finais de semana, férias e feriados (ex: pedreiro/carpinteiro; carpinteiro/pintor etc.).....	03
	PERÍODOS DE DESEMPREGO	
	• Numa família de 11 pessoas, sendo quatro adultos, todos estavam desempregados. Uma das filhas procurou trabalhar de diarista ao menos por dois dias na semana; o filho casado passou a pagar o aluguel da casinha; as crianças passaram a ser assistidas pela Pastoral da criança, pois estavam desnutridas e doentes.....	01
	• Segundo as entrevistadas, na condição deles, não podem escolher serviço, devem aceitar o que aparece, independente do que vão fazer ou de quanto vão ganhar, caso contrário, passam fome.....	03
	Continua.....	

Cont.... 50 ANOS E MAIS	TRABALHO DAS MULHERES	REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> • Da mesma forma que no Interior, os domingos entre as mulheres pobres da RMC, são reservados para lavar roupa, pois somente assim é possível cuidar de todas as tarefas domésticas, mesmo depois de trabalhar a semana toda..... • Visando obter algum ganho sem ter que sair muito de casa, mãe e filha reuniram suas economias e abriram um pequeno bar, anexo à própria casa..... • Logo que chegou a Curitiba, a entrevistada começou a trabalhar de diarista, para evitar que passassem muita necessidade..... • Quando trazia a filha para tratamento em Curitiba, aproveitava os dias que não tinha médico para trabalhar de diarista, e assim poder se manter • Para poder melhor sustentar os filhos pequenos, trabalhou em três empregos (diarista, faxineira antes do horário e à noite quando não trabalhava numa lanchonete, limpava escritórios)..... • Quando o pai dela morreu, ficou sem ninguém para cuidar da filha deficiente, então deixou o emprego e passou a vender roupa, chinelo, perfume, de porta em porta..... • Trabalhava de caixa e faxineira numa farmácia, mas saiu para cuidar do filho e hoje é diarista, trabalhando apenas alguns dias da semana..... • Procurando suprir as necessidades da família depois da separação do primeiro marido, passou a lavar roupas para fora, trabalho que lhe permitia cuidar dos filhos pequenos... • Após a morte do segundo marido, ou mesmo durante o período que esteve casada, sustentou praticamente sozinha os filhos, trabalhando como cozinheira, diarista, doméstica, zeladora, acompanhante de idosos e lavadeira, pois o marido era sapateiro, ganhando pouco, além de ser alcoólatra..... • Para poder sustentar os filhos pequenos, após a viuvez, foi trabalhar de zeladora num edifício. Nos finais de semana trabalhava também na portaria. Antes e depois do expediente, lavava carro para os moradores, para poder ganhar mais. Saía às 5 horas e retornava às 21 horas, por 15 anos..... • Uma das filhas da entrevistada ajuda na firma do marido, costura para fora e para a família, e quando precisa mais dinheiro, trabalha para uma confecção (do ponto de vista formal e da família, considera-se que esta mulher não “trabalha”)..... • Tendo muitos filhos, não trabalha fora, mas costura para a família e para fora..... • Enquanto ela e as duas filhas procuram emprego, uma das filhas trabalha de diarista dois dias por semana e recorrem à ajuda do filho casado para o aluguel..... • Quando o marido conseguiu emprego de carpinteiro numa construtora, ela procurou acompanhá-lo, tornando-se cozinheira no canteiro de obras e os filhos vendedores de salgadinhos e outros alimentos (assim, mudavam-se sempre junto com o marido por diversos estados)..... 	<p>04</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>
	Continua....	

Cont....	OUTRAS	REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> • Procuram manter sempre na família a mini-mercearia que teve início a partir de um pequeno bar. Conforme a necessidade, vendem uma parte para a filha, o irmão, a mãe. Funciona anexa à casa da mãe..... • Quando necessário, recorrem à ajuda dos filhos casados para cobrir algumas despesas, mas procuram evitar isto..... 	<p>01</p> <p>03</p>

QUADRO 11 : ESTRATÉGIAS QUANTO AO TRABALHO E DESEMPREGO, NA RMC - 2

30 – 49 ANOS	<p>TRABALHO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contam com a ajuda dos filhos para o sustento da família..... 03 • Os meninos continuaram a trabalhar com o pai no sítio e na retirada de madeira, só que morando na cidade de Bandeirantes. As moças tornaram-se domésticas ou bóias-frias. Mais tarde os moços passaram a trabalhar em borracharias, postos de gasolina ou como bóias-frias (colheita do algodão, carpindo soja, corte da cana etc.)..... 01 • A entrevistada acha que quando os filhos tiverem condições de conseguir um bom trabalho, eles devem ajudar os pais, mas principalmente, manter seus estudos..... 01 <p>TRABALHOS E ATIVIDADES EXTRAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • A entrevistada e a filha procuram fazer panos de prato, trabalhos em cerâmica, entre outros trabalhos manuais, para complementar o orçamento..... 01 • Aos sábados, para completar o orçamento, faz limpeza de escritórios e casas..... 01 • Faz bastante bicos como pedreiro ou auxiliar de pedreiro..... 01 • O primeiro emprego na RMC foi de balconista, depois cobrador de ônibus. Mais tarde trabalhou como auxiliar de produção e ajudante em fábrica de eletrodomésticos, depois em fábrica de Plástico, à noite (ficava 5 ou seis meses em cada empresa). Mais tarde trabalhou em Minas Gerais como auxiliar na construção civil e em São Paulo, foi trabalhar numa fábrica de televisores e copos de vidro, das 22h às 6h da manhã (cuidava da máquina que fabricava tubos de imagem)..... 01 • A filha de 16 anos ajuda na mercearia e no serviço de casa, mas a mãe faz questão que ela estude e tenha tempo para fazer suas atividades escolares, pois quer muito que ela tenha uma profissão. Quando é possível, dão algum dinheiro para a filha por esta ajuda..... 01 • Trabalhou um tempo como repositor no Carrefour, período em que se casou; quando voltou de Rondônia trabalhou de servente de pedreiro e depois porteiro, na mesma firma e depois no prédio que construiu e depois, operador de guincho..... 01 <p style="text-align: right;">Continua.....</p>	
--------------	---	--

Cont....	PERÍODOS DE DESEMPREGO	REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> Nos períodos de desemprego, a mulher passa a trabalhar para ajudar no sustento da família..... Recorrem também ao FGTS e ao Seguro Desemprego..... Um filho solteiro e uma filha divorciada estavam desempregados no momento da entrevista..... Para não ficar desempregado, o filho foi trabalhar de servente de pedreiro (antes era entregador)..... No momento da entrevista, os três filhos, de 16 a 24 anos estavam desempregados..... O marido de uma entrevistada ficou entre 4 e 5 meses desempregado, tendo recebido o seguro desemprego.... Eventualmente o marido fica desempregado, mas uma vez ele ficou um ano desempregado. Foi entre um “Plano e outro” do Governo, um período em que a Construção Civil parou. Apesar disto, ele fazia bicos (pequenos serviços, reparos etc.); quando o marido ficou doente, deixou a firma de construção que havia montado, com dois sócios..... A entrevistada observa que há na vila, muito desemprego entre os homens e que quando conseguem emprego, é geralmente sem registro e eventual (trabalho por uma semana, um dia, quinze dias, um mês). Ela sugere que essa rotatividade ou instabilidade do homem no trabalho, pode estar relacionada ao fato deles contarem com a ajuda da mulher que trabalha e garante um mínimo de recursos para a família, mas também sugere que esta instabilidade e este desemprego estão mais frequentes depois dos planos do Governo, principalmente depois de 1990..... Os jovens procuram e não encontram emprego. Segundo a entrevistada, talvez a juventude de hoje não esteja treinada para isso..... Quando ficou sem dinheiro em São Paulo, dormia em um prédio em construção, o que o levou a Bom Jardim de Minas, pois aproveitou que a construtora estava fazendo recrutamento e aceitou trabalhar de servente de pedreiro e de ajudante na construção da ferrovia do aço, próximo a Belo Horizonte (trabalhava das 7h à meia-noite)..... Apesar de mudar constantemente de emprego, nunca ficou mais de 30 dias desempregado; quando perdeu dinheiro na lavoura em Rondônia, dedicou-se ao garimpo de diamantes em Juína, onde ganhou para comprar casa e móveis..... 	<p>01</p> <p>02</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>
	Continua....	

Cont....	<p>TRABALHO DAS MULHERES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando veio para a RMC trabalhou de doméstica..... 04 • Para ajudar no sustento da família, procura costurar para fora e para a família. Não trabalha fora de casa porque o marido não deixa, apesar de ela já ter trabalhado em ateliê..... 01 • Quando chegou em Curitiba trabalhou de auxiliar de produção em uma madeireira e por último, auxiliar de produção numa fábrica de cosméticos..... 01 • Uma jovem de 23 anos já trabalhou de auxiliar de produção em fábrica de palha de aço, no controle de qualidade em fábrica de plásticos e como auxiliar em creche, mas está desempregada..... 01 • Primeiro emprego na RMC, doméstica; quando estava em Marialva, foi zeladora em uma escola e hoje é ajudante de serviços gerais em um terminal de ônibus de Curitiba..... 01 • A entrevistada não trabalha fora, para poder cuidar da filha pequena, que não tem com quem deixar..... 01 • A mãe, enquanto ficou no interior sozinha, trabalhava de lavadeira de roupa para uma família..... 01 • Logo que casou, ficou um bom tempo sem trabalhar fora e como o marido ficou desempregado, foram para São Paulo, chamados por uma cunhada e ele conseguiu um bom emprego (auxiliar de escritório)..... 01 • Hoje a entrevistada tem uma pequena mercearia. Começou com um pequeno bar, mas devido a problemas de brigas e com a concorrência, mudou de ramo. Antes, trabalhou muito tempo como doméstica, depois como diarista, quando seu marido ficou doente. Mas com os filhos pequenos, precisava de algum trabalho em casa para poder atendê-los..... 01 • A esposa trabalha de doméstica para ajudar..... 01 • A esposa ficou cuidando da plantação em Rondônia, enquanto ele foi tentar “enricar no garimpo”. O que plantassem era deles, mas a terra era do sogro. Eles pagavam o transporte para um vizinho que levava para comercializar em Alta Floresta..... 01 • A mulher passou a trabalhar e com isto ajudou bastante para comprar o pouco que tem (doméstica); na verdade, a mulher trabalha desde 15 anos, mas enquanto as crianças eram pequenas, ela havia parado por algum tempo, embora ajudasse no sítio; levava as crianças junto..... 01 	
	Continua....	

Cont....	TRABALHO DO MARIDO	REFERÊNCIAS
	<p>– Os maridos das entrevistadas são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Segurança de um pequeno Shopping..... • Comerciante/bar..... • Faz frete..... • Servente e carpinteiro..... • O marido de uma das entrevistadas já foi porteiro de prédio, chefe de manutenção de piscinas..... • Um dos entrevistados trabalha como mestre de obras, por conta própria, depois de ter sido servente de pedreiro e pedreiro..... • O marido que ela conheceu em Pinhais, trabalhava como auxiliar de armazém na Sadia e hoje é conferente numa firma de transportes..... • O marido e o irmão vieram para Curitiba e depois Piraquara, para trabalhar na construção civil. Hoje o marido é pedreiro e trabalha numa firma, mas pega também serviço por conta própria. Por algum tempo foi cobrador de ônibus em Apucarana e Arapongas, mas iniciou como lavrador..... 	<p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>
	Continua....	

Cont....	VALORIZAÇÃO DO TRABALHO	REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> • Quanto à perspectiva dos filhos em relação ao futuro, um deles diz que pretende ser médico, mas a entrevistada diz que dificilmente poderia ajudá-lo nesta realização. O filho diz que gostaria de trabalhar para que sua mãe não precisasse trabalhar tanto..... • Acha que o trabalho é o fundamento de tudo, que sem trabalhar “a gente não é nada”. “Se eu não trabalhar, que futuro eu dou para o meu filho?” É a única forma de melhorar de vida, pois nada cai do céu. Cita um versículo bíblico “faça a sua parte que eu te ajudarei”..... • Luta para que os filhos tenham um trabalho melhor que o dela, mas os trabalhos que teve, nunca a envergonharam. Todo trabalho, “desde que ele seja honesto, é digno”..... • Acha que se deveria criar trabalho ou ao menos algumas “ocupações” como cursos, ou outras atividades aos jovens, pois vê grupos de 12, 11 anos, nas esquinas, fumando, enquanto os pais trabalham lutando para mantê-los estudando..... • Uma das entrevistadas que tem bastante contato com as pessoas da Vila, informa que a maioria dos homens trabalha na construção civil, outros são metalúrgicos, vigilantes, motoristas. Os jovens, uma boa parte trabalha em supermercados, como caixa, empacotador ou na pesagem dos produtos e as mulheres, principalmente diaristas e domésticas..... • Na Vila, além dos pequenos comércios, oficinas de reparos e pequenos consertos, existe uma fábrica de postes, uma de tanques e uma de balcões frigoríficos, todas de pequeno porte. Em Pinhais, destacam-se as fábricas de plástico, responsáveis por uma parte dos empregos ofertados ao pessoal destas vilas..... • Apesar de não ficar mais de seis meses em cada emprego diz que adora trabalhar e gostou de todos os empregos que teve. Não ficava por muito tempo num mesmo trabalho porque era solteiro e achava importante aventurar-se em busca de emprego melhor..... 	<p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>

QUADRO 12 : ESTRATÉGIAS QUANTO À EDUCAÇÃO, NO INTERIOR

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> Deixaram os estudos para poder trabalhar desde crianças, principalmente devido à distância da escola, constantes mudanças e trajeto arriscado..... 	REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> Migraram do interior para Curitiba para que a filha pudesse estudar..... 	Todos
	<ul style="list-style-type: none"> Devido à grande distância e à falta de luz, precisaram tirar a filha da escola, em Rondônia e resolveram migrar..... 	01
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> Veio à RMC devido à necessidade de estudar 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Os irmãos foram saindo para conseguir emprego na cidade e poder estudar, porque no Interior era muito difícil freqüentar a escola. Tinham de andar 5 a 6 quilômetros..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Parou de estudar para poder trabalhar..... 	01

QUADRO 13 : ESTRATÉGIAS QUANTO À EDUCAÇÃO, NA RMC

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Para que os filhos mais novos possam estudar, outro filho, também solteiro, compra o material escolar, uniforme etc..... • Quando foi morar em Piraquara, para que os filhos pudessem estudar, atravessava-os com uma pequena canoa pelo rio, e ao final da tarde pegava-os no mesmo lugar..... • Vieram para a RMC, principalmente para que a filha pudesse estudar..... • A filha procurou sempre estudar e fazer diversos cursos profissionalizantes no SENAC, mesmo tendo começado a trabalhar muito cedo..... • Apesar das dificuldades, valorizam os estudos como estratégia para viver melhor..... • Parte dos entrevistados tentou retornar aos estudos em algum período, mas tiveram que parar. Agora, alguns retomaram os estudos, pois foi implantado um programa de primeiro grau para adultos..... 	REFERÊNCIAS 01 01 02 01 09 02
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Um dos filhos recebe uma bolsa parcial para estudar informática..... • Uma entrevistada menciona como um problema de hoje, a falta de escolas..... • Somente agora está fazendo a primeira série, num curso oferecido à noite na Igreja (37 anos)..... • Estudaram pouco porque a escola era muito longe e tinham dificuldades para frequentá-la..... • A mãe, doméstica, pretende na medida do possível, manter o filho num curso de datilografia e mais tarde dar também condições para que a filha não seja doméstica, embora ela afirme que este tipo de trabalho, como qualquer outro, merece respeito..... • O pai não participa na resolução dos problemas relacionados à educação dos filhos. A mãe se encarrega de tudo (escola, médico, material escolar, reuniões etc)..... • A entrevistada conta que ela continuou seus estudos na cidade, terminando a 8ª série, mas que seus irmãos e irmãs que vieram adolescentes e já haviam abandonado os estudos no interior porque tinham que trabalhar na roça, não tiveram vontade de continuar seus estudos aqui..... • Todos os três filhos estão estudando em escola pública e estão indo bem, menos o pequeno, que tem algumas dificuldades. A mais velha pretende ser advogada, mas está apenas terminando a 8ª série..... <p style="text-align: right;">Continua.....</p>	01 01 01 01 01 06 01 01

Cont....	<ul style="list-style-type: none"> • A mãe paga para a filha de 16 anos, um curso de Treinamento em Informática, pois reconhece a necessidade deste conhecimento para qualquer emprego. A filha pretende ainda fazer um curso de secretariado e de inglês. Se a mãe conseguir, pretende apoiá-la nestes objetivos..... • Enquanto houver escola pública, ela pretende manter seus filhos estudando, para que possam melhorar cada vez mais, pois se hoje ela está melhor que ontem, ela espera que amanhã esteja melhor que hoje. Se for preciso pagar, mais tarde, pra que eles alcancem mais estudo, ela aceita até trabalhar longe de casa para poder garantir um futuro melhor a eles..... • Por apenas alguns meses, na gestão do prefeito que está saindo, houve a implantação pela Prefeitura de Piraquara, em convênio com a Igreja, de cursos de dança (balet, folclore etc), mas não continuaram..... • Mostra-se arrependido de não ter retornado aos estudos, porque considera que a educação formal vale muito hoje.. • Os filhos estudaram um pouco no Interior e hoje estão estudando. Faz questão que eles estudem, pra ser alguém, pra não sofrer como ele..... 	<p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>
----------	---	---

QUADRO 14 : CUIDADOS COM FILHOS E/OU NETOS, NA RMC – 1

50 ANOS E MAIS	CRECHE	REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> Desde quando veio para Piraquara, precisou colocar os filhos na creche, pois saía para trabalhar as 5 horas e voltava as 21 horas. Ficou viúva logo no primeiro ano em que chegou. As crianças iam e voltavam sozinhas da creche..... 	01
	APOIO DA FAMÍLIA/VIZINHOS/PATRÕES	
	<ul style="list-style-type: none"> A entrevistada cuida dos netos, fazendo também a comida para todos, para que filhas e noras possam trabalhar..... 	10
	<ul style="list-style-type: none"> Quando vieram para a RMC, a filha casada cuidava dos irmãos para que a entrevistada pudesse trabalhar. Depois eles passaram a ficar em casa sozinhos, organizados como num Quartel, cada qual com sua tarefa bem definida..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Visando resolver dois problemas ao mesmo tempo, o cuidado com seus sogros e o cuidado com sua filha deficiente, já que seu pai cuidava dela e havia falecido, trouxe-os para tomarem conta dela, pois a entrevistada precisava trabalhar..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Para poder trabalhar, precisa deixar o filho pequeno com a filha de 12 anos. Mas, como esta estuda, precisa contar também com a ajuda da sogra e da mãe, que se revezam, pois são doentes e não podem assumir sozinhas muitas tarefas. Por isso, prefere o serviço de diarista, pois assim, quando precisa, pode diminuir os dias de trabalho para atendê-los..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> A filha de oito anos era vigiada, enquanto a entrev. Trabalhava, pela dona da casa em que moravam, que era sua vizinha. A menina “se virava”, fazendo tudo sozinha..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> A entrevistada, tanto quanto as filhas, cuidam dos netos (chamam atenção, batem etc), sem muito critério. Na verdade, enquanto estão todos desempregados, ou mesmo quando estão trabalhando, as crianças ficam soltas no quintal ou na rua. É a avó quem procura tratar da desnutrição dos netos através da Pastoral da Criança..... 	01
	OUTROS	
	<ul style="list-style-type: none"> Para poder trabalhar, quando os filhos eram bem pequenos, trabalhava em casa, lavando roupa para fora. Quando os mais velhos começaram a ir para a escola, deixava-os sozinhos em casa, mas não os trancava, pois eles obedeciam..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Quando vieram para a RMC, as crianças estavam na 1ª série e já se viravam, obedeciam, portanto ficavam em casa..... 	01

QUADRO 15 : CUIDADOS COM FILHOS E/OU NETOS NA RMC – 2

30 – 49 ANO	CRECHE	REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> Os filhos em idade pré-escolar ficam na creche em período integral, quando a mãe trabalha fora..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Conseguiu creche quando os filhos já tinham 5 e 6 anos e teve dificuldades pois teve que colocar um em cada creche..... 	01
	APOIO DA FAMÍLIA/VIZINHOS/PATRÕES	
	<ul style="list-style-type: none"> Os filhos ficam com a mãe quando esta trabalha em casa ou com a sogra, quando não têm idade para creche..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Ajuda a filha divorciada a cuidar do filho (neto)..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Qdo. os filhos eram pequenos, a avó cuidava, para que ela pudesse trabalhar..... 	02
	<ul style="list-style-type: none"> Quando os filhos eram bem pequenos (1 e 2 anos), tudo era muito difícil, pois tinha que pagar para algumas vizinhas tomarem conta deles (eram donas de casa de mais idade), enquanto ela trabalhava de diarista. Fazia isto com muita dificuldade, por isso, quando foi possível, montou um pequeno barzinho dentro da própria casa, no início tocado pelo próprio marido, que não dando conta, transformou-o em mercearia e transferiu para a mulher..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> A entrevistada diz que uma parte das mulheres que trabalham fora, deixam seus filhos na creche. Outras, procuram trabalhar fora somente quando ela já tem um filho um pouco maior que possa tomar conta dos demais, ou pagam para os vizinhos darem uma “olhadinha”..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> Nunca ficaram na creche. Ficavam com a tia ou a avó. Hoje, quando não estão na aula, ficam em casa sozinhos, vigiados pela avó que mora na casa da frente. Vão sozinhos para a escola, o mais velho de bicicleta, porque a escola é mais longe..... 	01
	OUTROS	
	<ul style="list-style-type: none"> A entrevistada não trabalha por não ter com quem deixar a filha, que está desnutrida..... 	Várias
	<ul style="list-style-type: none"> Quando as crianças eram bem pequenas a entrevistada não conseguia creche, por isso deixava-as sozinhas em casa e pedia para uma vizinha dar uma olhadinha. No início trancava-as em casa, mas alertada por uma vizinha de que isto poderia ser perigoso, procurou não trancá-las mais..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> A filha menor, ela levava ao serviço desde que nasceu, até poder colocar numa creche..... 	01
	Continua.....	

Cont...		REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> • Várias entrevistadas informaram que deixavam os filhos pequenos em casa sozinhos, sob a vigilância eventual de vizinhos e que os filhos sempre obedeciam..... • Quando os filhos não obedeciam, procuravam dar um castigo, como também fazia sua mãe, mas poucas vezes precisou bater nos filhos..... • A entrevistada diz que sua mãe cuidou e ainda cuida de alguns netos, mas que ela prefere deixar sua mãe sossegada, apesar de às vezes também recorrer a ela para atender seus filhos..... • A entrevistada diz que procura educar a filha de forma mais ou menos rígida, só deixa sair acompanhada de uma pessoa mais velha que seja de confiança e que não esconde nada dela, procura sempre dar as informações que ela precisa para viver bem e saber se defender..... • Sobre o costume de deixar um filho tomando conta de outro, a entrevistada menciona acidentes domésticos que acabam de forma trágica, como o caso de uma sobrinha que morreu com um tiro na cabeça, após tentar pegar um pacote de balas no guarda-roupa, onde também estava guardada uma arma carregada, que, ao cair, detonou atingindo-a 	<p>Várias</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>

QUADRO 16 : ESTRATÉGIAS QUANTO À HABITAÇÃO – NO INTERIOR

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Ao migrar de SP para o PR, ficaram em quatro famílias numa mesma casa, o que era comum nas fazendas de café. Chegaram a passar fome. Algumas vezes, até 5 famílias ficavam por um período mais ou menos longo numa mesma casa, enquanto eram construídas outras casas para os trabalhadores..... • O patrão prometera casa, mas nem estrada havia quando chegaram às terras que deveriam trabalhar. Então, ficaram num ranchinho “beira-chão”, feito de folhas e bambu..... • Ao mudar para cidade do interior, ficaram em casa cedida pela mãe..... • Para construir sua casa no sítio do sogro, além de trabalhar no sítio deste, trabalhou um período para outros que lhe pagavam melhor, para que tivesse um extra..... • Procuravam sempre morar perto dos pais, para poder ajudar-se mutuamente, e trabalhar em conjunto..... • Vieram para o Paraná com a roupa do corpo e ficaram na casa de um tio..... • Entre os que viviam em propriedade familiar, ao casar, cada filho passava a cuidar do seu pedaço de terra e fazia sua própria casa, mas ainda dentro da propriedade dos pais..... 	REFERÊNCIAS
		03
		01
		01
		01
		01
		01
		06
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Durante o período em que o pai havia desaparecido, ele trabalhou na campanha política do Prefeito de Goio-Erê, e tendo recebido deste uma casa, voltou e levou para lá ela e os dois irmãos menores. Três haviam casado e três preferiram trabalhar em casa de família, morando no local de trabalho. Ela considera este o melhor período de sua vida e uma das melhores cidades pelas quais passou.. 	01

QUADRO 17 : ESTRATÉGIAS QUANTO À HABITAÇÃO – NA RMC

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Adquiriu casa na RMC, graças à venda da casa da mãe no Interior (herança). Não confia no Sist.Finac.Hab., porque demora muito para conseguir a casa e para pagar..... • Quando os filhos vieram para a RMC, uma parte alugou uma casa, outra ficou no mesmo terreno que a sogra, outra hospedada na casa da irmã mais velha..... • Hoje, alguns filhos e filhas casadas moram no mesmo terreno que a entrevistada, que cedeu parte dele para que eles, aos poucos, construíssem suas casinhas..... • Compraram casa própria com dinheiro da posse que venderam no MT..... • Quando veio, comprou um pequeno barraco sem divisórias, depois ampliou um pouquinho, mas continua dividido apenas com cortinas. Um filho casado e os filhos solteiros moram com ela na mesma casa. Nos fundos, outro filho casado construiu seu barraco..... • Procuraram morar sempre perto dos pais e ajudavam-se mutuamente nos momentos de necessidade (trabalho e saúde)..... • O marido, com a ajuda do pai dela, construiu as casas: 1º para a filha mais velha, para eles e depois para os outros filhos que iam chegando..... • Aproveitando-se da condição de vendedor de madeira, conseguiu do patrão, a madeira para construir sua casa..... • Ao chegar em Curitiba, sogro e genro procuraram comprar apenas um terreno, pois, se não se dessem bem, poderiam voltar ao interior mais facilmente. Esta sociedade, logo após a migração, era comum também entre pais e filhos, entre irmãos ou cunhados..... • Compraram o terreno em 72 meses, o que era mais ou menos comum naquele tempo em que chegaram..... • Numa mesma casa, moram o casal, duas filhas solteiras e dois netos, filhos das filhas solteiras; nos fundos, o filho, a nora e cinco netos..... • Para não perder a habitação adquirida com tanto sacrifício, boa parte dos moradores mobilizou-se e negou-se a entrar em acordo com a COMEC sobre a mudança para outra área..... • Cedeu partes de seu terreno para que os filhos fossem construindo suas casas aos poucos, mas ela está num pequeno casebre e até hoje luta para conseguir uma casinha melhor..... • Parte de seu terreno foi cedido a quatro filhos casados, e a casa inacabada, dividida com uma filha separada e uma neta..... 	REFERÊNCIAS
		01
		01
		08
		01
		01
		06
		01
		01
		04
		01
		01
		Vários
		02
		01
cont. 50 ANOS E MAIS NA RMC	<p style="text-align: right;">Continua....</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando vieram, moraram com a sogra por oito meses, até construir a própria casa..... • O terreno da sogra foi comprado pelo marido e pelo irmão dele. Moraram primeiro lá e depois compraram o próprio terreno, que hoje ela divide com os quatro filhos casados e 	REFERÊNCIAS
		01

	<p>sociedade com o irmão recém-casado um terreno em prestações a perder de vista, mas desde que quitou, não pôde construir, além de não haver infra-estrutura alguma na região. Questionada sobre a possibilidade de comprar uma casa pelo SFH, alegou que a prestação sempre é muito grande, mas principalmente, que o prazo é muito longo, e que ela não teria condições de saber se poderia continuar pagando por tanto tempo, por isso desistiu de uma inscrição na COHAB, mas também porque passaria a morar longe do emprego atual e dos parentes, embora fosse perto do trabalho do marido.....</p>	01
	<ul style="list-style-type: none"> • A mãe e a irmã foram chamadas por um programa habitacional, no interior, mas desistiram porque o prazo de pagamento era muito grande e porque quando elas foram chamadas, a mãe já residia na RMC e a irmã preferiu ficar morando numa casinha que havia construído nos fundos da casa dos sogros, no Interior, já que seu marido era filho único..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Embora o irmão casado já morasse em Curitiba, no início não se encontraram. Um dia encontraram-se no Passeio Público e quando o irmão comprou um terreno em Piraquara, seu atual marido também comprou outro terreno próximo..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Por indicação de um amigo que morava no Portão, veio para Pinhais, onde soube que havia um bom lugar, mas desde aquela época ele já alertou sobre possibilidade de desapropriação..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Quando esteve em Rondônia e outros lugares do norte do país _ especialmente quando dedicou-se ao garimpo, conseguiu algum dinheiro e pode comprar uma pequena casa..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Comprou um terreno em 30 prestações, e na época da entrevista só faltavam 9 para quitar, para mais tarde sair da região de enchentes..... 	01

QUADRO 18 : SOLIDARIEDADE E CONFLITO NA FAMÍLIA, NO INTERIOR

50 ANOS E MAIS		REFERÊNCIAS
	<ul style="list-style-type: none"> • A filha solteira, grávida, é expulsa pelo pai e migra para a casa da irmã mais velha, já na RMC..... • Sentindo-se injustiçados, entraram em conflito com o dono das terras, recorreram à justiça, tiveram problemas com dívidas bancárias, o que os fez migrar para a RMC, onde as dificuldades persistiram, já que precisaram reconstruir tudo..... 	01 01
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • A entrevistada, suas irmãs e irmãos menores foram criados pela irmã que tinha sete anos quando a mãe morreu e pelo pai. Como este tinha que ir longe para trabalhar, após vender o sítio, ela contava com a ajuda eventual dos vizinhos. Os irmão mais velhos não quiseram acompanhar o pai neste retorno para o trabalho no campo. Mais tarde, esta irmã que ela considera como uma mãe, enlouqueceu e todos ficaram muito abalados com isto..... • A madrastra era uma ex-prostituta que a partir do momento que em que seu pai levou-a para casa sempre os tratou bem e foi muito respeitadora e cuidadosa. Às vezes, seu pai brigava com ela devido ao ciúme que tinha dela..... • Ela elogia o pai por ter conseguido manter todos os filhos unidos, não tendo dado nenhum deles para adoção, mesmo com todas as dificuldades que teve..... • Houve um período de 1 ano e meio, mais ou menos que o pai saiu de casa, juntando-se a um acampamento cigano, devido a desentendimentos com uma das filhas que queria ir para a cidade. Ele disse: “antes que você saia, saio eu” e foi. Como já havia um irmão casado morando com eles, a cunhada cuidou de todos neste período..... • Faz 13 anos que não vê um dos irmãos que foi pra São Paulo..... • Passou por várias localidades, geralmente onde tinha alguém da família que o hospedou ou ajudou de alguma forma (tratamento, trabalho, abrigo, apoio para ter os filhos)..... 	01 01 01 01

QUADRO 19 : SOLIDARIEDADE E CONFLITO NA FAMÍLIA, NA RMC

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Pais filhos e irmãos geralmente procuravam estar sempre perto uns dos outros, para que pudessem se socorrer mutuamente..... • Quando chegou à RMC, colocou suas coisas no forro da casa da irmã, mas preferiu pagar aluguel, em lugar de morar junto, na casa dela, para evitar conflitos, principalmente quanto à educação dos filhos (achou que haveria interferências)..... • Separou-se do 1º marido porque ele era irresponsável e não sustentava a família (gari da Prefeitura)..... 	REFERÊNCIAS 03 01 01
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Moram próximos dos pais, irmãos e tios, que além de ajudar eventualmente no cotidiano, já ajudaram financeiramente em momentos difíceis..... • Procura ajudar os filhos, principalmente quando estes estão desempregados..... • Cederam uma casinha no mesmo terreno para o cunhado com a família, que não tinham para onde ir..... • O marido não deixa a entrevistada trabalhar porque esta precisa cuidar da filha mais nova. Ele, pra não ficar desempregado, trabalha numa firma de pré-fabricados. Conta com a ajuda do trabalho de um dos filhos que trabalha de servente de pedreiro e de outro que participa do projeto “Meninos do Vime”, da Prefeitura de Pinhais. Mesmo que a entrevistada trabalhasse fora, acha que não conseguiria ter um ganho que compensasse deixar a filha numa creche, ou contratar alguém para cuidar dela..... • Em vários períodos diferentes, a irmã mais velha acolheu a entrevistada com a família, ou os demais familiares, geralmente quando estes vinham para se tratar ou para procurar emprego..... • Algumas vezes, quando o marido ficava desempregado, iam para o Mato Grosso, ajudar o sogro na posse que ele tinha..... • A entrevistada acha que sua mãe não tem mais paciência para cuidar de crianças e que ela já fez seu dever educando os filhos. Por isso, evita deixar seus filhos com ela. Só o faz quando realmente precisa. Apesar disto, sua mãe cuida de outros netos, embora com dificuldades..... • Teve problemas no início do casamento, sofreu muito, teve que trabalhar demais e teve muitas dificuldades quando os filhos eram pequenos, mas segundo ela, hoje está tudo bem, conseguem sustentar-se melhor e se entendem muito bem (17 anos casados)..... <p style="text-align: right;">Continua.....</p>	01 01 01 01 01 01 01

Cont...	<ul style="list-style-type: none"> • Os sogros sempre receberam ajuda dos familiares, principalmente da entrevistada e seu marido, embora morassem no terreno ao lado. Todos os irmãos e irmãs do marido moram próximos. São uma família muito unida, que não suportando ver que um dos irmãos estava sofrendo, iam para o interior e logo buscavam. Queriam manter a família novamente reunida..... • O pai sempre ajudou, pois aceitou que morasse no que foi por ele cedido..... • O sogro o empregou em seu sítio e mais tarde passou para ele parte do sítio, para que se encarregasse do sustento de sua própria família; também trabalhou com o pai no Paraguai, embora aí seu pai estivesse trabalhando como empregado, ajudado pelos filhos ... • Quando chegaram, ficaram primeiro na casa da irmã e depois mudou-se para a casinha anexa à do pai; ganharam uma cama e um fogão velho e depois começou a “lutar”..... • Durante enchentes, receberam leite, açúcar, arroz, cobertor (cesta básica da Prefeitura); Ainda, medicamentos, roupa, colchão..... 	<p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>
---------	--	---

QUADRO 20 : ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, NO INTERIOR

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Tinham criação para o próprio sustento (galinha, porco, vaca de leite e outros)..... 	REFERÊNCIAS 02
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Tinham agricultura de subsistência (arroz, feijão, milho e eventualmente, um pouco de café)..... 	11
	<ul style="list-style-type: none"> • Plantavam arroz, milho e feijão para a subsistência..... 	03
	<ul style="list-style-type: none"> • Plantavam algodão e lavoura de subsistência..... 	01
	<ul style="list-style-type: none"> • Além do café, tinham lavoura de subsistência (arroz, feijão, milho etc.)..... 	01

QUADRO 21 : ALIMENTAÇÃO, NUTRIÇÃO E ORÇAMENTO DOMÉSTICO NA RMC

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Com dificuldades financeiras, contam com o filho solteiro, que se tornou arrimo de família..... • Uma das entrevistadas confessa que ela mesma deve fazer a comida, porque se a filha menor fizesse, haveria muito desperdício, e eles passariam fome..... • As roupas geralmente ela ganha e a remodela para que sirvam para os da casa, pois nunca têm condições de comprar..... • Quando precisou internar o menino com desidratação, não tendo roupas para vesti-lo, teve que retirá-lo enrolado em jornais..... • Quando ficou sem sua aposentadoria (suspensa pelo Governo), endividou-se nos armazéns e recebeu ajuda das senhoras da Igreja Católica, que lhe trouxeram alimentos e ajudaram a saldar suas dívidas..... • Quanto ao orçamento, o dinheiro da entrevistada ia para a alimentação, e o do marido para roupa, sapato, material escolar e compras à prestação..... • Uma entrevistada falou claramente, o que outros admitiram de forma acanhada. Compra-se fiado nos botecos e paga-se quando puder. Em geral, os botecos não aceitam que pessoas que moram de aluguel façam compras para pagar posteriormente, salvo exceções..... • Hoje, há dificuldade em ajustar a vida ao salário, portanto, dependem da ajuda dos filhos para o sustento..... • Os móveis que têm geralmente compram usados ou recebem doações. Raramente compram em muitas prestações..... • Quanto aos alimentos que consomem, a maioria afirmou que não consomem frutas e verduras. A exceção refere-se àqueles que têm em seu quintal algumas árvores frutíferas que produzem muito pouco devido as péssimas condições do terreno (laranja, limão, melancia, maçã)..... • Algumas moradoras plantam verduras, mas não conseguem sucesso na colheita. Quando conseguem que uma ou outra planta se desenvolva, fazem trocas entre as vizinhas..... 	REFERÊNCIAS 01 01 02 01 01 01 03 02 07 10 03
	Continua....	

Cont...	<ul style="list-style-type: none"> Nos mercados ou mercearias, compram só o essencial. A carne também é eventual, em geral só nos finais de semana. Quando não podem comprá-la nem nos finais de semana, fazem uma feijoada..... Entre as famílias que pagam aluguel e que tem mais dificuldade em permanecer empregados, a desnutrição das crianças era visível. Nestes casos, somente recorrendo à ajuda da Pastoral da Criança, estas puderam dar início a um processo de recuperação de sua saúde..... Quando as crianças eram pequenas, amamentava-as com leite materno, depois com leite de vaca engrossado com maizena ou até mesmo com comida dos adultos..... Quando é realmente necessário comprar alguma coisa para a casa, roupa, sapato etc, compram a prazo. Muitas vezes, emprestam o nome de um irmão ou cunhado para fazer o crediário, e isto gera algumas situações de conflito, principalmente quando não conseguem pagar a conta..... 	<p>10</p> <p>03</p> <p>01</p> <p>04</p>
30 – 49 ANOS RMC	<ul style="list-style-type: none"> Costumam comprar alimentos no mercado, mas criam galinhas e plantam verduras e frutas no quintal, para o próprio consumo..... Nos períodos de enchentes, receberam cestas básicas..... Têm no quintal algumas frutas (ameixa, araçá, caqui, limão)..... Compram os alimentos nos mercados pequenos..... Compram nos pequenos supermercados, à vista ou com vale alimentação..... Criam galinhas, plantam inhame, alface e temperos, limão e laranja..... Plantam verduras, laranja, limão e maçã..... As despesas da casa são pagas tanto pelo homem quanto pela mulher, mas é ela quem administra o uso do dinheiro..... Adota em seu estabelecimento o sistema de caderneta, porque confia nas pessoas e acha que eles precisam, apesar de ter muito prejuízo com isto. “O pobre sempre cumpre seus compromissos”. Procura vender mais neste sistema, para quem tem residência fixa, pois os que vivem de aluguel, ora estão aqui, ora em outra parte. Da parte dos fornecedores, ela procura ter mercadoria em consignação, o que lhe permite “ir levando”. “melhor devagar do que parar”. Tem medo de financiamentos e dívidas a pagar em longo prazo, por isso não compra neste sistema, nem faz grandes estoques..... No interior, chegou a passar fome e tiveram que comer feijão carunchado, pois a geada acabou com tudo..... <p>Continua....</p>	<p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>02</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>

Cont....	<ul style="list-style-type: none"> • Com o salário de R\$ 350,00, mais a ajuda da mulher que trabalha de doméstica, dá pra sobreviver..... • O dinheiro do entrevistado, ele que gasta e controla para as despesas do mês: comida (comprada no mercado, logo após receber o salário), água e luz; o da mulher, ela faz prestação para comprar roupa ou calçados, gasta em material escolar e ajuda nas despesas semanais da casa: “mistura”, leite, repolho etc..... 	01
		01

QUADRO 22 : AS FAMÍLIAS DA RMC, FRENTE À VIOLÊNCIA

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Visando afastar a entrevistada e a filha dos conflitos e da bagunça que acontecia no bar que elas tinham, na Vila Oficinas, o marido resolveu que se mudariam para Piraquara, onde era mais sossegado. Refizeram o bar em Piraquara..... • Os moradores afirmam que não há violência. Alguns reconhecem; no entanto, que não saem à noite para evitar problemas com aqueles que à noite recorrem ao roubo como estratégia de sobrevivência..... • Para evitar a violência de um criminoso que cercava os moradores, especialmente as crianças, próximo à ponte, atravessava os filhos pelo rio, utilizando uma pequena canoa, para que pudessem ir à escola..... • Para fugir dos mal tratos do marido, algumas mulheres recorrem às patroas ou a alguém da família que lhe dá refúgio..... 	REFERÊNCIAS
		01
		vários
		01
		02
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Uma entrevistada considera que a favela onde morou e todas as favelas são um “inferno”, devido à marginalidade que lá se esconde, ao roubo que é constante, às ações da polícia e a falta de privacidade..... • Uma moradora considera que hoje há mais violência, principalmente considerando-se os assaltos..... • A entrevistada diz que tiveram apenas dois casos de assassinato na Vila, e que um foi questão familiar e outro aparentemente era alguém de fora da região..... • Em São Paulo, quando foi para procurar emprego e visitar a irmã, foi assaltado..... • No garimpo, havia muitas mortes pois matava-se e morria-se sem saber por quê. A maior parte conflitos ocorre devido às bebedeiras e provocações. “cansava de ver nego atirando no outro, matando, passava por cima...”..... • Durante as enchentes, atribui os roubos aos de fora da vila. Presenciou uma cena em que o ladrão solicitou ajuda ao próprio dono da TV, para descarregá-la do barco, e este só percebeu que era sua TV depois..... 	
		01
		01
		01
		01
		01
		01

QUADRO 23 : ENCHENTES E CONDIÇÕES DE VIDA – FALTA DE INFRA-ESTRUTURA/RMC

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Para enfrentar as enchentes (medo, insegurança, inesperado e desespero) procuram organizar-se para salvar as pessoas e as coisas e essa movimentação das famílias e de outras pessoas que tentam ajudar, lhes dá um novo ânimo para continuar em frente, sem “entregar os pontos”..... • O marido, enquanto comerciante, ia com água pela cintura, buscar leite e pão para os moradores que permaneciam ilhados, em período de enchentes..... • Para não perderem tudo durante as enchentes, sempre fica alguém cuidando, porque sempre tem quem se aproveite da situação para roubar e porque a própria água, à medida que sobe, leva até o que fora empacotado e guardado..... • Por mais que se cuide, há coisas que não se consegue salvar em tempos de enchente: areia, cimento, material de construção que tinham comprado com sacrifício para reformar a casa..... • Para que possam ficar cuidando, instalam-se sobre as lajes, com alguns alimentos, água e colchões e ficam lá até as águas baixarem..... • Para providenciar a saída das pessoas sem que haja vítimas, quando ocorrem as enchentes, um ou mais moradores percorrem a rua principal para verificar o nível da água nos diversos pontos, e já vão alertando os demais sobre a necessidade de erguer os móveis e preparar-se para sair, se for o caso. Alertam também a Defesa Civil e a Prefeitura..... • Quando é inevitável a saída da casa devido às enchentes, buscam abrigo na casa de parentes, ou, quando não tem conhecidos por perto, recorrem à prefeitura e outras instituições, que tratam de distribuí-los em escolas e outros locais..... 	REFERÊNCIAS 02 01 10 02 04 06 06
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • Considera o lugar onde mora, calmo, pequeno e sem bagunça..... • A entrevistada lamenta que o rio Iraí esteja tão poluído e abandonado, pois ainda lembra que tomava banho nele, costume que era também de muitos curitibanos, em dias de sol. Comenta que hoje estão em área sujeita à desapropriação, mas que a maioria dos que estão morando ali é proprietária..... • Estamos a mais ou menos 10 Km do centro de Piraquara, e por isso, quando precisamos de alguma coisa, temos que procurar o lado de Pinhais (farmácia, médico etc). Acha que não deveria ter havido a emancipação de Pinhais..... 	02 01 01 <p style="text-align: right;">Continua.....</p>

Cont....	<ul style="list-style-type: none"> • Quando seu pai comprou o terreno em Piraquara, avisaram que mais tarde poderia haver desapropriação, mas preferiu comprar ali mesmo, pois não tinha muito dinheiro e ali já existiam dois casebres parcialmente construídos, além de ficar próximo dos filhos casados que já moravam ali..... • Durante as enchentes, o homem ficou cuidando para que não roubassem (mesmo erguendo tudo, não adiantou); Mandou crianças para casa da irmã em Curitiba..... • Acredita que igual a de 95 não teve..... • Não plantam porque não tem espaço e porque como é banhado, não dá quase nada..... 	01 01 01 01
----------	---	----------------------------------

QUADRO 24 : SITUAÇÃO DE INSTABILIDADE E INSEGURANÇA DOS MORADORES

50 ANOS E MAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Para não perderem o investimento, paralisaram as reformas e obras nos imóveis, aguardando uma definição quanto à retirada ou não dos moradores das áreas de inundação..... 	REFERÊNCIAS 04
30 – 49 ANOS	<ul style="list-style-type: none"> • A entrevistada relata que ela e o marido tinham um barzinho e que um policial que também tinha bar resolveu dar “batidas” a todo momento, revistando os fregueses, o que os afastava de seu estabelecimento. Por isso tiveram dificuldades em levar adiante seu empreendimento..... • Acredita que se ocorrer a desapropriação, é devido a interesses políticos somente..... 	01 01

ANEXO II – DADOS GERAIS DA PESQUISA DE CAMPO

Nº	ANO	SEXO M/F	IDADE	COR	GRAU	SÉRIE	RELIGIÃO	EST.CIVIL S/C/N/D/N	ID.CAS.	FAM.	Nº FILHOS	IDADE FILHOS
1	94	F	32	MUL	1	4	CATÓLICA	C	17	A	3; 3 VIVOS	4;10;12
2	94	F	62	MUL	0	0	EV.CRISTÁ BR.	V	16	A	11; 10 VIVOS	DE 20-45
3	95	F	58	MUL	0	0	CRENTE	C (2º)	17	B	16; 7 VIVOS	DE 18-40
4	95	M	65	NEG		0	CATÓL/CRENTE	C	24	B	13; 7 VIVOS (3 ENT.)	DE 18-40
5	95	F	55	MUL	0	0	EV.CRISTÁ BR.	C (2º)	19	C	12; 8 VIVOS	DE 13-35
6	96	F	63	BRA	1	1	CATÓLICA	V	15	D	12; 10 VIVOS	DE 30-47
7	96	F	66	BRA	0	0	CATÓLICA	C	25	E	8; (1nt.adot.) VIVOS?	DE 25-40
8	96	F	66	MUL	0	0	CAT./IG.DEUS BR	V(2º)	15	F	9; 9 VIVOS	DE 23-50
9	96	F	55	BRA	1	3	CAT/CONG.CRIST.	V	22	G	9; 7 VIVOS	DE 20-32
10	96	F	37	MUL	1	8	EVANG/CATÓL.	C	20	H	3; 3 VIVOS; 1 ABORT.	7;11;16
11	96	M	36	MUL	1	4	EVANG/NÃO TEM	C	25	B	2; 2 VIVOS	10;12
12	96	M	30	MUL	1	4	CR.COM.CR/CAT.	C	19	A	2; 2 VIVOS;(+1gravid)	6;10
13	96	M	45	BRA	1	4	CATÓL/PROTEST.	C(2º)	21	D	5; 5 VIVOS	2;7;18;22;23
14	96	F	56	NEG	0	0	CATÓLICA	C	15	I	14; 10 VIVOS	DE 18-40
15	96	F	62	NEG	0	0	CAT/IG.UN.R.D.	C	26	J	5; 4 VIVOS	DE 23-35
16	96	F	60	BRA	1	3	CATÓLICA	C	NÃO INF	K	6; 1 VIVA	25
17	96	F	25	BRA	3	2	CATÓLICA	C(2º)	19	K	SEM FILHOS AINDA	NSA
18	97	F	52	MUL	1	1	CATÓLICA	C	21	L	5;5 VIVOS (2 adot.)	DE 28-30
19	97	F	55	BRA	1	1	CATÓLICA	C	24	M	4;3 VIVOS (1 adot.)	DE 12-30
20	97	F	30	BRA	1	7	CATÓLICA	C	20	N	3; 3 VIVOS	2; 6; 9
21	97	F	47	NEG	2	3	CATÓLICA	C	21	O	4; 4 VIVOS	9; 12; 21; 25
22	97	F	31	BRA	1	4	CATÓLICA	C	25	P	2; 2 VIVOS	3; 5
23	96	F	26	BRA	1	8		D	18	E	1; 1 VIVO	7
24	97	F	19	MUL	1	8	?	C	17	F	1; 1 VIVO	1
25	97	F	45	MUL	1	2	CATÓL/EVANG.	C	?	Q	6; (sendo 1 neto adot)	?
26	97	F	27	BRA	1	5	EVANGÉLICA	C(2º)	21	R	2;2 VIVOS(+1gravidez)	2; 5
27	97	F	53	BRA	1	4	CAT/CONG.CRIST.	D	20	S	9; 9 VIVOS	DE 17-32
28	97	F	16	BRA	2	2	CATÓLICA	S	NSA	S	NSA	NSA
29	97	F	37	BRA	2	3	CATÓLICA	C	26	T	3; 3 VIVOS	4; 5; 10
30	97	F	41	BRA	1	3	CATÓLICA	C	15	U	3; 3 VIVOS	DE 17-25
31	97	F	46	BRA	1	2	CATÓLICA	C	21	V	3; 3 VIVOS	DE 16-24
32	97	F	37	BRA	1	1	CATÓLICA	C	21	W	3; 3 VIVOS	4; 13; 15
33	97	F	29	MUL	1	8	CATÓLICA	C	18	X	2; 2 VIVOS	4; 10
34	97	F	28	MUL	1	8	EVANG.BATISTA	C	18	Y	2; 2 VIVOS	9 m. e 9 anos
35	97	F	27	MUL	1	3	CATÓLICA	D	13	Y	4; 4 VIVOS	DE 5-13
36	97	M	58	BRA	1	3	CATÓLICA	C	19	Z	12;9VIVOS(1 adotivo)	DE 12-38
37	97	M	44	MUL	1	4	CATÓLICA	C	24	AA	4; 4 VIVOS	DE 9-19

PLANILHA 2

Nº	TRAB/FUNÇÃO ANT.	TRAB/FUNÇÃO ATUAL	R.REAIS	REG.CART.	TRAB.ANT.CÔNJ	TRAB.ATUAL CÔNJ	REM.CÔNJ.
1	LAVRAD/SERVENTE	DOMÉSTICA	100	SIM	LAVRADOR	CONF. ESTOQUE	160
2	LAVRAD/DOMÉST.	PENSION/DO LAR	65	NSA	LAVRADOR	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
3	BÓIA FRIA/LAVRAD.	DOMÉSTICA	70	NÃO	LAVRADOR	VIGIA	175
4	BÓIA FRIA/LAVRAD.	VIGIA	175	N/INFORM.	BÓIA FRIA/LAVR.	DOMÉSTICA	70
5	LAVRAD/FAXINEIRA	DO LAR	XXX	NSA	LAVRAD/MANOB.	APOSENTADO	70
6	LAVRAD/DIARISTA	PENSION/DO LAR	200	NSA	LAVRAD/CARPIN.	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
7	LAVRADORA	DO LAR	XXX	NSA	LAVRADOR	APOSENTADO	112
8	LAVRAD/LAVADEIRA	DIARISTA APOSENT.	112	NSA	LAVRAD/SAPAT.	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
9	LAVRAD/FAXINEIRA	PENSION/DO LAR	112	NSA	LAVRADOR	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
10	DOMÉST/DIARISTA	COMERCIANTE	NÃO INF	SIM	LAVRADOR	PEDREIRO	NÃO INF.
11	LAVRAD/GARIMPEI.	OPER. GUINDASTRE	350	SIM	DOMÉSTICA	DOMÉSTICA	200
12	LAVR/BOR/PEDREI.	MOTORISTA	300	SIM	DO LAR	DIARISTA	250
13	LAVR/COB/MOT/S.PE	COMERCIANTE	1200	SIM	TESOUREIRA	TESOUREIRA	NÃO INF.
14	LAVRAD/COSTUREI.	DO LAR	XXX	NSA	LAVRADOR	METALÚRGICO	AFAST. INV.
15	LAVRAD/COZINHEI.	DESEMPREGADA	XXX	NSA	LAVRADOR	PEDREIRO(DES.)	DESEMPR.
16	LAVRAD/ZELADORA	DO LAR	XXX	NSA	LAVRADOR	ALMOXARIFADO	224
17	VENDEDORA	DESEMPREGADA	XXX	NSA	LAVRADOR	MOTORISTA(DES.)	DESEM.(T.T)
18	LAVRAD/ZELADORA	DIARISTA	240	NÃO	LAVRADOR	PEDREIRO/APOS.	112
19	LAVRAD/COZINHEI.	DO LAR	XXX	NSA	LAVRADOR	CARPINTEIRO	NÃO INF.
20	DOMÉSTICA	DO LAR	XXX	NSA	PEDREIRO	MANUT.EQ.C.CIVIL	NÃO INF.
21	LAVRAD/PROFES.	AUX.PRÓT.ODONTOL.	500	SIM	LAVRAD/CARPIN.	CARPINTEIRO	NÃO INF.
22	LAVR/DOM/CAMAR.	DO LAR	XXX	NSA	PEDREIRO	MOTORISTA	580
23	AUX.PROD/COSTUR.	DESEMPREGADA	XXX	NSA	CAMINHON.(EX)	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
24	AUX.SERV.GERAIS	DESEMPREGADA	XXX	NSA	LAVRADOR	INSTR.PROD(F.P)	500
25	BÓIA FRIA/DOMÉST.	DESEMPREGADA	XXX	NSA	LAVRADOR	PEDREIRO	NÃO INF.
26	DOMÉST/FAXINEIRA	DESEMPREGADA	XXX	NSA	LAVRADOR	PEDREIRO	1000
27	DOMÉSTICA	DIARISTA	260	NÃO	COMERCIA.(EX)	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
28	ESTUDANTE	ESTUDANTE	XXX	NSA	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
29	LAVRAD/COSTUREI.	DO LAR	XXX	NSA	COMERCIANTE	COMERC./BAR	300
30	LAVRAD/AUX.PROD.	DESEMPR.(doente)	XXX	NSA	LAVRADOR	FAZ FRETES	350
31	LAVRAD/ZELADORA	AJUDANTE DE SERV.	250	SIM	LAVRADOR	SEGURANÇA	300
32	LAVRAD/LAVADEIRA	DO LAR	XXX	NSA	LAVRADOR	AUX.GERAL	220
33	LAVRAD/DOMÉST.	AUX.PRÓT.ODONTOL.	300	SIM	LAVRADOR	RECUPER.SOLDA	600
34	AUX.PROD/MANICUR.	BABÁ	520	SIM	SOLDADOR	SOLDADOR AUTÔN	2500
35	LAVRADORA	DESEMPREGADA	XXX	NSA	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXXXX	XXX
36	MOTORISTA	MOTORISTA	400	SIM	DO LAR	DO LAR	XXX
37	LAVRAD/SERV.PEDR	MESTRE DE OBRAS	900	N/INFORM.	DOMÉSTICA	DO LAR	XXX

PLANILHA 3

Nº	CL.ID.	LOCAL NASCIMENTO	ÚLT.LUGAR ANTES RMC	TEMPO RMC	HABITAÇÃO
1	2	BANDEIRANTES/PR	BANDEIRANTES/PR	16	PRÓPRIA/MISTA/TER.PARC.CEDIDO P/MÃE
2	1	BANDEIRANTES/PR	BANDEIRANTES/PR	5	PRÓPRIA/ALVENARIA
3	1	ITAPEVA/SP	MATO GROSSO	6	PRÓPRIA/MADEIRA
4	1	ITAPEVA/SP	MATO GROSSO	6	PRÓPRIA/MADEIRA
5	1	PALM.DOS INDIOS/AL	SANTOS/SP	16	PRÓPRIA/MADEIRA
6	1	IPUÁ/SP	ASTORGA/PR	29	PRÓPRIA/MISTA
7	1	JARDINÓPOLIS/SP	PARAGUAI	20	PRÓPRIA/MISTA
8	1	S. MATEUS DO SUL/PR	ITAITUBA/?	31	PRÓPRIA/MADEIRA
9	1	POMPÉIA/SP	GOIO-ERÊ/PR	20	PRÓPRIA/ALVENARIA
10	2	S. CARDOS DO IVAÍ/PR	GOIO-ERÊ/PR	17	PRÓPRIA/MISTA
11	2	JANDAIA DO SUL/PR	RONDÔNIA	5	CEDIDA P/PAI:CASA, TER/ALVENARIA/FUN.
12	2	BANDEIRANTES/PR	BANDEIRANTES/PR	3	PRÓPRIA/ALVE/TER.PARC.CEDIDO P/MÃE
13	2	ASTORGA/PR	ASTORGA/PR	29	PRÓPRIA/ALVENARIA
14	1	CORRENTE/AL	CASCADEL/PR	20	PRÓPRIA/MISTA
15	1	BRASILIA/MG	DIAMANTE DO NORTE/PR	15	ALUGADA/MADEIRA(PG. P/ FILHO CASADO
16	1	PEDREIRA/SP	QUATIGUÁ/J.TÁVORA/PR	21	PRÓPRIA/MISTA
17	3	QUATIGUÁ/PR	QUATIGUÁ/PR	21	MORA COM A MÃE
18	1	DIAMANTINA/MG	ARAPONGAS/PR	22	PRÓPRIA/MADEIRA
19	1	CAMPINA DA LAGOA/PR	RONDÔNIA	9	PRÓPRIA/MISTA
20	2	PINHAIS/PR(PIRAQ.)	CURITIBA	4	PRÓPRIA/ALVENARIA
21	2	COMUNIDADE BARRA/SP	ANTÔNIO/PR (STO.ANTÔNIO?)	7	PRÓPRIA/ALVENARIA
22	2	SALVADOR/BA	VILENA/RO	9	PRÓPRIA/ALVENARIA
23	3	INTERIOR DO PR	PARAGUAI	20	MORA COM A AVÓ (ela a adotou)
24	3	SÃO PAULO/SP	CAMPO MOURÃO/PR	2	ALUGADA/MADEIRA
25	2	PIUI/MG	UMUARAMA/PR	16	PRÓPRIA/MISTA
26	3	LUANDA/PR	LUANDA/PR	9	CEDIDOS P/CUNHADO:TER.CASA MADEIRA
27	1	UNIÃO DA VITÓRIA/PR	UNIÃO DA VITÓRIA/PR	10	PRÓPRIA/MADEIRA
28	3	UNIÃO DA VITÓRIA/PR	UNIÃO DA VITÓRIA/PR	10	MORA COM A MÃE
29	2	CAMPO LARGO/PR	CAMPO LARGO/PR	24	PRÓPRIA/MADEIRA
30	2	CAMPO MOURÃO/PR	COLORADO DO OESTE/RO	10	PRÓPRIA/ALVEN./TER. CEDIDO P/IRMÃO
31	2	CARDOSO MOREIRA/RJ	TELÉMAGO BORBA/PR	8	PRÓPRIA/ALVENARIA
32	2	PALMITAL DO TRINCA/PR	MATO RICO	10	ALUGADA/MADEIRA
33	3	S.JORGE DO IVAÍ/PR	MANDAGUAÇU/PR	18(13 EM PIR)	PRÓPRIA/ALVENARIA
34	3	S.JORGE D PARANÁ/PR	MARINGÁ/PR	17(7 EM PIR)	PRÓPRIA/ALVENARIA
35	3	MARILÂNDIA DO SUL/PR	MAFRA/SC	1(8m EM PIR)	CEDIDA P/CONHECIDO/ALVENARIA
36	1	MAFRA/SC	PORTO UNIÃO/SC	21(12 EM PIR)	PRÓPRIA/ALVENARIA
37	2	JACAREZINHO/PR	LONDRINA/PR	16	PRÓPRIA/ALVENARIA

PLANILHA 4

Nº	PRINCIPAL RAZÃO MIGRAÇÃO	CL.ID.	OBSERVAÇÕES
1	CASOU-SE AQUI	2	PASSOU POR SP E PARAGUAI, ANTES DE FICAR AQUI DEFINITIVAMENTE;
2	FICOU SÓ E DOENTE	1	VENDEU CASA EM BANDEIRANTES, HERANÇA DA MÃE E COMPROU AQUI;
3	DIFIC. EM TRAB./DOENÇAS	1	MOROU NA DÉC. 70 NA MESMA VILA; FILHOS INSISTIRAM QUE VIESSE (DOENÇAS)
4	DIFIC. EM TRAB./DOENÇAS	1	MOROU DÉC. 70 MESMA VILA; FILHOS INSIST; VENDEU TÍT.POSSE/INCRA
5	DESIL/ACID/PROB.SAÚDE	1	FILHO SOLT.ARRIMO; MARIDO FAZIA CONS. SOMBR; ENVIUVOU EM 95;
6	DIFIC. LAVOURA/DOENÇAS	1	PENSÃO MARIDO/FILHO; TEM FILHA DEFIC; REC. ALUGUÉIS (+200,00); BENZE;
7	DIFIC. LAVOURA (PCO. GANHO)	1	TRAB. EM TERRAS ARREND.; ENCAMINHOU POSENT. + NÃO OBTVE; CRIA NETA
8	DIFIC. FINANCEIRAS	1	MOROU CTBA. ANTES DE ITAITUBA; SEP.1º CAS.(GARI); MORAD. + ANT. VILA
9	DIFIC. FINANC/DESENT.PROPRIET	1	REC. PENSÃO: MARIDO FALEC.CEDO; ELA NÃO CONSEG.APOS.INVAL/HIPERTENS
10	S/COND.DE FICAR/VEIO TR.DOMÉ	2	NÃO TINHA COMO FICAR NO INTERIOR, POIS ESTAVA PASSANDO NECESSIDADES
11	DIFIC.LAV(PCO.GANHO)/DOENÇA	2	VEIO EM 76 C/PAIS, DP.FOI P/MT;PGUAI;SP;MG;RO(SÓ, COM PAIS OU C/ESPOSA)
12	ESTAVA DESEMP.E S/OPÇÕES	2	ESPOSA ESTAVA GRÁVIDA DO 3º FILHO; ELE, FÉRIAS, CONSTRUÍA PARTE CASA.
13	VEIO C/PAIS(DOENÇA, DIFIC.LAV)	2	SÓCIO DE IRMÃ/MINI-MERC;EMPREGA OUTRA IRMÃ; PGA.ALUG.DO PTO P/MÃE;
14	ENTREG.QSE.TUDO PATRÃO(P.G)	1	MARIDO:ACID.TRAB.(ENC.APOS.INV.,+ NÃO REC; VIVEM DA AJUDA DOS FILHOS;
			MARIDO:ALCOÓLATRA; FAMÍLIA TODA DESEMPREG; SÃO 11 NA CASA (4ADULTOS);UM NETO DESNUTRIDO, REC. AJ.PASTORAL CÇA.
15	ERAM BÓIAS-FRIAS DESEMPREG	1	
16	SÍTIO NÃO DAVA NADA(PCO.GAN)	1	TEM TB. 1 CASINHA P/ALUGAR, + NÃO CONSEGUE; Fª CASADA MORA JUNTO
17	SEM OPÇÃO DE TR/PCO.GANHO	3	SECRET.AS.MORAD; VEIO C/7ANOS;DP.RETORNOU INT.QDO.CASOU P/1ª VEZ E EM SEGUIDA VOLTOU PARA FICAR; ATUAL MARIDO TRAB. TEMPORÁRIO;
18	DIFIC.P/TRAT.SAÚDE;GOST.CTBA	1	TEM 2 CASINHAS P/ALUGAR;PRES.AS.MORAD;DIZ TER PODER DE CURA (BENZE)
19	DIFIC.P/FILS.ESTUDAREM RO	1	VEIO A CTBA 69, FICARAM 3a., MUDARAM A TRAB/DE CASCAVEL FORAM P/RO
20	P/ NÃO PAGAR MAIS ALUGUEL	2	NÃO TRAB. PQ. NÃO TEM C/ QUEM DEIXAR CÇAS;PORISSO, MARIDO NÃO DEIXA)
21	DOENÇA/DIFIC. DE EMPREGO	2	COORD.PASTORAL CÇA; TRAB.C/FILHO, NORA E OUTROS FAMIL.LAB.PRÓT.ODONT
22	DIFIC.DE EMPR/FICAR PRÓX.FAM.	2	DA BA P/RO(LAVR=COLORADO;DOMÉST=VILENA); DP.CASADA VEIO PIRAQUARA
23	VEIO C/AVÓ, FOI ADOT. P/ELA	3	DESEMPR. RECUSOU SAL.MÍN, P/REC. MAIS TEMPO SAL.DESEMPREGO.
24	PROC.EMPREGO, S/OPÇÃO INT.	3	PAGA 150,00 DE ALUGUEL; ACHA QUE RMC TB. É DIFÍCIL, PELO CUSTO DE VIDA
	LAV.FRACASSOU(GEADA); DIFIC.		ADOT.NT.PQ:Fª SOLT(18a) E A MÃE DA CÇA. A DEIXAVA PASSAR FOME; TEM NUM
25	P/AS CRIANÇAS ESTUDAREM	2	CÔMODO DA CASA, UMA BANQUINHA DE DOCES, REFRIGERANTES E SORVETE
			PAI TINHA RECURSOS NO INT.E PERDEU; ELA, E O MARIDO ESTÃO 2º CAS.ELA
26	1º C/PAI; DP.P/TRAB.DOMÉST.	3	TINHA 1 FILHA DO 1º CAS, O MARIDO DOIS. ESTES NÃO RESIDEM C/ELES
27	SEPAROU-SE/VEIO PERTO FILS.	1	XX
28	VEIO C/MÃE QUE SEPAROU-SE	3	EST. ADM. EMPRESAS(2º GRAU); NÃO PROC. EMPRI/ACHA QUE VAI CASAR LOGO
29	NECESSIDADE DE ESTUDAR	2	MARIDO DEIXA TRAB. QDO. ELE ESTÁ DESEMPR;
30	PROB.SAÚDE (MALÁRIA/RO)	2	NÃO TRAB.(PROBL.SAÚDE); FEZ CASA NO TERRENO DO IRMÃO;
31	PROCURAR EMPREGO	2	MOROU HÁ 10a. NA V. OFIC(FAVELA); CEDE CASINHA A UMA FAMÍLIA MM. TER.
			NÃO TRAB. PQ. NÃO TEM C/ QUEM DEIXAR CÇAS;PORISSO, MARIDO NÃO DEIXA);
32	DIFIC.LAV.(VENDERAM A TERRA)	2	UM FILHO TRAB.DE SERVENTE (15a); OUTRO, PART.PROJ.MENINOS DO VIME(13a)
33	BUSCAVA MELHORA/TRAB.P/OUT	3	EM PIRAQUARA, FAZ 13 ANOS;
34	DIFICULDADES/PARENTES SUGE	3	EM PIRAQUARA, FAZ 7 ANOS;
35	DIFIC. NA LAVOURA/DESEMPR.	3	EM PIRAQ., FAZ 8m, SÓ 1 Fª C/ELA; TRATA-SE DA 1ª FASE DE MIGRAÇÃO EM AND.
36	PROCURAR EMPREGO MELHOR	1	EM PIRAQ. 12a; APOS.T.SERV=367,00; A ESP. TEVE UM ABORTO;
37	PROCURAR EMPREGO	2	TB. TRAB. EM FÁBR.DE ÓLEO DE HORTELÂ(INT); 2 FILHAS ESTÃO TRABALHANDO

ANEXO III

PLANILHA: TRABALHO/OCUPAÇÃO

TRABALHO/OCUPAÇÃO ATUAL DE FILHOS (AS), GENROS, NORAS E NETOS NA RMC:			
TRABALHO/OCUPAÇÃO	SEXO	FREQ.	OBSERVAÇÕES
AUXILIAR DE CONTABILIDADE	F	1	
AUXILIAR DE ESCRITÓRIO	M/F	3	
AUXILIAR DE PRODUÇÃO (F.PI.)	F	1	
BALCONISTA	F/M	2	
CANTOR SERTANEJO	M	2	
CARREGADOR	M	1	
CARTEIRO	M	1	
COMERCIANTE	M/F	5	
CONSTRUTOR AUTÔNOMO	M	1	
COPEIRO	M	1	
COSTUREIRA AUTÔNOMA	F	2	
COSTUREIRA/COMERCIANTE	F	1	
COSTUREIRO AUTÔNOMO	M	1	
DESEMPREGADA	F	9	
DESEMPREGADO	M	1	
DIARISTA	F	2	
DIARISTA/VENDEDORA PERFU.	F	1	
DO LAR	F	4	
DO LAR/COSTUREIRA	F	1	
DOMÉSTICA	F	7	2 COM REGISTRO EM CARTEIRA
EMPREGADO DA SANEPAR	M	1	
ENCARREGADO DE ESTOQUE	M	1	
FRENTISTA POSTO GASOLINA	F	1	
GERENTE	M	2	
LAVADOR DE CARROS	M	1	
LAVRADOR	M	2	
MECÂNICO	M	1	
MOTORISTA	M	2	
MOTORISTA/FRETISTA	M	6	
OPERADOR DE GUINCHO	M	1	
PEDREIRO	M	1	
PEDREIRO/CARPINTEIRO	M	1	
SAQUEIRO	M	1	
SERVENTE DE PEDREIRO	M	1	
TAXISTA	M	1	
TORNEIRO MECÂNICO	M	1	
TRAB. FÁBRICA DE PARAFUSO	M	2	
TRANSP. AÉREO	M	1	

ANEXO IV - SOCIABILIDADE

PLANILHA 1

FORMAS DE LAZER DOS MIGRANTES, SEGUNDO TEMPO DE RESIDÊNCIA NA RMC

ATIVIDADE	TIPO*	SEXO	ATÉ 5 ANOS	DE 6 -15 a	DE 16-25 a	DE 26-35 a	TOTAL
Festas na escola	4	Feminino	0	1	0	0	1
Frequenta a Igreja	5	Feminino	0	2	0	0	2
Frequenta Bailão	4	Feminino	0	2	0	0	2
Visita os vizinhos	5	Feminino	0	2	2	0	2
Churrascadas/ festas (colegas de trab.)	4	Masculino	1	0	1	0	2
Não tem lazer e/ou não sai de casa	8	Ambos	2	4	6	0	12
Canta em festas ou restaurantes	3	Feminino	0	0	1	0	1
Vai à praia	2	Ambos	0	2	1	1	4
Festas de Igreja, casamentos, aniversários	4	Ambos	0	1	6	0	7
Frequenta bares	7	Masculino	0	2	2	0	4
Assiste televisão	6	Ambos	3	3	0	1	7
Assistia shows sertanejos	1	Feminino	0	0	0	1	1
Frequentava bailes em casas vizinhas	1	Ambos	0	0	0	2	2
Reúnem - se para almoço em família	5	Ambos	0	1	1	2	4
Passeavam à cavalo	1	Feminino	0	0	1	1	2
Sai para receber aposentadoria	6	Feminino	0	0	0	1	1
Visita irmãos, filhos e outros parentes	5	Ambos	3	4	2	1	10
Jogos de truco e cartas em geral	6	Ambos**	1	2	0	0	3
Frequência em estádios de futebol	3	Masculino	0	1	0	0	1
Jogam futebol	3	Masculino	3	2	0	0	5
Pescarias	2	Masculino	0	0	1	0	1
Vão aos parques de Curitiba	2	Ambos	2	0	2	0	4
Jogam sinuca	7	Masculino	1	0	0	0	1
Assistem aos torneios de futebol da Vila	3	Ambos	1	0	0	0	1
Festas de final de ano	4	Ambos	0	1	0	0	1
Ouve música	6	Feminino	0	1	0	0	1
Festas na Associação de Moradores	4	Feminino	0	0	2	0	2
Encontros para "bater papo"	1	Ambos	0	0	1	0	1
Reuniões e festas após mutirão	1	Ambos	0	0	1	0	1

* 1= Apenas no Interior; 2= Passeios ar livre, viag., excursões; 3= Atrações/ativ. cult., art. e esport.; 4= Festas, bailes, etc;

5= Visitas, compr. soc., relig. e familiares; 6= Outros entretenimentos; 7= Freq. bares (sinuca, etc); 8= Não tem lazer.

** As mulheres não jogam, mas participam, algumas vezes, preparando as refeições.

FORMAS DE LAZER DOS MIGRANTES ADULTOS E IDOSOS DA RMC, SEGUNDO SEXO E LOCALIZAÇÃO:

TIPO DE ATIVIDADE	SEXO*	CL.ID.	LOCAL	FREQ.	%	PERÍODO	T.RES.RMC	RELIGIÃO	OBSERVAÇÃO	Nº
Freqüentava bailes em casas vizinhas	Ambos	1	INT/RMC	2		Eventual	29a.	Cat.	Esp.acordião/filhos	6
Reúnem-se p/almoço (dia pais/mães)	Ambos	1	RMC	1		Eventual	29a.	Cat.	Entrev.	6
Festas de casamento	F	1	INT	1		Eventual	18a.	Cat.	Entrev.	18
Partic. reuniões jogos de carta	F	1	INT	1		F. Sem.	9a.	Cat.	Mulheres cozinham	19
Assistiam shows sertanejos	F	1	INT	1		Eventual	29a.	Cat.	Entrev.	6
Passeavam à cavalo	F	1	INT	2		Eventual	29a/22a.	Cat.	Entrev.	6;18;
Festas de igreja	F	1	INT/RMC	2		Eventual	18a/20	Cat.	Entrev.	18;7
Freqüenta o bailão	F	1	RMC	1		F. Sem.	15a.	Ig.Univ.	Filha	15
Festas na escola	F	1	RMC	1		Eventual	15a.	Ig.Univ.	Entrev.	15
Churrascadas e/ou festas c/ colegas tr.	F	1	RMC	1		Eventual	16a.	Evan.C.BR	Filho	5
Freqüenta a Igreja	F	1	RMC	1		F. Sem.	15a.	Ig.Univ.	Entrev.	15
Visita os filhos casados	F	1	RMC	1		Eventual	9a.	Cat.	Entrev.	19
Visita a irmãos e/ou outros parentes	F	1	RMC	1		Eventual	31a.	Ig.DeusBR	Entrev.	8
Canta em festas, restaurantes	F	1	RMC	1		Eventual	18a.	Cat.	Entrev.	18
Assiste Televisão	F	1	RMC	1		Cot/F.Sem	29a.	Cat.	Entrev.	6
Reúnem-se p/ almoço em família	F	1	RMC	1		F. Sem.	29a.	Cat.	Entrev. e filhos	6
Sai para receber aposentadoria	F	1	RMC	1		Eventual	31a.	Ig.DeusBR	Entrev.	8
Vai à praia	F	1	RMC	2		Eventual	18a.9a.	Cat.	Entrev.	18;19
Não tem lazer; Não sai de casa;	F	1	RMC	2		Cot/F.Sem	16a/20	Cat.	Fazem serv.domésticos	1;14
Visita os vizinhos	F	1	RMC/INT	4		Eventual	15a/18	Cat;Ig.Un.	Entr; Hoje, se doentes	15;18;14
Jogos de truco, de cartas em geral	M	1	INT	1		F. Sem.	9a.	Cat.	Homens	19
Não tem lazer; Não sai de casa;	M	1	RMC	1		Cot/F.Sem	9a.	Cat.	Filhos	19
Assiste Televisão	M	1	RMC	1		Cot/F.Sem	5a.	Evan.C.BR	Filhos	2
Freqüenta os bares	M	1	RMC	2		Cotid.	22a/15	Cat;Ig.Un.	Esp.Apos, Des.	18;15;

FORMAS DE LAZER DOS MIGRANTES ADULTOS DA RMC, SEGUNDO SEXO E LOCALIZAÇÃO:

TIPO DE ATIVIDADE	SEXO*	CL.ID.	LOCAL	FREQ.	%	PERÍODO	T.RES.RMC	RELIGIÃO	OBSERVAÇÃO	Nº
Festas de final de ano	Ambos	2	RMC	1		Event.	9;	Cat.	Vizinhos e parentes	22
Assistem aos jogos de futebol (Vila)	Ambos	2	RMC	1		F.Sem	5;	N.Tem	Homens e Mulheres	11
Vai à praia	Ambos	2	RMC	2		Verão	10;29;	Cat;Prot.	Entrev.	30;13;
Visita a irmãos e/ou outros parentes	Ambos	2	RMC	6		F.Sem;Ev.	9;3;10;5;4;16	Cat;Prot;	Entrev.	22;12;30;11;20;25
Freqüenta o bailão	F	2	RMC	1		Event.	9;	Cat.	Irmã	22
Freqüenta a Igreja	F	2	RMC	1		F.Sem	9;	Cat.	Entrev.	22
Reúnem-se p/ almoço em família	F	2	RMC	1		F.Sem	9;	Cat.	Entrev.	22;
Assiste Televisão	F	2	RMC	3		Cot.	8;10;5;	Cat;N.Tem	Entrev;Mulheres;	31;32;11;
Não tem lazer; Não sai de casa;	F	2	RMC	5		Cot/F.Sem	24;10;25;5;9	Cat;Evan;	Entrev;Esposo;	29;30;25;11;22
Festas de casamento/anivers.	M	2	RMC	1		Event.	16;	Cat.	Entrev.	37;
Festas de igreja	M	2	RMC	1		Event.	16;	Cat.	Entrev.	37;
Jogos de truco, de cartas em geral	M	2	RMC	1		Cot.	5	N.Tem	Entrev.	11
Não tem lazer; Não sai de casa;	M	2	RMC	1		F.Sem	3	Cat.	Entrev.	12
Freqüentam estádios (futebol)	M	2	RMC	1		F.Sem	10;	Cat.	Homens	30
Pescarias	M	2	RMC	1		Event.	16;	Cat.	Entrev.	37;
Jogam sinuca	M	2	RMC	1		Event.	4;	Cat.	Esp.	20
Vão aos parques de Curitiba	M	2	RMC	2		Event.	16;5;	Cat;N.Tem	Entrev.	37;11
Jogam futebol	M	2	RMC	5		F.Sem	10;4;9;3;5;	Cat;N.Tem	Homens(sobr,irmãos)	30;20;22;12;11

FORMAS DE LAZER DOS MIGRANTES JOVENS E ADOLESCENTES DA RMC, SEGUNDO SEXO E LOCALIZAÇÃO:

TIPO DE ATIVIDADE	SEXO*	CL.ID.	LOCAL	FREQ.	%	PERÍODO	T.RES.RMC	RELIGIÃO	OBSERVAÇÃO	Nº
Encontros para "bater papo"	Ambos	3	INT	1		Cot;F.Sem	21;	Cat.	Pessoal;	17;
Reuniões e festas após mutirão	Ambos	3	INT	2		Event.	21;	Cat.	Entrev;Pessoal;	17;
Visita a irmãos e/ou outros parentes	Ambos	3	RMC	2		F.Sem	21;9;	Cat;Evan.	Os homens;Entrev.	17;26;
Não tem lazer; Não sai de casa;	Ambos	3	RMC	3		Cot;F.Sem	9;20;21;	Cat;Evan.	Entrev;Esp;	26;23;17;
Ouve música	F	3	RMC	1		F.Sem	10	Cat.	Entrev.	28;
Festas de aniversário e/ou casamento	F	3	RMC	1		Event.	9;	Evan.	Entrev.	26;
Festas de igreja	F	3	RMC	1		Event.	21	Cat.	Entrev.	17;
Reúnem-se p/ almoço em família	F	3	RMC	1		Event.	18	Cat.	Entrev.	33;
Festas da Associação de Moradores	F	3	RMC	2		Event.	21	Cat.	Entrev;Pessoal;	17;
Assiste Televisão	F	3	RMC	2		Cot;F.Sem	10;2;	Cat.	Entrev.	28;24;
Vão aos paques de Curitiba	F	3	RMC	2		Event.	18;2;	Cat.	Entrev.	33;24;
Churrascadas da empresa onde trab.	M	3	RMC	1		Event.	2;	Cat.	Entrev.	24;
Freqüentam os bares	M	3	RMC	2		Cot;F.Sem	21;7;	Cat;Evan;	Os homens	17;26;

*Indica-se o sexo "de quem se fala". *Ambos*, significa que homens e mulheres tem aquela mesma atividade de lazer.

PLANILHA 3 - LOCAIS DE ENCONTRO

Local ou tipo de encontro onde conheceram seus cônjuges:

Descrição	Frequência	Sexo	Cl. Idade	Local	Observação
Ele trabalhava para seu pai, na lavoura	2	F	1	INT.	
Nas reuniões para a reza dos terço	1	F	1	INT.	
Nas reuniões de jogos de truco	1	F	1	INT.	As mulheres faziam café
Conheceram-se numa festa	1	F	2	INT.	
Em Rondônia, trab. na lavoura	1	F	2	INT.	Ele vivia c/ mãe e irmãos
Era amigo do irmão e veio morar próx.	1	F	2	RMC	Já o conhecia no Interior
Em Ctba, qdo. veio tratar do pai doente	1	F	2	RMC	Ficava na casa da irmã
Conheceu a mulher na Igreja	1	M	2	RMC	Casou-se p/ exig. sogro
Na Igreja (a segunda mulher)	1	M	2	RMC	Separou-se da 1ª p/ incomp
Na rua (a primeira mulher)	1	M	2	RMC	Ela engrav.c/15a.;Separou
Na Vila	1	F	3	RMC	O 1º, p/ interm.de 1 prima
Na formatura da prima dela	1	F	3	RMC	O 2º,
No ônibus	1	F	3	RMC	Tanto o 1º quanto o 2º

PLANILHA 4 - SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

EDUCAÇÃO E CUIDADO DOS FILHOS E NETOS

Descrição	Freq.	Cl. Idade	Local	Observação
Ficavam sozinhos em casa, no Nordeste	1	1	INT.	Na RMC tb. ficavam sós; Hoje é aposentada
Filha solteira grávida é expulsa de casa pelo pai	1	2	INT.	Veio p/ casa da irmã/RMC; Psicologicamente deseq.
Qdo. criança, cuidava dos irmãos menores	1	2	INT.	A mãe morreu cedo; Mais velhos iam p/roça c/pai
Ainda criança, dava catequese na Igreja	1	2	INT.	
Quando conseguia fugir do serviço, brincava um pco.	2	2	INT.	Trabalhavam na roça, mas às vezes brincavam
Vindo da escola, subiam em árvores p/ comer frutas	1	3	INT.	A mãe brigava pela demora, mas eram felizes
Educados em casa pela avó	1	1	RMC	Somente uma neta conseguiu vaga na creche
Ficam sozinhos, vigiados p/ avó qdo. ela está em casa	1	1	RMC	"ficam largados"
São atendidos pela avó e por uma menina da vizinha	1	1	RMC	Menina ajuda a atender os menores e é paga
As meninas são mais presas e os meninos mais livres	1	1	RMC	Ambos ajudavam em casa
Hoje, seus filhos têm guloseimas e estudo	1	2	RMC	Compara com sua vida (teve que trabalhar dd.cça.)
Ela procura orientar os filhos, está sempre perto	1	2	RMC	Ela tem um pequeno comércio e vigia os filhos
Os filhos ficam em casa, vigiados pela tia ou pela avó	1	2	RMC	A avó mora nos fundos; Filhos estão melhor que ele
As crianças deveriam ter treinamento profissional	1	2	RMC	Antes de 14a. trabalhariam parcial. C/12a.já namoram;
Crianças de 12a. querem namorar, então podem trab.	1	2	RMC	Acha que devem trabalhar parcialmente (treinamento)
Alerta os filhos sobre roubo, maconha, etc.	1	2	RMC	Pede p/ avó cuidar e para eles não ficarem na rua
Informa-se sobre seus filhos que ficam sozinhos	1	2	RMC	Acha que eles precisam de ocupação e vigilância
Adolescentes procuram e não encontram emprego	1	2	RMC	Isto contribui p/ arruinar as famílias
Há alguns anos, os jovens trabalhavam e estudavam	1	2	RMC	Hoje, ficam pelas ruas, fumando e roubando
Ela cuidava da casa sozinha	1	3	RMC	Era vigiada p/ vizinha
Ficam em casa vigiados p/ avó ou c/ pais finais sem.	1	3	RMC	Para bricar, no Interior era melhor _ não tinha perigo
Uma das filhas tem aula de teclado	1	3	RMC	
Quando criança, teve a companhia de uma mocinha	1	3	RMC	Os pais abrigaram a moça que p/ compensar ajudava
Qdo. adolescentes, não iam à festas; só à Igreja	1	3	RMC	O pai não deixava, porque eram Evangélicos
Difícil adaptação na escola devido costumes diversos	1	3	RMC	Linguagem e brincadeiras diferentes - Profa. ajudou
Não vão passear em Curitiba, porque é longe e caro	1	3	RMC	Ela comenta as dificuldades dos jovens irem a Ctba.
Ficavam trancados em casa (cuidavam-se entre si)	3	1; 2	RMC	Os mais velhos cuidavam dos mais novos
Querem escolas de formação ou outras atividades	3	1;2;3	RMC	É preciso não deixar os jovens tão expostos
Adolescentes nas ruas (mãe solteiras e maconheiros)	8	1;2;3	RMC	Preocupam-se com o futuro destes jovens
Muitos filhos de mães que trabalham, ficam na creche	3	2;3	RMC	Alguns não podem pagar creche outros não confiam
Participam da Pastoral da criança e vão às Igrejas	3	2;3	RMC	Mencionam atividades organizadas pelas Igrejas
Adolescentes assaltam e invadem casas fechadas	4	2;3	RMC	Freqüentam boatinhas e formam gangues (de fora)

PLANILHA 5 -CARACTERÍSTICA DOS CONTATOS COM PARENTES, VIZINHOS, COMPADRES E OUTROS

RELAÇÕES COM PARENTES, VIZINHOS, COMPADRES & OUTROS

Descrição	Classificação	Cl. Idade	Local	Freq.	Motivo	Observação
Fez contato com amigas através da rádio	Amigas	2	INT.	1	Queria rever amigas	20 anos sem contato
Contato c/ pais (carta, telefone, viz. event)	Parentes	1	INT.	1	Dific. financ. e compr. trab.	Aqui ao menos tem empr.
Não visita os parentes	Parentes	1	INT.	2	É muito longe; Perdeu contato	Pais, irmãos, tios, etc.
Estavam sempre próximos uns dos outros	Parentes	1;2	INT.	3	Ajudar no trab. e na doença	Pais, irmãos, tios, etc.
Em Rondônia, tinham bom relacionamento	Vizinhos	1;2	INT.	2	Eram em grande parte do Sul	
Crianças não podiam aparecer p/ visitas	Vizinhos/parentes	1	INT.	1	Educação rígida	Apanhavam caso apar.
Iam conversar, dançar ou rezar (fins semana)	Vizinhos/parentes	1;2	INT.	2	Se não fossem, eram cobrados	Aqui é diferente
Reuniões para mutirão e festas	Vizinhos/parentes	1;2	INT.	2	Mutirão p/ colheita vira festa	Refeição comunit. lazer
Vizitavam-se eventualmente	Vizinhos/parentes	1;2;3	INT.	3	Aniversários ou qdo. doentes	Citam tb. p/ conversar
Contato c/ um compadre	Compadre	2	RMC	1	Solicitar emprego	
Quando veio, encontrou o irmão no P. Públ.	Irmão	2	RMC	1	Ela havia migrado antes	Haviam perdido contato
Vive indep. dos filhos; Socorrem-se mutuam	Pais e filhos	1;2;3	RMC	4	Ajudar (doença e desempre.)	Pais, irmãos, cinhados...
Vizita os irmãos quando pode	Parentes	1	RMC	1	É importante manter a família	
Procura não se intrometer	Parentes	1	RMC	1	Não quer incomodar; é feliz	Refere-se aos filhos
Mora próximo da família	Parentes	3	RMC	1	Para ajudar; Porque se dá bem	Construiu suas casas
Não tem muito contato	Vizinhos	1	RMC	1	Fazem bagunça, bailes, etc.	O marido não gosta
Atendimentos de saúde, benze, encaminha	Vizinhos	1	RMC	2	Tem dons/é parteira/gosta	Encaminha p/atendim.
Encontram-se só para reuniões	Vizinhos	1;2	RMC	2	Promover atividades/festas	Assoc. Moradores/Igreja
Gosta da Vila	Vizinhos	2	RMC	3	Acha calmo, pequeno	Todos se conhecem
Os mais idosos ficam em casa	Vizinhos	1	RMC	1	Cansados ou doentes	Tb. pq. recebem filhos
Todos na Vila são muito unidos	Vizinhos/parentes	1;3	RMC	2	Calma, unida, conhecidos	Bairro não cresceu
Hoje falta união entre vizinhos e parentes	Vizinhos/parentes	1;2	RMC	2	Individualismo e falta tempo	No Interior, havia união
Não temos mais o costume de visitar	Vizinhos/parentes	1;2	RMC	2	Trabalho; Necese.Descansar	Era um costume do INT.
Relacionam-se bem na Vila	Vizinhos/parentes	1;2	RMC	4	São unidos e participantes	Assoc.Mor., Igreja; Com
Mobilização (enchentes)	Vizinhos/parentes	2	RMC	5	Salvamento das enchentes	Já estão preparados

PLANILHA 6 - PARTICIPAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA - 1

PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA	OBJETIVOS	TIPO	RESULTADOS	LOCAL	PART.	CLIDADE	PERÍODO
Catequese	Orientação religiosa de crianças	Aulas	Confraternização	INT	Muitos	1,2	Eventual
Participação em festas de Igreja	Confraternização e angariar fundos	Quermesses	Lazer	INT	Muitos	1,2	Eventual
Rezas durante a Quaresma e o Mês de Maio	Louvor, Oração e Sacrifício	Reza/Procis.	Confrat/oração	INT	Muitos	1,2	Específicos
Mutirão da colheita ou plantio	Ajudar os que tem mais dificuldade	Mutirão	Finalização do trab	INT	Poucos	1,2	Eventual
Relação da comunidade com os comerciantes	Sustento da família (períodos difíc.)	Fiado	Sustento até safra	INT	Poucos	1	Específicos
Comissão discussão conseq. PROSAN p/Vila*	Conciliar interesses morad/governo	Audiências	Desist/realocação	RMC	Assoc.	1,2,3	Recente 95/96
Resistência direta à ação da COMEC/COHAB*	Evitar cadastramento de moradores	Enfrentam.	Paraliz. trabalho	RMC	Lider.	1	Específico
Ação da Mão Cooperadora (Evangélica)	Assistência à criança carente	Educ/Assist	Creche	RMC	Muitos	1,2,3	Permanente
Associação de Moradores _ Festas*	Arrecadar fundos para constr.sede	Festas	Compra material	RMC	Muitos	1,2,3	Eventual
Campanhas da Igreja Católica na Comunidade	Assistência aos pobres da Vila	Auxílios div.	Cesta Básica/roupa	RMC	Muitos	1,2	Frequentes
Comícios, churrascos, festas pré-eleitorais*	Divulgação candidatos eleições	Político/eleit	Confraterniz/lazer	RMC	Muitos	1,2,3	Pré-Eleitoral
Evangélicos (grupos de trabalho)	Assist., limpeza, oração, pregação	Colaboração	Cumprim. tarefas	RMC	Muitos	1,2	Permanente
Renovação Carismática (Igreja Católica)	Oração e Louvor a Deus	Celebração	Renovação da fé	RMC	Muitos	1,2	Semanalmente
Brigas, disputas e ligações clandestinas água*	Extensão benefício demais morad.	Reivind.	Obtidos + tarde	RMC	Parte	1	Início Vila
Ações da Obra da Piedade e Mão Cooperadora	Assist.aos evangélicos pobres	Auxílios div.	Abrigo e aliment.	RMC	Poucos	1,2	Semanalmente
Ações da Pastoral da Criança (Igr.Católica)	Assist.saúde integral (prim. anos)	Acompanh.	Recuperação ças	RMC	Poucos	1,2	Mensal/Sema
Ajuda aos desempregados sem Seguro Desemp	Assistência à família do desemp.	Auxílios div.	Cesta Básica/roupa	RMC	Poucos	1,2	Frequentes
Associação de Moradores _ Ações*	Recursos constr. sede e atividades	Aluga campo	Mater.Constr.sede	RMC	Poucos	1,2	Semanalmente
Associação de Moradores _ Mutirões*	Construção sede e plantar árvores	Mutirão	Constr/plantio	RMC	Poucos	1,2	Eventual
Associação Moradores de Pinhais (Ocupação)*	Mobilização em apoio à remoção	Reivind.polí.	Área seca design.	RMC	Poucos	1	Eventual
Campanha de material de constr. e mutirões*	Reforma ou construção de casas	Auxílio	Abrigo a carentes	RMC	Poucos	1,2;	Eventual
Grupo de Reflexão (Igreja Católica)	Desenv.conhec.rel.e pensar comum	Reza casas	Confraternização	RMC	Poucos	1,2	Frequentes
Grupos de Jovens	Atividades de Oração e Lazer	Retiros/pas	Amizade reforçada	RMC	Poucos	3	Frequentes
Líderes Comunitárias (ajuda aos necessitados)	Trab.solid.encamin. benzim, saúde	Auxílios div.	Reconhecimento	RMC	Poucos	1,2	Contínuo
Organizações religiosas	Assist. aos moradores (enchentes)	Auxílios div.	Abrigo e aliment.	RMC	Poucos	1,2	Frequentes
Participação na Associação de Moradores*	Discutir reivind. Vila e constr.sede	Reuniões	Início constr. sede	RMC	Poucos	1,2,3	96/97,98
Queixas p/ abandono da Vila p/ Prefeitura*	Defende não pagto.impos; Mutir.	Crítica	Insatisfação	RMC	Poucos	1,2	Eventual
Queixas quanto trabalho Assoc. Moradores*	Acha Posto Saúde + importante	Crítica	Insatisfação	RMC	Poucos	1,2	Eventual
Relação com os patrões	Sustento da família (períodos difíc.)	Doações	Sustento na cidade	RMC	Poucos	1	Frequentes
Reuniões dos Sindicatos Profissionais	Reivindicações específicas	Assembl.	Melhoria Salarial	RMC	Poucos	2	Eventual
Mobilização/protestos/pressão moradores*	Instalação de água e luz na Vila	Manifest.	Parcial. obtidos	RMC	Todos	1	Início Vila
Mobilização/reação à possib. desapropriação*	Evitar/apoiar proposta desapopr.	Assembl.	Parcial. obtidos	RMC	Todos	1,2,3	Específicos
Mobilização/socorro/reivindicações/organiz.*	Salvamento período de enchentes	Mobiliz.	Parcial. obtidos	RMC	Todos	1,2,3	Frequentes

* = Mobilização visando atendimento reivindicações dos moradores ou melhoria infra-estrutura da Vila

PLANILHA 7 - PARTICIPAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA, SEGUNDO LOCAL, PERÍODO E FORMA - 2

PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA	OBJETIVOS	TIPO	RESULTADOS	LOCAL	PART.	CLIDADE	PERÍODO
Relação da comunidade com os comerciantes	Sustento da família (períodos difíc.)	Fiado	Sustento até safra	INT	Poucos	1	Específicos
Rezas durante a Quaresma e o Mês de Maio*	Louvor, Oração e Sacrifício	Reza/Procis.	Confrat/oração	INT	Muitos	1,2	Específicos
Catequese*	Orientação religiosa de crianças	Aulas	Confraternização	INT	Muitos	1,2	Eventual
Mutirão da colheita ou plantio	Ajudar os que tem mais dificuldade	Mutirão	Finalização do trab	INT	Poucos	1,2	Eventual
Participação em festas de Igreja*	Confraternização e angariar fundos	Quermesses	Lazer	INT	Muitos	1,2	Eventual
Participação na Associação de Moradores	Discutir reivind. Vila e constr.sede	Reuniões	Início constr. sede	RMC	Poucos	1,2;3	96/97,98
Líderes Comunitárias (ajuda aos necessitados)	Trab.solid:encamin, benzim, saúde	Auxílios div.	Reconhecimento	RMC	Poucos	1,2	Contínuo
Resistência direta à ação da COMEC/COHAB	Evitar cadastramento de moradores	Enfrentam.	Paraliz. trabalho	RMC	Lider.	1	Específico
Mobilização/reação à possib.de desapropriação	Evitar/apoiar proposta desapopr.	Assembl.	Parcial. obtidos	RMC	Todos	1,2;3	Específicos
Associação de Moradores _ Festas	Arrecadar fundos para constr.sede	Festas	Compra material	RMC	Muitos	1,2;3	Eventual
Associação de Moradores _ Mutirões	Construção sede e plantar árvores	Mutirão	Constr/plantio	RMC	Poucos	1,2	Eventual
Associação Moradores de Pinhais (Ocupação)	Mobilização em apoio à remoção	Reivind.polí.	Área seca design.	RMC	Poucos	1	Eventual
Campanha de material de constr. e mutirões	Reforma ou construção de casas	Auxílio	Abrigo a carentes	RMC	Poucos	1,2;	Eventual
Queixas p/ abandono da Vila p/ Prefeitura	Defende não pago.impos; Mutir.	Crítica	Insatisfação	RMC	Poucos	1,2	Eventual
Queixas quanto ao trabalho Assoc. Moradores	Acha Posto Saúde + importante	Crítica	Insatisfação	RMC	Poucos	1,2	Eventual
Reuniões dos Sindicatos Profissionais	Reivindicações específicas	Assembl.	Melhoria Salarial	RMC	Poucos	2	Eventual
Ajuda aos desempregados sem Seguro Desemp	Assistência à família do desemp.	Auxílios div.	Cesta Básica/roupa	RMC	Poucos	1,2	Frequentes
Campanhas da Igreja Católica na Comunidade*	Assistência aos pobres da Vila	Auxílios div.	Cesta Básica/roupa	RMC	Muitos	1,2	Frequentes
Grupo de Reflexão (Igreja Católica)*	Desenv.conhec.rel.e pensar comum	Reza casas	Confraternização	RMC	Poucos	1,2	Frequentes
Grupos de Jovens*	Atividades de Oração e Lazer	Retiros/pas	Amizade reforçada	RMC	Poucos	3	Frequentes
Mobilização/socorro/reivindicações/organiz.	Salvamento período de enchentes	Mobiliz.	Parcial. obtidos	RMC	Todos	1,2;3	Frequentes
Organizações religiosas*	Assist. aos moradores (enchentes)	Auxílios div.	Abrigo e aliment.	RMC	Poucos	1,2	Frequentes
Relação com os patrões	Sustento da família (períodos difíc.)	Doações	Sustento na cidade	RMC	Poucos	1	Frequentes
Brigas, disputas e ligações clandestinas água	Extensão benefício demais morad.	Reivind.	Obtidos + tarde	RMC	Parte	1	Início Vila
Mobilização/protestos/pressão dos moradores	Instalação de água e luz na Vila	Manifest.	Parcial. obtidos	RMC	Todos	1	Início Vila
Ações da Pastoral da Criança (Igr.Católica)*	Assist.saúde integral (prim. anos)	Acompanh.	Recuperação cças	RMC	Poucos	1,2	Mensal/Sema
Ação da Mão Cooperadora (Evangélica)*	Assistência à criança carente	Educ/Assist	Creche	RMC	Muitos	1,2;3	Permanente
Evangélicos (grupos de trabalho)*	Assist., limpeza, oração, pregação	Colaboração	Cumprim. tarefas	RMC	Muitos	1,2	Permanente
Comícios, churrascos, festas pré-eleitorais	Divulgação candidatos eleições	Político/eleit	Confraterniz/lazer	RMC	Muitos	1,2;3	Pré-Eleitoral
Comissão discussão conseq. PROSAN p/Vila	Conciliar interesses morad/governo	Audiências	Desist/realocação	RMC	Assoc.	1,2;3	Recente 95/96
Ações da Obra da Piedade/Mão Cooperadora*	Assist.aos evangélicos pobres	Auxílios div.	Abrigo e aliment.	RMC	Poucos	1,2	Semanalmente
Associação de Moradores _ Ações	Recursos constr. sede e atividades	Aluga campo	Mater.Constr.sede	RMC	Poucos	1,2	Semanalmente
Renovação Carismática (Igreja Católica)*	Oração e Louvor a Deus	Celebração	Renovação da fé	RMC	Muitos	1,2	Semanalmente

* = Participação e envolvimento de grupos religiosos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Rosilene; PESSANHA, Elina. Usos “legítimos” e “ilegítimos” de fontes orais: as ligações perigosas entre a Antropologia e a História (Versão preliminar). XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambú, Nov/1994. 203p.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- _____. A família e a cidade. In: VELHO, G. (Coord) **Psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981
- BOLETIM ESPECIAL PED, n. 1, Curitiba, agosto/95. (PED/RMC _ Pesq. de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Curitiba).
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T A QUEIROZ, 1979. 402p.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. (Org. Renato Ortiz) São Paulo: Ática, 1994. 191p.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 234p.
- BRUSCHINI, M. C. A. **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice/Revista dos Tribunais, 1990 p.31-81
- CARNEIRO, Maria José. Memória familiar, trajetórias individuais e processos históricos. XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambú, 1994. 9p.
- CARVALHO, Marília G. de. Relações de gênero na família. In: **Tecnologia e Humanismo _ CEFET/PR**, Curitiba, n.17, p.20-28, 1995
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Apresentação. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T A QUEIROZ, 1979.
- CUESTA, Josefina. **Historia del presente**. Madrid: Eudema, 1993. 95p.
- DICIONÁRIO AURÉLIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1973. 245p.
- DURHAN, Eunice. Família e reprodução humana. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**, Rio de Janeiro, n.3, Zahar, 1983
- FARIA, Vilmar E. Cinquenta anos de urbanização no Brasil. Tendências e perspectivas. **Novos Estudos**, n. 29, São Paulo, março/1991.
- FONSECA, Cláudia. Trabalho e cotidiano: o que condiciona o que? **Est. Econ.** São Paulo, v. 22, n. especial

GENTE EM MOVIMENTO, Curitiba: ABEP/IPARDES/ET (Dados do IBGE 1991/1996), 1998.
(Mapa Temático)

GIANOTTI, J. A. **Trabalho e reflexão: ensaios para um dialética da sociabilidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GRAZIANO DA SILVA, José. Estrutura fundiária e relações de produção no campo brasileiro. In: IIº ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS - ABEP. **Anais**. São Paulo, 1981. p.81-109.

GUIDUGLI, Odeibler S. Censos demográficos brasileiros: o nível crítico de seus usos pelos geógrafos. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS - ABEP. **Anais**, Belo Horizonte, 1994, v.1, p.133-148.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189p.

HOBSBAWN, E. J. O presente como História: escrever a história de seu próprio tempo. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n.43, Nov/95, pp. 103-112

Informativo PED Especial, Curitiba, IPARDES, SERT/SINE-PR, DIEESE, SEADE-SP, n. 3, março de 1995.

_____. _____, setembro de 1995

IPARDES/COMEC. **Cadastramento de moradores em área de risco da Região Metropolitana de Curitiba/PMA-03**, PROSAM _ Programa de Saneamento Ambiental, v.1, Curitiba, Ago/1994.

IPARDES _ INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná**. Elementos para uma discussão. Curitiba, IPARDES, 1978, 26p.

IPARDES _ INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Cadastramento de moradores em áreas de risco da Região Metropolitana de Curitiba**. PMA _ 03 do PROSAN _ Programa de Saneamento Ambiental, v. 1 (Termo de Cooperação Técnica IPARDES/COMEC). Curitiba, 1994.

_____. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná**. Curitiba, IPARDES, 1979. 232p.

_____. **Os migrantes na área metropolitana de Curitiba**. Curitiba, IPARDES, 1979.

_____. **Análise do emprego no Paraná**. Curitiba, IPARDES, 1983.

KOSMINSKY, Ethel. Pesquisas qualitativas _ a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. **Ciência e Cultura**, v. 38, n.1, SBPC, Jan/1986. P.30-36

LANG, Alice Beatriz da S. Gordo. A palavra do outro: uso e ética. **XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. Caxambú, out/1996. 10p.

LANGNESS, Lewis Leroy. **A história de vida na ciência antropológica**. São Paulo: EPU, 1973. 120p.

- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 318p.
- MACHADO, M^a das Dores C; MARIZ, Cecília L. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as Igrejas Pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os Grupos Carismáticos. In: **RBCS**, v. 12 n. 34, Jul/97 p.71-87.
- MACHADO, M^a das Dores C. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Aud. Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.
- MAGALHÃES, Marisa V. **O Paraná e as migrações _ 1940 a 1991**. Belo Horizonte, 1996
Dissertação. Mestrado em Economia, CEDEPLAR/UFMG, 108 p.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2.ed. Campinas: Pontes/Ed.UNICAMP, 1993. 198p.
- MARTINE, George. As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica. In: **CONGRESSO SOBRE A HISTÓRIA DA POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA. Anais**. Ouro Preto/São Paulo, 1989/90, p.16-26.
- MERRICK, T. W; GRAHAM, D. H. **População e desenvolvimento econômico no Brasil: de 1800 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MONSACRÉ, Hélène. Une histoire du présent. **Magazine Littéraire**, n.307, Février, 1993 p. 32-38
- MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão. **Cadernos de Jornalismo e Comunicação**, n.11, jun/1968. p. 65-71.
- MÜLLER, Geraldo. Estado, estrutura agrária e população. **Cadernos CEBRAP**, n.32, Petrópolis: Vozes/CEBRAP, 1980. 141p.
- OLIVEIRA, Francisco de . A economia brasileira: crítica à razão dualista. **Seleções CEBRAP**, n.1, São Paulo, Brasiliense/CEBRAP, 1977, p.7-78.
- PERILLO, Sônia Regina. Tendências migratórias no Estado de São Paulo: uma análise regional. In: **IX ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS – ABEP. Anais**. Belo Horizonte, 1994, v.1, p. 273-285
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. 2.ed. 182p.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível” In: SIMSON, Olga de M. von (Org). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Ed. Rev.Trib, 1988 p.14-43.
- RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta M; AMADO, Janaina (Org) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996 p.203-209
- ROCHA DOS SANTOS, Roseli. Modernização da agricultura, um projeto industrial. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 2, p. 79-98, 1994

ROCHE, J (1969). **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. v.1.

RODRIGUES, Roberto do N. ; RIGOTTI, José I. R. (1994). Distribuição espacial da população na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: **IX ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS – ABEP**. Anais. Belo Horizonte, ABEP, 1994, v.1, p.435-456.

SARTI, Cynthia A **A família como espelho**. Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia, FFLCH/USP, 1994

SIMMEL, Georg. Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA CAMPOS, M. Christina S. de. Mulher e família em São Paulo: diferentes momentos e diferentes classes sociais. **XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, Caxambú, 1996

SOUZA, Itamar de. (1980). **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980. 142p.

TELLES, Vera da Silva. **A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza**. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Sociologia), Depto. de Sociologia/USP p.193

TEMPO SOCIAL; R. Sociol. USP, São Paulo 4(1-2): 7-15, 1992.

THOMSON, A; FRISCH, M; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M. de M; AMADO, Janaína (Org) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996 p.65-91

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ULTRAMARI, Clovis; MOURA, Rosa (Org.) **Metrópole _ Grande Curitiba: teoria e prática**. Curitiba: IPARDES, 1994.

WOORTMANN, Klaas. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 265p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR CONSULTADA

ANJOS, Maria Anita dos. **Uma experiência de industrialização: cidade industrial de Curitiba**. Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História), SCHLA/UFPR. 256p.

ANPOCS. **O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1986-87. BIB n.11-14, p.206-242.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 279p.

_____. A família e a cidade. VELHO, Gilberto (Coord) **Psicologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p.13-23

BICALHO DE SOUSA, Nair H. **Trabalhadores pobres: conflitos, direitos e cidadania**. Trabalho apresentado no XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambú, ANPOCS, 1994. 43p.

BIDEAU, Alain; NADALIN, Sérgio O. **Histórias de vida e análise demográfica da fecundidade: abordagens complementares para uma história de comportamento social**. In: CONGRESSO SOBRE A HISTÓRIA DA POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA – ABEP **Anais**. Ouro Preto/São Paulo, 1989/90. p.131-141.

BILAC, Elisabete Dória. **Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência**. São Paulo: Símbolo, 1978.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. 399p.

BRUSCHINI, Maria Cristina. **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice, 1990. 222p.

CARDOSO, Ruth C. L. **Movimentos sociais na América Latina**. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n.3, p.29-50, 1983.

CARNEIRO, Maria José. **Memória familiar, trajetórias individuais e processos históricos**. Trabalho apresentado no XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambú, 1994. 9p.

_____. História a contrapelo. In: DE DECCA, E. S. **1930 - O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.11-28

CIÊNCIAS SOCIAIS HOJE, 1992. Rio de Janeiro: Rio Fundo/ANPOCS, 1992. 298p.

COSTA, Iraci del Nero da. **Apontamentos para a história da demografia histórica no Brasil**. São Paulo: USP/IPE, inédito, 1989. 4p.

DE DECCA, Edgar S. **1930 _ O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Rebelião e revolução na história social. In: BRESCIANI, Maria S.; SAMARA, Eni de M.; LEWKOWICZ, Ida. (Org.). **Jogos da política: imagens, representações e práticas**. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; FAPESP, 1992. p.13-29.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 135p

DUPÂQUIER, Jacques. **Pour la demographie historique**. Paris: PUF, 1984. 188p

DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1973.245p.

FAUSTO, Boris. Estado, classe trabalhadora e burguesia industrial (1920-1945): uma revisão. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 20, p.6-37, mar. 1988

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral no Brasil: um balanço. **XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. Caxambú, nov/1994. 13p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. 277p

FLANDRIN, Jean-Louis. **Famílias. Parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga**. Lisboa: Estampa, 1992. 291p.

FONSECA, Cláudia. Trabalho e cotidiano: o que condiciona o que? **Est. Econ.** São Paulo, v.22, n.especial, p.25-47, 1992

GARCIA, Marco A. Apresentação. In: CASTORIADIS, C. **A experiência do movimento operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. A célula da história. **LEIA**, v. IX, n.105, p.25-26, Jul/87

GIANOTTI, J. A. **Trabalho e reflexão: ensaios para uma dialética da sociabilidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GRAZIANO DA SILVA, José. Estrutura fundiária e relações de produção no campo brasileiro. In: IIº ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS - ABEP **Anais**. São Paulo, 1981. p.81-109.

GUIDUGLI, Odeibler S. Censos demográficos brasileiros: o nível crítico de seus usos pelos geógrafos. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS - ABEP. **Anais**. Belo Horizonte, 1994, v.1, p.133-148.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Operários e mobilidade social na Bahia: análise de uma trajetória individual. **RBCS**, n. 22, v.8, junho de 1993, p.81-97

GUIMARÃES, Iracema B. Dimensões da vida familiar e da sociabilidade em um grupo operário. XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambú, 1994. 38p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990. 189p.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 121p.

HILL, Christopher. Sexo, casamento e família na Inglaterra. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.12, n.22/23, Jun-Dez de 1991. p.7-29

IPARDES _ INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná**. Elementos para uma discussão. Curitiba, IPARDES, 1978, 26p.

IPARDES. **Caderno estatístico municipal**. Pinhais, 2º Semestre/94. (Banco de Dados).

_____. **Caderno estatístico municipal - Histórico de Piraquara**, 2º Semestre/94. (Banco de Dados).

_____. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná**. Curitiba, IPARDES, 1979. 232p.

_____. **Os migrantes na área metropolitana de Curitiba**. Curitiba, IPARDES, 1979.

_____. **Análise do emprego no Paraná**. Curitiba, IPARDES, 1983. 203p. Convênio SEPL

_____. **Situação recente do mercado de trabalho formal paranaense.** Curitiba, IPARDES, 1984.

_____. **Situação social da população do Paraná nos anos 80.** Curitiba, IPARDES, 1992.

IPARDES. **Informativo PED**, v.1, n.1, novembro de 1994.

IPARDES. **Informativo PED**, v.1, n.2, dezembro de 1994.

_____. **Informativo PED**, v.2, n.1, janeiro de 1995.

_____. **Informativo PED**, v.2, n.2, fevereiro de 1995.

_____. **Informativo PED**, v.2, n. 3, março de 1995.

_____. **Informativo PED**, V. 2, n. 4, abril de 1995.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA - IPPUC.
Diagnóstico da área metropolitana de Curitiba e seu Município Pólo, Curitiba, 1970

KOSMINSKY, Ethel. Pesquisas qualitativas - a utilização da técnica de história de vida e de depoimentos pessoais em Sociologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 38, n.1, p.30-36, Jan. 1986.

KOURY, Mauro G. P. Olhares sombrios sobre a cidade: a pobreza urbana através da fotografia. XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambú, 1994. 7p.

KOWARICK, Lúcio. Movimentos urbanos no Brasil contemporâneo: uma análise da literatura. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.1, n.3, p.38-50, 1983.

LACLAU, Ernesto. Os movimentos sociais e a pluralidade do social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n.2, p.41-47, 1986.

LANGE, A. M. C. R. e outros. **Dinâmica espacial e setorial da força de trabalho no Paraná.** Elementos para uma discussão. Curitiba, IPARDES, Dez. de 1978. p.6

LANGNESS, Lewis L. **A história de vida na ciência antropológica.** São Paulo: EPU, 1973. 120p.

LE GOFF, Jacques; LADURIE, Le Roy; DUBY, Georges e outros. **A Nova História.** Edições 70: Lisboa, s.d. (Copyright - 1977).

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 318p.

LOBO, Elisabeth S. Caminhos da Sociologia no Brasil: Modos de vida e Experiência. **Tempo Social; Ver. De Sociol. USP**, São Paulo 4(1-2): 7-15, 1992.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. 391p.

MAGAZINE LITTÉRAIRE: la nouvelle histoire de France - Les lieux de mémoire, n.307, février, 1993

MARANHO, Eron J; CIMINELLI, Rossana R. As luzes da cidade. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 90, jan/abr. 1997, p.3-13

MARSON, Adalberto. Lugar e identidade na historiografia dos movimentos sociais. In: BRESCIANI, M. S.; SAMARA, Eni de M; LEWKOWICZ, Ida (Org.). **Jogos da Política: imagens, representações e práticas**. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; FAPESP, 1992. p.31-49

MARTINE, George. As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica. In: CONGRESSO SOBRE A HISTÓRIA DA POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA – ABEP **Anais**. Ouro Preto/São Paulo, ABEP, 1989/90, p.16-26.

MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão. **Cadernos de Jornalismo e Comunicação**, n.11, p.65-71, jun. 1968.

MÜLLER, Geraldo. Estado, estrutura agrária e população. **Cadernos CEBRAP**, n.32, Petrópolis: Vozes/CEBRAP, 1980. 141p.

NADALIN, Sérgio O. **A demografia numa perspectiva histórica**. Belo Horizonte, ABEP, 1994. 111p.

NASCIMENTO, Elimar P. do. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos desnecessários aos excluídos necessários. Trabalho apresentado no XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Caxambú, 1994. 21p.

OLIVEIRA, Francisco de. A economia brasileira: crítica à razão dualista. **Seleções CEBRAP**, n.1, São Paulo, Brasiliense/CEBRAP, 1977, p.7-78.

PAOLI, Maria C. e outros. Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, Marco Zero, n. 6, p.129-149, set/1983.

- PAOLI, Maria C. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: LOPES, José Sérgio Leite (Coord.) **Cultura & identidade operária**. Aspectos da cultura da classe trabalhadora. São Paulo: Marco Zero, 1987. p.53-101.
- PAOLI, M. C. A historiografia enquanto esperança. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 nov. 1987, Livros, p.A37.
- PATARRA, Neide Lopes. Transição demográfica e família: notas para discussão. **Ciências Sociais Hoje**, 1985, São Paulo, Cortez/ANPOCS, p.242-257.
- PERILLO, Sônia Regina. Tendências migratórias no Estado de São Paulo: uma análise regional. In: IX ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS – ABEP, Belo Horizonte, 1994, v.1, p.273-285.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 332p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. 182p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, Olga de Moraes von (Org.) **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988. p.14-41.
- RIDLEY-LEIGH, Dominique. Mulheres na migração: redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v.26, 1980, p.209-222.
- RODRIGUES, Roberto do N. ; RIGOTTI, José I. R. Distribuição espacial da população na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: IX ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS – ABEP, **Anais**. Belo Horizonte, ABEP, 1994, v.1, p.435-456.
- SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, J. L. F; LEVY, M. S. F; SZMRECSÁNYI, Tamás (org) **Dinâmica da população**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. 362p.
- SARTI, Cynthia. Ambivalência entre iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres. Trabalho apresentado no XVIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambú, 1994. 24p.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo.** São Paulo, 1994 Tese (Doutorado em Antropologia, FFLCH/USP, 215p

SHORTER, Edward. **Naissance de la famille moderne- XVIIIe/XXe siècle.** Paris: Seuil, 1975. 376p.

SILVA, Ana A. da. Dimensões da interlocução pública: cidade, movimentos sociais e direitos. DINIZ, E; LOPEZ, J. S. L; PRANDI, R (Org.) **O Brasil no rastro da crise.** São Paulo: ANPOCS/HUCITEC/IPEA, 1994. p.204-224.

SIMMEL, Georg. **Georg Simmel: sociologia.** São Paulo: Ática, 1983, 192 p.

SIMSON, Olga de M. von (Org). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil.** São Paulo: Vértice, Ed. Rev.Trib, 1988

SINGER, Paul. **Economia Política da urbanização.** São Paulo: Brasiliense/CEBRAP, 1975, p.31-60 e 137-152

SOUZA, Itamar de. **Migrações internas no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1980. 142p.

STONE, Lawrence. **Família, sexo y matrimonio en Inglaterra; 1500-1800.** México: Fondo de Cultura Economica, 1990.367p.

SZMRECSÁNYI, T; SOUZA, G.A.A. de. População, força de trabalho e emprego. In: SANTOS, J. L. F; LEVY, M. S. F; SZMRECSÁNYI, T. (Org) **Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise.** São Paulo: T.A.Queiroz, 1991

TELLES, Vera da S. **A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza.** Um estudo sobre trabalho e família na grande São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Sociologia) USP, 263p.

_____. Pobreza, movimentos sociais e cultura política: notas sobre as (difíceis) relações entre pobreza, direitos e democracia. DINIZ, E; LOPES, J.S.L; PRANDI, R (Org.) **O Brasil no rastro da crise.** São Paulo: ANPOCS/HUCITEC/IPEA, 1994. p. 225-243.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária Inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (v.1 - A árvore da liberdade, p. 9-204)

THOMPSON, E. P. **Tradición, revuelta y consciencia de clase.** Estudios sobre la crisis de la sociedade preindustrial. 2.ed. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

WOORTMANN, Klaas. **A família das mulheres.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987. 316p.

FONTES

1. Fontes estatísticas secundárias já referenciadas;
2. Histórias de vida de migrantes, moradores de Piraquara e Pinhais (26), compreendendo mais de 60 horas de gravações, devidamente transcritas;
3. Questionários amplos, onde procuramos abordar os mesmos itens que entrariam em histórias de vida, reservando inclusive, espaço para comentários mais amplos (11).